

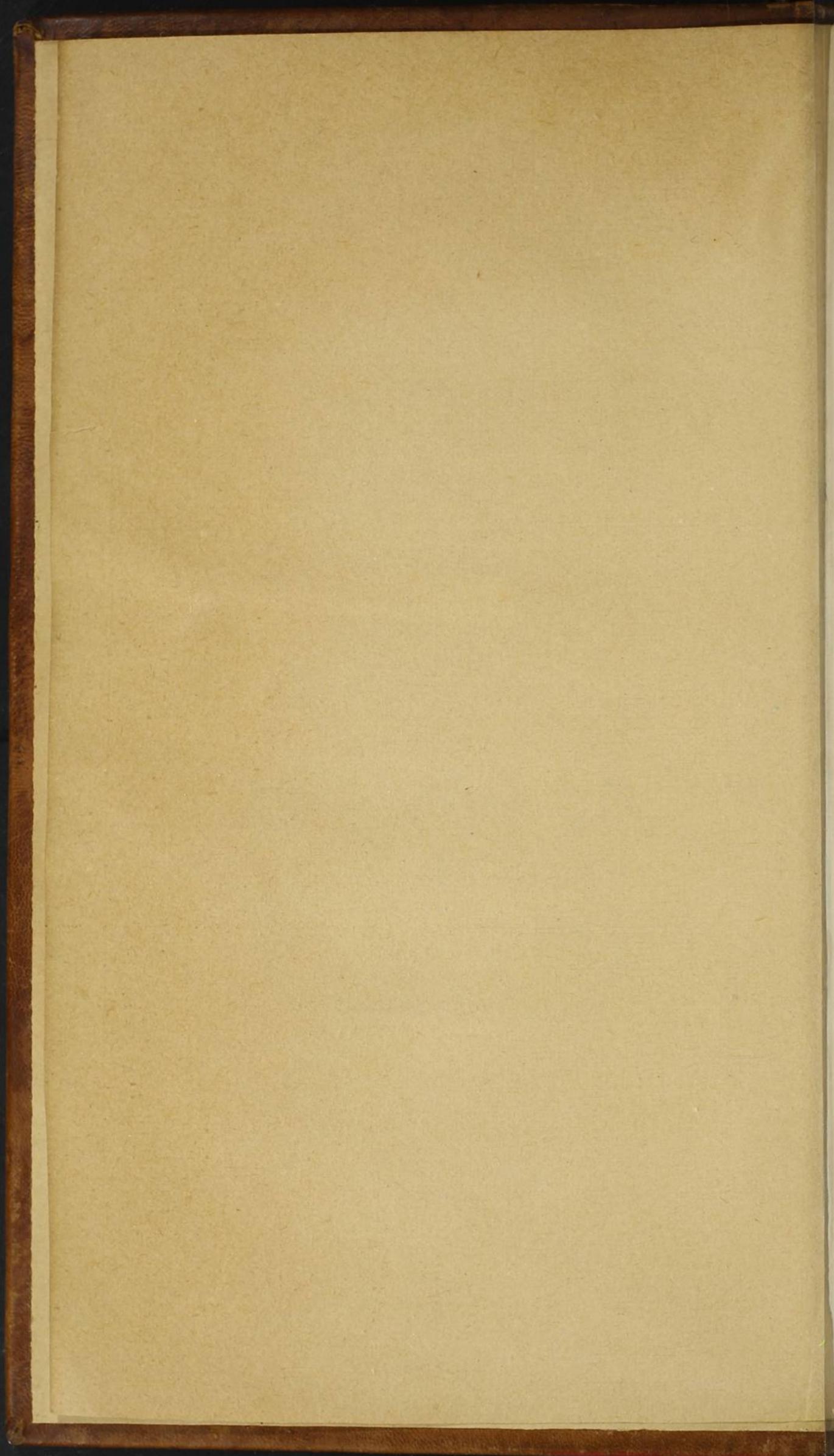
Trad.

José Luaces de Abreu e Lima

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



**HISTORIA**  
**UNIVERSAL**

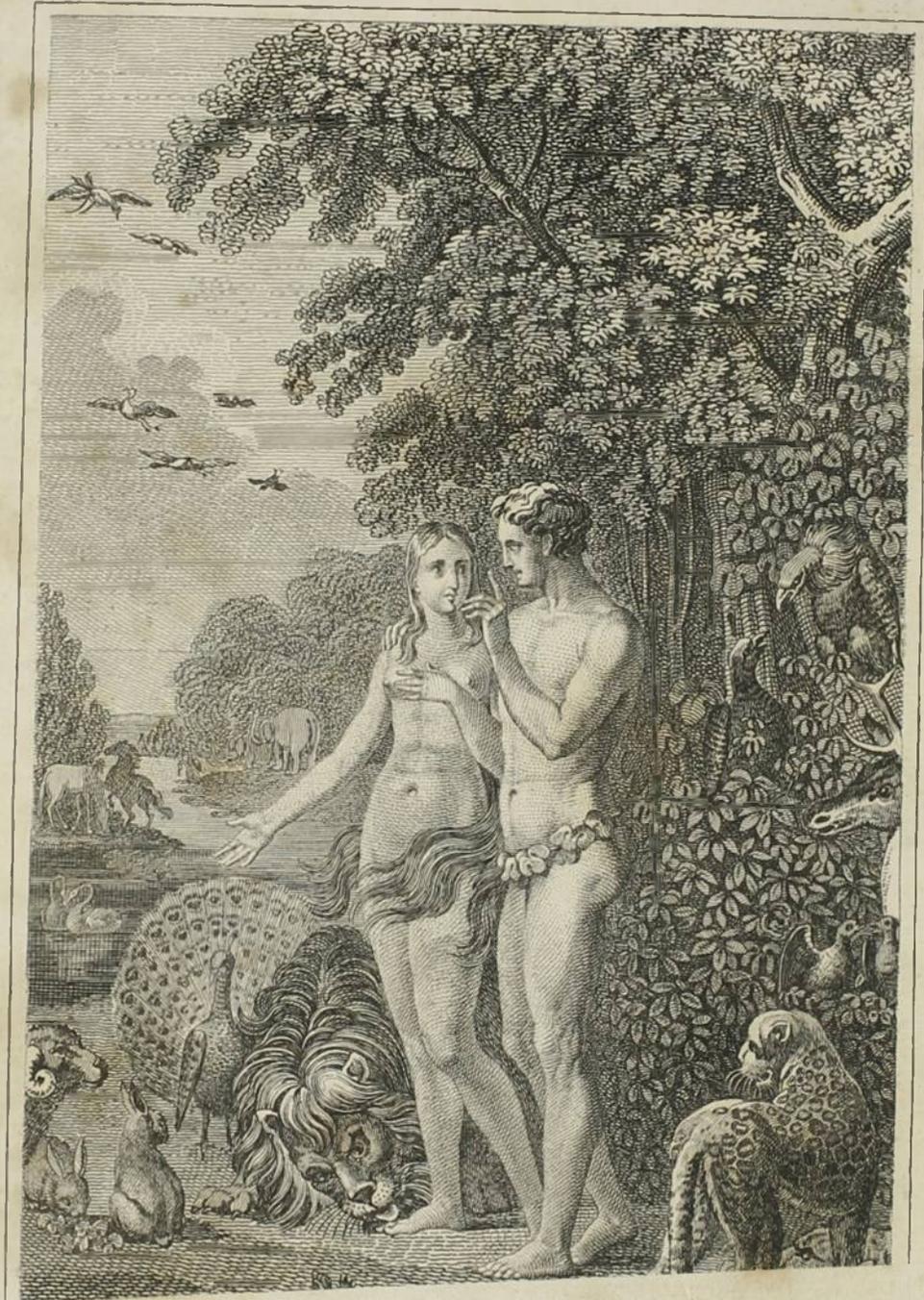
**I**

HISTORIA

UNIVERSAL



Th. I.



ADÃO E EVA

# HISTORIA UNIVERSAL

DESDE

OS TEMPOS MAIS REMOTOS ATÉ AOS NOSSOS DIAS

RELATANDO

OS ACONTECIMENTOS MAIS NOTÁVEIS EM TODAS AS EPOCHAS

E OS FEITOS DOS HOMENS MAIS CELEBRES DE TODOS OS POVOS

composta sobre o plano

**DE GABRIEL GOTTOFREDO BREDOW**

PROFESSOR DE HISTORIA NA UNIVERSIDADE DE BRESLAU

E ENRIQUECIDA COM NOTAS

POR UM BRASILEIRO

ORNADA COM 24 ESTAMPAS

**TOMO PRIMEIRO**

Considerações geraes sobre varios assumptos, desde os  
tempos mais remotos.



**RIO DE JANEIRO**

EM CASA DOS EDITORES-PROPRIETARIOS

**EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT**

Rua da Quitanda n.º 77

1847

HISTORIA UNIVERSAL

1871

IN TOTA ET ENTIRE IN UNO

DE PONTIFICIS ROMANIS ET REGUM

ET IMPERATORUM SACRAE ROMANAE IMPERII

DE PONTIFICIS ROMANIS ET REGUM

ET IMPERATORUM SACRAE ROMANAE IMPERII

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

RUA DO LAVADIO, 53.

## PREFACIO

Era, ha muito, geralmente sentida a falta de uma Obra sobre a Historia Universal, que podesse servir não sómente para a instrucção da nossa mocidade como para os adultos, pois que não possuíamos na lingua portugueza senão algumas traducções imperfeitas, que, por incompletas ou demasiadamente extensas, não podiam

servir para o estudo elementar. Uma pessoa muito habilitada, que havia promettido satisfazer esta necessidade, acaba a morte de rouba-la, deixando incompletos os seus trabalhos; e como das sciencias positivas é a historia a que exige maior copia de conhecimentos, difficil se torna que appareça neste genero uma obra que satisfaça as condições do seu destino, principalmente no começo da nossa nascente litteratura.

Não seria eu por certo o primeiro a tentar uma empreza tão ardua, se não fosse uma casualidade, a que é devido este meu primeiro ensaio. Fallaram-me para que me encarregasse de fazer uma traducção do *Compendio de Historia Universal* por *Bredow*, que no espaço de 33 annos tinha merecido a honra de onze reimpressões na Allemanha. Esta circumstancia bastaria para a recommendação da Obra; porém era mister lê-la para poder julgar por mim, ainda que só se me exigisse uma traducção litteral. Com effeito, o plano do autor, a que me refiro, tem uma particularidade, porque se separou no principio da velha usança de começar a historia pelo mundo moral preterindo a do mundo physico. Seguindo neste caso a Moysés, o mais antigo Historiador e o mais sublime Philosopho, é pela formação do

nosso globo que elle tambem começa a sua relação.

Todavia, imperfeito me pareceu o resumo de *Bredow*, que nenhuma ordem guarda na serie dos factos; pois, destinado para a instrucção primaria, preferio os acontecimentos mais notaveis, sem importar-se muito com a deducção chronologica, deixando ás vezes longos intervallos, que desfiguram inteiramente a historia. Neste caso, uma simples traducção viria augmentar o numero das que já possuímos, sem melhorar a sua condição. Tomei portanto o accordo de seguir tão sómente o plano de *Bredow*, ampliando quanto me fosse possivel a serie dos acontecimentos, ligando-os pela chronologia, e preenchendo deste modo as faltas que se encontram a cada passo nas differentes epochas do seu resumo.

Para isto servi-me de varias Obras, entre outras, do Discurso sobre a Historia Universal por Bossuet, da Historia Universal pelo Abba-de Millot, e da mais moderna de João de Müller, das quaes extractei com grande cuidado e esmero todas as passagens mais essenciaes para o complemento da minha Obra. Emquanto á historia primitiva, preferi a Biblia a qualquer outra Historia Profana, visto que

todos os Historiadores tem ido beber áquella fonte. Extractando em resumo a historia dos tempos primitivos, conservei exactamente a mesma phrase da excellente traducção do Padre Antonio Pereira. Muitas outras Obras consultei, e pelas notas com que enriqueci o meu Livro se verá o immenso trabalho a que me dei, afim de preencher a minha tarefa com vantagem para a mocidade estudiosa, e para outras pessoas que não possam consultar as grandes Obras, sempre difficeis de obter pelo seu alto preço, ou porque se acham em linguas estranhas, que nem todos conhecem.

Na descripção do mundo physico preferi o que as sciencias nos tem modernamente revelado; nem sei como neste seculo se poderia escrever ácerca da formação do nosso globo sem contar com o auxilio da Geologia, a que não é possivel recusar-se a fé humana. Confesso que neste caso posso parecer pouco orthodoxo; porém a culpa não é minha, e para conservar o que ha de mais essencial na Sagrada Escripura, fiz um esforço para casar, quanto me foi possivel, a sciencia com a letra do Genesis. Em todo o caso, resalvo como Catholico a minha consciencia sobre tudo quanto diz respeito á fé divina.

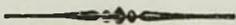
Até o seculo VIII<sup>o</sup> segui a deducção chronologica de Bossuet, que me pareceu a mais exacta, e dahi por diante a de Millot, com varias correccões de outros autores que consultei. Quando se notam os erros grosseiros de que estão inçadas todas estas Historias, vê-se então o trabalho immenso que custa o purifica-las, debaixo das regras de uma critica apurada, para não cabir em novos erros, principalmente quando são de tal natureza, que escapam aos mais vastos conhecimentos. Para que se veja como a Historia se acha viciada, bastará notar que Bredow diz que Bartholomeu Dias (o primeiro que reconheceu o Cabo da Boa Esperança) era Allemão, e que *Vasco da Gama era Genovez!* Müller diz igualmente que fôra Americo Vespuccio quem descobrira o Brasil, etc.

Não fiz de certo uma Obra completa, nem perfeita, mas dei um passo para a perfeição, porque abri caminho para outros que queiram seguir o meu exemplo, corrigindo os meus erros como eu tratei de corrigir os dos que me precederam; pelo menos o meu trabalho não será inutil, visto que reuni em um Livro muitos factos deslocados, que se encontram em distinctos autores, principalmente pelo que diz

respeito á America, de que ainda temos tão poucas noções. Nesta parte muitas cousas que digo são inteiramente novas, porque são o resultado das minhas proprias viagens e experiencia, ou de outros que recolhi, mas que não se acham consignadas em nenhuma Historia.

---

# HISTORIA UNIVERSAL



## CAPITULO PRIMEIRO.

### Discurso sobre a Historia.

**É** a historia sciencia complicada, que demanda aturado estudo para comprehende-la. Pensa-se que um moço, dotado de memoria, sabe historia, só porque repete de enfiada alguns acontecimentos, algumas datas e nomes proprios, como se a historia, propriamente dita, fosse tão sómente uma chronica ou um manual de datas; não por certo. Se a historia não fosse uma sciencia tão difficil, não haveriam tão poucos historiadores, dignos d'esse titulo, como realmente acontece. Saber a historia, diz Saint-Réal, é conhecer os homens, de que ella é o retrato, não em miniatura, mas a oleo, com

todas as suas côres e seus laivos, com todas as suas feições, seus gestos, suas bellezas e deformidades. A historia é portanto o juiso sobre as acções dos homens; estudar a historia é averiguar, comprehender os motivos, as opiniões, as paixões dos homens, para deduzir d'ahi a razão efficiente do seu procedimento, para conhecer as molas do coração humano, e fazer desaparecer todas as illusões que offuscam os espiritos, e todos os preconceitos que embotam a razão. —

Desde a criação do mundo até os nossos dias muitos homens existiram, que por uma serie de feitos gloriosos se elevaram acima de seus concidadãos, já como heróes na guerra, ou bemfeitores na paz. Como estes homens procurassem geralmente o bem estar de seus semelhantes, não sómente eram respeitados e obedecidos durante a vida, senão adorados depois de mortos, e considerados como Deoses de primeira ordem — *Dii majorum gentium*. — Os fundadores das Republicas, os Legisladores e os Heróes de cada Estado particular foram considerados como Deoses de segunda classe — *Dii minorum gentium*. — Á medida dos beneficios, que estes sêres privilegiados faziam aos homens, recebiam d'elles as honras e distincções, não só em vida como depois de mortos; a magestade foi o primeiro premio, e a divindade o segundo; ambos se adquiriam por meio de serviços relevantes feitos aos homens, a quem era facil n'aquelles dias de simplicidade e de superstição fazer passar da

admiração e reconhecimento á adoração e á crença.

Tudo assim pareceria traçado por um plano de perfeição, se a unica distincção entre os homens fosse a de seus merecimentos e serviços; se aquelles que mais se distinguiram, se tivessem assignalado tão sómente como grandes Legisladores, Sabios, Artesões ou Agricultores; porém infelizmente para o genero humano, ao passo que uns se tornavam celebres por boas acções e preciosas descobertas, outros o foram igualmente por crimes inauditos, e por uma perversidade de coração, que parece justificar a maldicção da nossa raça. — Tambem houveram homens, que se fizeram memoraveis pela singularidade de seus destinos, por uma alternativa de prosperidades e de infortunios, e cujas vidas foram uma serie de circumstancias felizes ou de crueis vicissitudes. — Tantos e tão variados acontecimentos se foram succedendo durante os seculos, e de tal modo gravando-se na memoria dos homens, que chegaram a perpetuar-se por meio da tradição. —

Fracas e mesquinhas povoações em sua origem tornaram-se grandes e poderosos Estados pela guerra, pelo commercio ou por sabias instituições; emquanto possantes monarchias definhavam por preço de suas conquistas, e corriam á sua perda por meio de empresas temerarias. Paizes arenosos, incapazes de vegetação, adquirem nomeada por sua fertilidade, roteados pelo trabalho dos homens, como o Brandeburgo, e

a Silesia: emquanto outros, férteis e cultivados, se acharam reduzidos a desertos pela guerra, pela oppressão, ou pela estupidez e cegueira de seus habitantes, como algumas provincias da Turquia e da Hespanha. — O nosso globo tambem tem soffrido alterações em muitas de suas partes. As aguas se tem retirado de umas terras para lançar-se sobre outras, como no Egypto e no norte da Allemanha. — Do seio do Oceano tem-se visto erguerem-se ilhas, em tanto que vastos continentes tem desapparecido por seu turno; — quantas montanhas abatidas, quantos valles soterrados pelas convulsões da natureza! Muitas d'essas alterações são devidas a causas talvez bem fracas; o que estava separado por grandes distancias, achou-se reunido por uma influencia invisivel; e como ignoramos a maneira porque a união se consummou, admiramos os effeitos por não termos consciencia das causas. O homem, que contempla todas estas cousas com aquelle religioso recolhimento, que tanta impressão causa no silencio da meditação, deve humilhar-se diante da omnisciencia do Creador.

Não só o mundo physico, mas tambem o mundo moral não é hoje o que foi em outros tempos, nem ainda em epochas bem pouco remotas. As instituições da nossa actual vida social, muitas das nossas leis, usos e costumes, administração e autoridades, todo o complexo enfim das sociedades modernas foi desconhecido nos tempos chamados patriarchaes. A mesma religião e seu culto tem variado com os seculos. —

A nossa vida domestica não data de tempo immemorial. A arte de edificar, a maneira de vestir-nos, todos os nossos usos e costumes de hoje foram ignorados por nossos antepassados. Conhece-se a imperfeição, em que ha bem poucos seculos existiam todas as artes e officios, que concorrem para os commodos da vida. As descobertas, as invenções em todos os generos, não surgiram de um jacto; appareceram e foram aperfeiçoando-se com o correr dos tempos; umas com o fim de facilitar os amanhos da agricultura e da manufactura, outras para embellesar a existencia do homem, como a musica e a pintura.— Estas descobertas foram progressivamente melhorando, á proporção que fomos conhecendo melhor as forças da natureza, e tirando d'ellas todo o proveito e vantagens, tivemos então os conductores electricos, as machinas de vapôr, e não tardará muito que crusemos os ares em solidos balões. Quão maravilhosas se revelam as provas da alta sabedoria do Pai do genero humano, que por todas as partes se mostra o prototypo da intelligencia e da rasão eterna!!

Todos os acontecimentos devidos á acção do homem, ou que com elle tenham immediata relação: as vicissitudes dos Estados ou sociedades inteiras, e as d'aquelles individuos, que se fizeram memoraveis entre seus semelhantes: as descobertas de novos paizes e o augmento da raça humana: a invenção dos instrumentos com que a intelligencia do homem tem conquistado para si as forças da natureza, fazendo-as servir

em seu proveito e para utilidade dos da sua especie: eis-ahi os materiaes de que se compõe a historia. O homem é sem duvida o *ponto de partida*, porque nada existe hoje na natureza, de que elle se não tenha occupado, e possa fazer uma completa revelação de tudo quanto se tem passado sobre a terra.

A historia não pôde ser tão perfeita como era para desejar, porque de muitos acontecimentos ignoramos as causas; nem era possivel a exactidão, quando remontamos a tempos desconhecidos para nós, que se perdem no vago das tradições. — Tão pouco consiste a perfeição da historia na investigação minuciosa de certos accidentes da vida do homem, porque demasiado tem ella de occupar-se com todos os actos, que se ligam á sociedade inteira, vasto campo onde não ha barreiras, que lhe tolham o passo.

O essencial consiste: em relatar todos os acontecimentos, cujos resultados tenham tido alguma influencia (em mal ou em bem) sobre os Estados ou sobre o Genero humano; suas circumstancias, causas ou effeitos, tempo e logar do successo, agentes ou pacientes, ainda que o acontecimento tenha sido insignificante em sua origem.

Uma das descobertas mais importantes foi sem duvida a da Bussola (\*). Esta invenção

---

(\*) A bussola, ou agulha de marear, foi inventada entre os Chinas pelo anno de 2600 antes de Jesus Christo. Foi conhecida na Europa no seculo XIII; e alguns querem, que fossem os Arabes os que a introduziram primeiro.

fez com que os navios, que se não podiam separar das costas, se lançassem no Oceano, e podessem affrontar as tempestades, e correr á mercê dos ventos e das aguas. Quem poderia calcular até que ponto tem chegado ou pôde chegar esse maravilhoso invento de um seculo tão remoto, e cuja perfeição tem concorrido para explorarmos os cabos do mundo? Sem a bussola não teriamos alcançado o limite meridional d'África, nem Colombo nos teria revelado um novo mundo. Eis-ahi como um instrumento em si tão limitado, uma simples agulha magnetizada, pôde mudar a face do globo, e fazer uma revolução na ordem social.

A Imprensa não foi menos fertil em optimos resultados, e, como a Bussola, marcou uma era singular nos fastos da intelligencia humana. Este simples acontecimento, que ao principio se limitou a uma prova do quanto é capaz o espirito do homem, teve logo todo o desenvolvimento, de que era susceptivel pela amplitude de seus meios. —

O seculo xv não será mais famoso pela descoberta da America, nem pelo novo trajecto para as Indias Orientaes, do que pela nobre invenção da Imprensa, que veio dar rapido vôo á intelligencia, e rasgar o véu da ignorancia,

---

Suas propriedades foram conhecidas em França e em Veneza no anno de 1260; e o seu uso aperfeiçoado por Flavio Goia no de 1302; porém as variações na declinação da agulha só foram observadas em 1500.—

em que se achava submergida a Europa Occidental (\*).

A descoberta do vapôr como o mais poderoso agente das forças da natureza (\*\*), é outro acontecimento, cujos resultados ainda não podemos calcular, a julgarmos pelos melhoramentos, que tem experimentado durante os ultimos trinta annos. Quem havia de presumir, ha pouco mais de meio seculo, que o mundo se tornaria uma sociedade, e que as distancias desapareceriam pela facilidade e presteza das communicações?

---

(\*) A imprensa tambem se suppõe ser invenção dos Chinas pelo anno 939 da nossa éra, porém na Europa foi descoberta em Strasburgo e Moguncia em 1440. — Os primeiros livros, que trazem data, são de 1457, 1459 e 1460, e foram impressos por Fust e Guttemberg. A este ultimo se attribue particularmente a invenção; pelo que acaba de erigir-se-lhe um monumento em Strasburgo.

(\*\*) A descoberta da força expansiva do vapôr data de longos annos. — Refere Navarrete que a meiado do seculo xvi se fizera diante de Carlos V a experiencia de um barco movido por vapôr, que fôra de Barcelona a Mahon e regressara. — Em uma obra impressa em 1615, de Salomon de Caus, engenheiro francez ao serviço do Eleitor Palatino, acha-se a idéa de empregar o vapôr como força motriz. — A fins do seculo xvii appareceu a caldeira de Papin, melhorada depois por Lemarc. — A principios do seculo xviii Newcommen, Ferronier e Cowley levaram a effeito as idéas de Savery, e em 1764 Watt aperfeiçãoou todos os trabalhos de seus antecessores. — Em 1807 construiu Fulton o seu primeiro barco de vapôr em Nova-Yorck, e em 1815 fez-se em Inglaterra o primeiro ensaio de carros movidos por vapôr. —

quem diria que um agente tão simples, como facil, poderia supprir toda a força dos homens, e que o trabalho material seria confiado á força bruta, ficando o homem desobrigado d'este peso para dar-se tão sómente ao trabalho intellectual? Entretanto ahi estão os factos para confirmar o que acabamos de dizer.

A invenção da polvora (\*), effeito talvez de uma simples casualidade, é outro facto notavel, que teve immensas consequencias para a civilização. — Não a julgamos, como outros, uma calamidade, cujos desastres se contam pelo numero das batalhas, e dos assaltos; pelo contrario, é innegavel que os combates hoje se tem tornado menos mortiferos depois do uso das armas de fogo, e que as fortificações permanentes, resultado d'esta invenção, trouxeram comsigo a impossibilidade d'esses promptos e terriveis ataques ou invasões, com que eram assolados todos os paizes tomados por surprizas. Hoje nem as guerras, nem as conquistas tem esse caracter

---

(\*) Está hoje provado que os Chinas conheceram a polvora antes dos Europeos, ainda que se não possa averiguar exactamente quando nem como; alguns pretendem que fôra pelo anno de 1232 da nossa éra, porém os Chinas querem que fosse dezeseite seculos antes. — Na Europa não se pôde bem assignalar a epocha nem o autor da descoberta, porque uns a attribuem a Roger Bacon em 1278, e outros a um frade de Friburgo, chamado Bertholdo Schwartz, a principio do seculo xiv; porém o certo é que só n'esse seculo fôra ella empregada nas guerras da Europa, pelo anno de 1338. —

selvagem de destruição, que distinguia os conquistadores dos primeiros tempos; nem os campos de batalhas se cobrem com os cadáveres dos vencidos, como quando o combate era dado corpo a corpo e com arma branca. A invenção da pólvora modificando o character feroz dos povos bellicosos, muito concorreu para a civilisação do mundo moderno. —

Nada parece tão insignificante na historia do mundo como fazer-se menção de algumas arrobas de batatas (\*); entretanto julgando o facto por suas consequencias, veremos a influencia que tem exercido na Europa esta raiz tuberculosa, transplantada da America, e cuja cultura offerece subsistencia a milhões de homens. Em annos de penuria e escassez é a batata o recurso de muitos povos, que dantes eram ceifados pela fome. — Quanta parte não tem tido esse acontecimento na civilisação, e até mesmo no progressivo augmento da população europea? O que

---

(\*) A batata, conhecida no Brasil pelo nome de batata ingleza, é originaria da America, e produz espontaneamente em toda a cordilheira dos Andes. — Em 1586 o Inglez Francisco Drake levou para Inglaterra uma porção, que foi cultivada com esmero, e adquiriu tal importancia, que depois de dois seculos e meio, ainda se lembram com reconhecimento da sua primeira introdução na Europa. — Da Inglaterra passou para o Continente; a Allemanha a naturalisou em 1700, e a França a meiado do mesmo seculo, e em 1835 produziu 71:985,811 *hectolitros*, quantidade enorme de substancia alimenticia tão sã e tão barata.

seria hoje a Irlanda, o que seria de muitos paizes do Norte, cujo solo ingrato por natureza apenas se presta á cultura da batata?

O contagio da bexiga, que devastou a Europa durante onze seculos (\*), privando da vida, da saude ou da belleza, a milhões de entes da especie humana, é um d'aquelles flagellos, que passariam desapercibidos na historia, se uma feliz casualidade não viesse dar-lhe uma importancia tão assinalada entre os grandes beneficios da Providencia. A descoberta da vaccina (\*\*) é pois um acontecimento memoravel, que tem tido consequencias de subido valor para a humanidade, e que melhorando a condição da nossa especie, torna a existencia mais feliz diminuindo seus azares. —

Além d'estes acontecimentos, que em sua origem parecem com o pequeno regato, que engrossando em seu curso vem depois pagar ao

---

(\*) A bexiga foi trazida á Hespanha pelos Arabes no seculo VIII, e d'alli é que se propagou por toda a Europa; e finalmente pela America, tragando gerações inteiras, e tornando ermas e solitarias as vastas regiões do nosso continente. —

(\*\*) A vaccina foi descoberta pelo Doutor Jenner, Inglez, em 1799. — Os primeiros ensaios da inoculação em França foram feitos em Pariz no 1.º de Junho de 1800. Desde 1781 se tinham feito algumas tentativas em Montpellier para empregar o virus vaccinico contra a bexiga, porém sem resultado satisfactorio. — Em 1804 foi introduzida na China, e successivamente em todo o mundo. — O tempo mostrará se por meio da vaccina chegaremos a extinguir o vicio varioloso, e a preservar a especie humana d'este flagello.

Oceano o immenso tributo de suas aguas, outros ha que, pela grandeza e valia das circumstancias que o revestem, são como os grandes lagos, que não tem esgoto. — Um d'esses acontecimentos memoraveis é sem duvida o da grande armada de Filippe II para conquistar a Inglaterra em 1588. — Esse principe feroz e abominavel gastou mais de sessenta milhões de crusados para construir uma frota de cento e trinta náus de linha, a maior e mais formidavel de quantas tem sulcado os mares; e com quanto n'esse tempo a artilharia fosse pouco numerosa, tanto em terra como no mar, esta poderosa armada levava duas mil seiscentas e trinta peças de grosso calibre; pelo que se chamou *Invencivel*. Porém nem a Inglaterra foi conquistada, nem a frota pôde resistir aos designios da Providencia: enfraquecida, diminuida por pequenos combates, acabou inteiramente por uma tempestade. — Os navios, que se salvaram, apenas poderam arribar para nunca mais servirem. A decadencia pois da Hespanha data d'essa epocha fatal para seu brilho, para seu poder e preponderancia na Europa; e eis-ahi o unico resultado de um acontecimento tão extraordinario, que apenas recorda hoje o desmedido orgulho de um principe insensato.

Quando comparamos todas essas grandes emprezas, que assombraram o mundo pela magnitude da concepção e pela ousadia da execução, com as descobertas e invenções, muitas das quaes passaram *desapercebidas* por muito tempo,

não podemos deixar de reflectir no contraste dos destinos do homem, vendo que pesem mais na balança do nosso orgulho os grandes Conquistadores, que assolaram Reinos inteiros, do que os Sabios, Artesões, ou Legisladores, que melhoraram a nossa especie. — Tempo virá em que para honra do Genero humano tenham na historia um logar preferente os Guttemberg, os Watt, os Fulton, os Jenner, antes do que Alexandre, Cesar ou Gengis-Khan. Então não será a historia um tecido de atrocidades, que degradam a intelligencia, pondo-nos a par dos animaes de preza; porém uma serie de descubertas e de invenções, que melhorem a nossa condição, que assegurem a nossa existencia, e que nos guiem pelo caminho da verdadeira felicidade. Entretanto, até lá chegarmos, descreveremos o mundo como tem sido até hoje, e assim será a historia. —

---

---

---

## CAPITULO II.

### Formação da nossa terra firme.

Moysés, o mais antigo historiador, que se conhece, o mais sublime philosopho, e o mais sabio de todos os legisladores, segundo Bossuet, enceta o seu primeiro livro por estas palavras : — *No principio creou Deos o Ceo e a Terra* — o que quer dizer que houve tempo em que esta terra que habitamos, o sol, a lua, as innumereveis estrellas, e tudo quanto vemos e observamos, recebeu sua existencia da vontade e do poder de Deos. Isto aconteceu no *principio* ; mas quando foi esse *principio* ? Ha quantos annos, ha quantos milhares ou milhões de annos foi a terra creada ? Eis-ahi o que a divina Sabedoria não julgou por bem revelar aos homens ; de mais, bem pouco necessaria é para a devoção ou para a felicidade do genero humano semelhante revelação.

Os Sabios modernos tem julgado, computando a longevidade dos Patriarchas que a Biblia menciona, que a terra devia ter cerca de quatro mil annos na epocha do nascimento de Jesus-Christo; do que podemos deduzir, que ha perto de seis mil annos que ella existe (\*). Os Naturalistas pelo contrario, considerando a obra do Creador segundo sua propria natureza, tem feito suas indagações e pesquisas sobre os leitos de rocha das montanhas, examinando particularmente as camadas de lava, transformada em terra vegetal, depois de lançadas pelas crateras do Etna e de outros volcões, inferiram que a terra devia contar uma existencia maior que seis mil annos, ainda quando não fosse habitada senão depois d'essa epocha. —

O globo, na sua origem, estava vasio e nú. A parte, a que chamamos terra actualmente, não era mais do que uma massa bruta. As porções solidas e as aguas achavam-se mescladas

---

(\*) Os Judeos contam os seus annos desde a criação do mundo, de sorte que para elles o anno de 1840, do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, vem a ser o de 5840 depois da criação. Ainda existem alguns descendentes dos antigos Israelitas, Samaritanos, que divididos em trinta familias, duzentos individuos pouco mais ou menos, habitam Sichem, e Jaffa na Palestina. Um sacerdote d'esta grey, chamado Salomão, escrevendo uma carta em 15 de Julho de 1808 da nossa era, datou-a pela maneira seguinte: anno 6240 de Adão, 3246 da saída do Egypto, quinta feira 3 de *Dschumali* (nome de um dos mezes da éra mahometana), anno 1223 da hegira.

como em um lodoçal ; uma nata turva envolvia toda a superficie. — Planta alguma podia vegetar nesta vasa, que frequentemente mudava de logar ; d'esta sorte não podiam existir seres viventes por falta de alimento ; tudo era informe e esteril.

Ignoramos o que passa no interior do nosso globo, nem podemos saber o que poderia conter em sua origem. Entretanto pelas continuas mudanças ou alterações, que se operam na superficie da terra, devemos acreditar que arde em seu seio um constante fogo, ou pelo menos que se atêa de quando em quando. — Parece tambem que á proporção que este fogo consome uma parte do cimento interior, abate-se a sua superficie, em tanto que se eleva em outros logares pela força expansiva dos vapores subterraneos.

É tambem verosimil ou provavel que, por effeito d'esta combustão interior, se abrissem na terra vastos e profundos abysmos, em que as aguas se precipitaram ; em tanto que appareceram summidades, que deviam dominar a sua superficie. Para fixar e reter estes immensos reservatorios era mister que as bordas ou ribanceiras fossem tão solidas e seguras que os podessem conter. Levantou-se então violenta tempestade ; o mar e suas ondas encapelladas, penetraram n'essas terras movediças, deixando golfos e bahias, e separando porções de terra, a que hoje chamamos Ilhas. — D'esta fôrma os corpos solidos se foram fixando de maneira, que todas as partes lodosas, desprendidas das aguas, vieram pegar-se ás suas bases. Tudo então quanto

podia viver e medrar dentro d'agua, como plantas, conchas, peixes, achou-se envolvido por uma nata dura, e se foi accumulando por camadas sobrepostas. —

Ainda assim muito distante estava o mundo da sua fôrma actual. A constante ebullição, produzida pelo fogo interior da terra, foi purificando as massas separadas das aguas, e successivamente se formaram solidos e permanentes rochedos, que podiam resistir ás tempestades. Estes rochedos (massas de granito, ou montanhas primitivas), verdadeira ossada da terra, devem ser por consequencia muito mais antigos do que a fôrma actual do globo, e do que a raça humana que o habita. Antes da formação d'estes rochedos, o solo não podia tomar a consistencia necessaria para impôr limites aos mares; porém depois as terras foram respeitadas pelas aguas, e a sua fôrma se conservou. —

Que a terra foi formada pela maneira, que acabamos de relatar, e que toda a superficie do globo esteve inundada, é cousa de que temos hoje provas irrefragaveis, não só pela grande quantidade de substancias marinhas e de conchas, que se tem achado sobre as mais altas montanhas, como nas entranhas da terra, onde profundas escavações tem revelado a existencia d'esses corpos petrificados, e dispostos em camadas. Tem-se encontrado sobre os Alpes na Suissa montões de conchas marinhas petrificadas; as montanhas da Suecia e as da Noruega offerecem o mesmo phenomeno, e muitas ilhas

são formadas inteiramente de grandes massas de coraes fosseis (\*). — Tambem se ha observado, como gravadas, as fórmas de alguns peixes ou de plantas marinhas nas *ardosias*, o que prova evidentemente que estas pedras estiveram por muito tempo debaixo d'agua. — A Allemanha, e especialmente os paizes septentrionaes, que correm ao longo das costas do mar do Norte e do Baltico, occultam em seu seio innumeraveis plantas e animaes marinhos petrificados (\*\*).

---

(\*) Os coraes são zoophitos (animal planta), isto é, que tem a fórma e similhaça de uma planta, porém com o sentimento, movimento voluntario, e maneira de nutrir-se dos animaes. É uma especie de marisco, cuja substancia sensivel é como uma gota de leite dentro de uma conchinha, a qual se pega no fundo do mar aos rochedos ou partes solidas, e se reproduz de uma maneira prodigiosa. — A materia, chamada pedra coral, é um producto d'estes zoophitos, que em alguns mares tem excedido a superficie das aguas e formado ilhas. — A Nova Hollanda está cercada pela parte oriental de um immenso arrecife de coral. —

(\*\*) A mesma observação se tem feito na America. — Sobre os Andes tem-se descoberto camadas sobrepostas d'estas materias marinhas; o celebre Caldas, Mutis sobretudo, referem que as acharam sobre o Guadelupe em Bogotá, e Guindio entre Mariquita e Popayan; Humboldt tambem cita varios d'estes phenomenos. — Mesmo no Brasil temos muitos exemplos: além de outros, no Ceará se tem achado peixes petrificados, pertencentes a especies hoje desconhecidas; — e até ossada de animaes fosseis de descommunal grandeza. — Estou que a geologia tem muito que revelar-nos sobre o nosso continente. —

As convulsões da natureza deviam reproduzir-se na primeira fôrma do nosso globo, porque só por estes grandes cataclysmos poderemos explicar as diversas alterações da sua superficie. Depois que os primeiros rochedos se acharam formados, outro grande furacão se levantou tão violento, que não ha tradição, de que pudesse haver igual. Esta furiosa tempestade, partindo do sudoeste, arrasou todo o continente, e se os rochedos se não tivessem opposto ao seu violento impulso, ella teria arrojado para as montanhas glaciaes da Siberia tudo quanto houvesse encontrado diante de si. — É igualmente provavel que o hemispherio do Sul contivesse poucos rochedos, e por esta rasão fosse todo elle destruido, a ponto de não offerecer hoje senão mares cubertos de gelo. — A massa do seu solo foi arrojada pela volta do nordeste para a Asia.

A Africa teria tambem desaparecido, se a sua ponta meridional, isto é, as montanhas do cabo da Boa Esperança, não tivesse resistido a esta tremenda tempestade. Póde-se dizer que aquelle continente foi preservado tão sómente por causa d'esta ponta; tanto assim, que as terras visinhas de um e outro lado foram dispersas, e o que não pôde ser levado muito longe por causa do peso d'essas massas de montanhas, ficou para a parte de Leste pelas immediações, como, por exemplo, a ilha de Madagascar. A America mostra igualmente, pela parte do Sul, uma ponta de rochedos, que apparecem nús,

porque o furacão os despojou de toda a terra. A Asia tambem appresenta ao sul muitos montes, entre os quaes o mar se precipitou, emquanto a leste as partes da terra, que foram separadas e arrojadas, formaram todos esses grupos de ilhas das Indias Orientaes. A Nova Hollanda, a maior das ilhas, que compõe a quinta parte do mundo, tem ao occidente uma vasta bahia, ao sul uma ponta consideravel, e ao oriente duas ilhas (a Nova Zelandia).

A Europa acaba do mesmo modo ao sul por um promontorio; desde este cabo para o norte todo o paiz foi arrasado, á excepção dos logares protegidos pelos rochedos. — O mar penetrou profundamente por todas as partes por onde não achou montanhas que se lhe oppuzessem; foi d'est'arte que se formou o famoso golfo de Biscaia, entre a França e a Hespanha; o canal entre a França e a Inglaterra, o mar do Norte e o Baltico; e tambem esta bella bahia do Rio de Janeiro, rompendo o mar por entre o Pico e o Pão d'Assucar, e arrojando as terras que cubriam estes rochedos, aqui e alli, formando essa immensidade de ilhas, que hoje observamos. Então as aguas penetraram muito além do termo que hoje tem, tanto que uma grande parte do terreno d'esta provincia, que se acha entre as montanhas de granito ou primitivas, é todo de alluvião (\*).

---

(\*) Só a idéa de um furacão, que partindo do sudoeste viesse dar á terra firme a sua fórma actual, pôde

Com quanto a terra não soffra actualmente commoções tão violentas, nem tão geraes, contudo a superficie do globo não é sempre invariavel, e a creação continúa em seu curso, que

---

explicar muitos phenomenos, que concorrem para corroborar esta opinião de todos os Geologos modernos. — A maior parte das montanhas do globo são escarpadas, e quasi a prumo pelo lado do sul e do sudoeste; mas pelo do norte e do nordeste tem todas ellas uma suave inclinação, em grande parte cuberta de terras de alluvião. — Os Pireneos são rapidos e escarpados do lado da Hespanha; em tanto que pelo da França diminuem suavemente até a planicie. — Um pouco mais distante, do lado do norte, na Turena (*Touraine*), encontram-se profundos leitos ou camadas formadas de *Moluscos* e de espinhas de peixes, na extensão de seis leguas, dezoito a vinte pés abaixo do chão. Do lado da Italia os Alpes são escarpados, e se inclinam com suavidade para a Suissa e para a Allemanha. O Harz mostra pelo lado do sul ingreme subida, rebaixando obliquamente na direcção do norte. Encontram-se, até mesmo na Hollanda e na Westphalia, camadas de terra submersas contendo destroços do mundo primitivo. Os mares do polo antartico são immensamente profundos, em tanto que o mar glacial do polo arctico é baixo e lhano, porque naturalmente o furacão, de que fallámos, arrojou para o norte as terras arrancadas do sul e do sudoeste. Tem-se encontrado no norte do globo camadas de terra submersas, contendo todas as especies de plantas e de animaes, que não vivem, nem podem sustentar-se, senão nos climas calidos, como por exemplo, esqueletos de elefantes, de rhinocerontes e de leões, achados em França, na Allemanha, e ultimamente na Siberia. Acharam-se na caverna de Gailenreuter, no paiz de Bareuth, craneos, dentes, mandibulas e esqueletos de leões, de

se annuncia por ligeiras mudanças em logares parciaes. Tem acontecido abaterem-se algumas

---

leopardos, e de ursos brancos. Tambem se tem encontrado em algumas *turfeiras* na Hollanda arvores fosseis, porém de maneira que os galhos estão voltados para o norte, e o tronco ou raizes para o sudoeste. É portanto evidente que a terra, antes d'esta ultima catastrophe, tinha já passado por muitas revoluções similhantes, durante as quaes perderam a vida todos os entes que a tinham. Para provar estas alterações basta a fôrma das montanhas em camadas horizontaes, que descansam sobre cordilheiras primitivas, tambem formadas de camadas sobrepostas de ardosia e de argila, ou de terra e de pedras, contendo plantas e animaes petrificados ou reduzidos a cal, cujas especies já não existem sobre a terra. Na Siberia se tem achado esqueletos enormes, maiores que todas as especies conhecidas; um dos quaes estava completo, e deu-se-lhe o nome *Mamouth*, porque entre os animaes existentes nenhum se lhe parece. Nos Estados-Unidos tem-se achado igualmente esqueletos com as mesmas dimensões, um dos quaes existe no museu de Philadelphia. Ha bem poucos annos foi descoberto no povo de Suacha, junto a Tequendama (departamento de Cundinamarca na Nova Granada), um esqueleto quasi completo da mesma especie; e para confirmar a opinião dos Geologos modernos, achou-se no Chile, a 34 gráus de latitude meridional, um esqueleto similhante. Será crível que esta especie de animaes emprehesse uma peregrinação tão estranha, que partindo do Chile pela cordilheira dos Andes, passasse além do isthmo de Panamá, e atravessando Guatemala e o Mexico, fosse parar na Nova Inglaterra? E d'ahi, como foram ter á Siberia? Todos estes phenomenos explicam perfeitamente ou corroboram a opinião dos que crêem, que a fôrma actual do nosso globo é devida a grandes convulsões da natureza.

eminencias, como por exemplo em Berga, bella propriedade situada cerca de Friederichshall na Noruega, que rebaixou seiscentos pés em 5 de Fevereiro de 1702, e em seu logar surgiu um lago de oitocentos pés de longo sobre quatrocentos de largura. — Na mesma Noruega succedeu, que uma montanha de mil e dusesentos pés de altura se abrisse, e que a fenda, estreita ao principio, se fosse alargando insensivelmente, até tornar-se intransitavel, chegando a ter uma abertura de quinze pés; uma das partes se abateu depois, e pelo correr do tempo achou-se dezeseis pés mais baixa do que a outra.

Não só alguns logares tem abatido, como outros se tem elevado. Nos arredores de Puzolo na Italia aconteceu, que na noite do dia 19 para 20 de Setembro de 1538 se levantasse uma montanha de seis leguas de circumferencia, e dois mil e quatrocentos pés de altura, á qual se deu o nome de Montanha Nova. Outras muitas pequenas elevações se formaram n'aquelle mesmo paiz. Em Inglaterra, uma porção de terreno, de um volume de mais de vinte braças cubicas, foi arrancado do solo, e n'um espaço de tres dias, sem nenhuma explosão, transportado a uma grande distancia, d'onde se elevou a uma altura consideravel. Duas novas ilhas appareceram no archipelago dos Açores em 1658 e 1720; outra surgiu igualmente em 1783 cerca da Islandia. Tambem acontece este phenomeno pela acção dos ventos, que acarretam as arêas movediças, e em tanta abundancia que ás vezes

se formam grandes alturas. — Existia perto da villa de São Paulo, no norte da França, uma aldêa, que hoje está cuberta de arêa, e onde em 1722 ainda se viam as torres e as chaminés; São Paulo está ameaçada pelo perigo de correr a mesma sorte; assim é que um dos principaes cuidados da policia é fazer tirar toda a arêa, que os ventos conduzem e accumulam nas ruas. — Muitas cidades antigas e modernas tem desaparecido na Africa debaixo d'estes montões de arêa, tão fataes como um diluvio. —

Outras vezes o solo se submerge. Em 1300 edificou-se na Prussia uma igreja no mesmo sitio, em que Albrecht, tão celebre pela conversão dos Pagãos, foi espancado em 997. Este logar se achava então a duas leguas distante do mar, e hoje apenas dista mil passos, onde ainda se observam os vestigios d'aquella fundação. O mar invadiu tambem, ha tres seculos, mais de mil pés de um littoral situado nas costas do norte da França. — Villas e cidades florescentes existiam nas mesmas paragens por onde corre hoje o Zuidersée na Hollanda. É tradição constante, que muitos autores sustentam, da existencia da Atlantida, vasto continente, de que fazia parte a ilha da Madeira, e que foi naturalmente submergida por um violento furacão, ou outra catastrophe similhante (\*). Em 1758

---

(\*) Ninguem ainda attribuiu a Platão a qualidade de impostor; entretanto no seu *Times*, e no seu *Critias* elle nos expõe a tradição da existencia da Atlantida, como

algumas ilhas turcas desappareceram subitamente debaixo do mar.

Muitas d'essas alterações succedem em consequencia de varios phenomenos, como os terremotos por effeito dos fogos subterraneos. Um dos mais horriveis e tremendos foi sem duvida o do 1.º de Novembro de 1755, que destruiu uma grande parte da cidade de Lisboa. — Durante todo aquelle anno se tinham sentido tremores em diversos logares; tinham havido violentos furacões, e notado singulares phenomenos na atmospherá. — No 1.º de Novembro pelas dez horas da manhã, ouviu-se um ruído subterraneo, semelhante ao de uma carroça muito pesada, movendo-se sobre uma calçada; seguiram-se dois grandes movimentos vibratorios; a terra se abriu em muitos logares, a maior parte dos edificios desabou, e outros desappareceram inteiramente. A montanha de Marvão abismou-se no mar, a serra da Estrella rachou-se por varios lados, e se desmoronou em grande parte. — A villa de Santo-Ivo, situada a beira-mar, foi

---

um facto averiguado. Ora, segundo a relação que Solon ouviu a um Padre do Egypto « Havia além das columnas » de Hercules, uma muito grande ilha, mais extensa » do que a Asia e a Libia, chamada Atlantida, por » causa de Atlante, filho primogenito de Neptuno; e » que este nome se tornára commum para o mar inter- » medio. &c. » Platão até descreve os usos essenciaes d'este paiz, seu commercio e suas leis; e Strabo falla das suas dimensões, dizendo que a Atlantida era maior que um *continente* (Epeirou).

totalmente destruida. As ondas em seu furor lançaram os navios sobre as muralhas. — Todo o reino de Portugal, especialmente Lisboa, foi o theatro, em que esta scena de horror se representou. Sentiu-se o abalo em toda a parte occidental da Europa e da Africa, na Allemanha e na Suissa, na Italia e na costa do noroeste da Africa. Todos os navios, que navegavam entre a Europa e America, soffreram n'esse dia uma forte commoção, que se fez sentir até na Groenlandia.

Outro terremoto tão tremendo, como o de Lisboa, foi o que experimentou Venezuela no dia de quinta feira de Endoenças, 26 de Março de 1812. — Pelas quatro horas da tarde, quando as igrejas estavam atulhadas de gente, na occasião do lava-pés, tres grandes cidades e outras villas, situadas na mesma cordilheira, desabaram por effeito de um furioso tremor de terra. — Caracas, a cidade principal, e hoje capital da republica de Venezuela, foi quasi toda destruida; seus templos se abateram, e serviram de sepulchro a mais de doze mil pessoas; Barquisimeto se aluiu desde seus fundamentos, e Merida em sua horrivel convulsão rolou da eminencia, em que se achava situada, para o valle contiguo á serra Nevada. Eu visitei todas essas ruinas, que attestavam a grandeza e opulencia das cidades, que se abismaram n'esse dia de horror e de luto para a costa firme. Este movimento foi geral desde o Orinoco até o isthmo de Panamá. —

Todos estes phenomenos podem explicar a

distincta fôrma, que tem tomado o nosso globo, da que teve em sua origem. A Europa parece livre d'esses motivos de espanto, á excepção da Italia e da Sicilia, onde se conservam o Vesuvio e o Etna, cujas lavas ameaçam todos os dias os povos visinhos. As celebres cidades (Herculanium e Pompeia), que hoje se estão desenterrando, provam bem o perigo de sua proximidade (\*). Na America, pelo contrario, tudo é

---

(\*) A Sicilia possui tambem um volcão de natureza particular, que merece mencionar-se. Está situado perto de Girgenti, e chama-se Macaluba. É uma collina de terra argilosa, inteiramente arida, e que apenas tem cento e cincoenta pés de elevação sobre o valle que a cerca. Sobre o cimo d'esta collina vêm-se, durante a estação secca do anno, mais de cem cones de argila; cada cone tem uma cavidade da qual sae, de quando em quando, uma especie de sedimento argiloso e parado. Quando se aproxima a erupção, ouve-se como um fortissimo trovão debaixo da terra, e sente-se um abalo a duas e tres milhas ao redor; então cada cavidade ou bocca do funil torna-se uma cratera, exhalando uma nuvem de vapôr com apparencia de fogo, que deita um cheiro muito forte de enxofre; segue-se immediatamente uma erupção de lama e de pedras com tal força, que sobem a mais de dusentos pés, e depois continúa lançando um sedimento argiloso, com que inunda todo o valle visinho até a altura de seis pés. — Durante esta erupção ouve-se constantemente um ruído debaixo da terra semelhante ao do mar agitado. Como esta, ha outras collinas na Sicilia, que tambem lançam lodo, porém as suas erupções são muito mais fracas que as de Macaluba. Um volcão semelhante existe perto do povo de Turbaco, quatro leguas distante de Cartagena

reccio e temor, principalmente sobre a cordilheira dos Andes, pejada com os fogos subterraneos, que ameaçam a existencia de todos os Povos, que a habitam. — Venezuela, Nova-Granada, Quito, o Perú, o Chili, tem tantas vezes

---

de Colombia, que eu visitei de proposito em 1829 em companhia do Duque de Montebello e de outros viajantes mais, que quizeram observar aquelle phenomeno. E tambem uma collina pouco alta, em cujo cimo se observam umas pequenas boccas, de um a dois palmos de diametro, dentro das quaes parece que está fervendo uma especie de sedimento argiloso, ainda que a temperatura do liquido seja apenas um pouco mais elevada que a do ambiente; porém esta operação é constante em todas as estações, e faz-se sem ruído, sem tremor de terra nem explosões. O phenomeno reduz-se a uma especie de ebullição sem grande calor dentro d'aquellas pequenas caldeiras; — metendo-se uma vara não se alcança fundo, mas encontra-se resistencia, de sorte que largando-se a vara da mão, é arrojada com força pela acção do liquido. Uma das mais celebres erupções d'este genero foi a que occorreu em 1797, ao pé de Quito. Começou a explosão por um movimento ondulatorio do terreno na extensão de mais de cento e cincoenta leguas do norte ao sul, de Piura a Popayau, e de cento e vinte d'oeste a leste, do mar ao rio Napo. No meio do paiz abalado, sobre um diametro de quasi trinta leguas, nem uma só casa ficou em pé, e grande numero de villas, edificadas nos valles, foram sepultadas pelas massas de lodo destacadas do cume das montanhas. Finalmente, na base do volcão de Temguragua, a terra se abriu em muitas partes, e pelas fendas saíram torrentes de lodo. As correntes de agua lamacenta (talvez se não acreditaria este phenomeno se desgraçadamente não tivesse deixado signaes evidentes) elevaram-se nos valles até a altura

soffrido estas catastrophes, que é rara a cidade, que não tenha sido reedificada duas e mais vezes. Guatemala é toda ella um horrivel volcão; actualmente a terra se commove a cada instante, e os gemidos de suas montanhas annunciam as dôres de uma tremenda explosão (\*). —

---

de seiscentos pés, e o lodo depositado por ellas, embaçando o curso dos rios, formou novos lagos.

Existe um grande numero d'estes volcões de lodo na Criméa, e dão a certos districtos d'este paiz, visinhos da Circacia, um aspecto mui singular. Um viajante francez, M. Verneuil, visitou-os recentemente, e fez d'elles uma bella descripção.

(\*) Tudo isto prova, ou serve para corroborar a opinião dos Geologos, que dizem que a terra firme começou a consolidar-se do oriente para o occidente. Os innumeraveis volcões extinctos na Asia provam, que foi esta a primeira parte que se fixou, e foi purificando por meio d'esses fogos subterraneos, que rebentavam por milhares de boccas. Seguiu-se a Africa e depois a Europa; sendo a America talvez a ultima que se firmou, e por isso ainda brotam de seu seio tantos rios de fogo, que ameaçam tragar-nos. Muitos d'estes volcões já se acham extinctos, mesmo depois da descuberta da America; porém outros tem adquirido mais intensidade, e muito mais medonho aspecto. —

---

---

**CAPITULO III.**

---

**Creação das plantas, dos animaes e do homem.**

A terra, depois de ganhar a firmeza necessaria, e de tomar a fórma que lhe estava prescripta, começou a produzir as plantas, pela força com que a havia dotado o Creador. A vegetação foi maravilhosa nas collinas como nos valles, no cimo das montanhas como no fundo dos mares; cada especie se renova por si mesmo, e se perpetúa por meio da sua propria semente. Assim foi desde a origem do mundo até os nossos dias, e assim será até a consummação dos seculos.

Deos é grande e misericordioso; a terra nos está mostrando as provas da sua infinita bondade; basta conhecer as plantas, de que se reveste, para gosar de suas bellas fórmas, de suas côres magnificas, e de sua variada utilidade

O musgo, que parece um vegetal indifferente e inutil, contém admiraveis propriedades; alcalifando os logares mais aridos, e cubrindo os rochedos, a que se apega, vai por sua reproducção formando uma base de terra vegetal, e tornando productivos esses mesmos logares e rochedos outr'ora estereis. — O musgo, que cresce na Islandia, dá uma especie de farinha, de que se faz pão tão substancial, que os homens dados a rudes trabalhos, se contentam com elle por todo alimento. Este musgo vegeta não só na Islandia como na Laponia, onde tambem se servem d'elle, como dissemos.

A utilidade das plantas é incontestavel, não só das que servem de alimento, como das medicinaes. E quem poderá contemplar as flores, com as suas mil variedades, sem experimentar o mais vivo prazer? Oh! quanto é digno de gratidão o Sér Eterno por tanta maravilha, por tanta bondade! Elle não só creou o homem, mas ainda proveu á sua subsistencia e conservação; foi para o homem que o Todo Poderoso ornou a terra como um jardim. Não menos delicioso e apprasivel é o aspecto das arvores frondosas, quer produzam fructos, quer sirvam para objectos de commodidade. Sejamos ao menos gratos aos beneficios da Providencia, pelo emprego rasoavel que façamos d'elles. — Quantos terrenos se tem tornado incultos e estereis, só porque foram despojados das sombras; quantos logares outr'ora salubres e commodos se tornaram inhabitaveis e pestiferos pela destruição de

suas mattas ! Oh ! não se transtornam impunemente os designios da natureza ! ! (\*)

Depois dos vegetaes, que revestem a superficie da terra, e que servem de alimento aos sêres viventes, creou Deos os animaes, tão diversos em suas fórmãs, tamanhos, e figuras, que nenhuma parte do mundo ficou sem habitantes, que gozassem de existencia (\*\*). D'est'arte a creação foi animada com infinitas especies, e tão variadas, que quando já a vista as não pôde distinguir, vem o microscopio descobrir novos mundos de animalejos povoando uma gota de agua; entretanto as especies, que a vista alcança,

(\*) Disse tambem Deos: « Produza a terra herba verde, que dê a sua semente; e produza arvores fructiferas, que dem fructo, segundo a sua especie, e que contenham a sua semente em si mesmas, para reproduzirem sobre a terra. » E assim se fez.

E produziu a terra herba verde, que dava semente, segundo a sua especie; e produziu arvores fructiferas, que continham a sua semente em si mesmas. *E viu Deos que isto era bom.* (Gen., Cap. 1.º, v. 11-12.)

(\*\*) Creou Deos pois os grandes peixes, e todos os animaes que tem vida e movimento, os quaes foram produzidos pelas aguas, cada um segundo a sua especie. Creou tambem Deos todas as aves, segundo as suas especies. E viu Deos que isto era bom, e Elle os abençoou e lhes disse: « Crescei e multiplicai-vos, e enchei as aguas do mar: e as aves se multipliquem sobre a terra. »

E creou Deos as bestas da terra, segundo as suas especies: os animaes domesticos e todos os reptis da terra, cada um segundo a sua especie. *E viu Deos que isto era bom.* (Gen., Cap. 1.º, v. 24-22-25.)

são já innumeraveis. Quão incomprehensíveis são os prodigios da creação!!

Que multidão de bichinhos, e de insectos, não vive dentro d'agua, sobre a terra, entre as plantas, sobre outros animaes, á custa dos quaes se nutre, e até mesmo sobre as pedras!! Passam de seiscentas as especies conhecidas de *infusorios*. Os habitantes do ar são sem numero. Basta a diversidade das familias, que o homem tem sabido domesticar, para encher-nos de admiração e de respeito pelo autor de tantas maravilhas. Se os animaes de vasta dimensão não existem em tão grande numero, o seu tamanho basta para assombrar-nos. Que pasmo nos não causa a vista de uma balêa! A corpulencia d'este cetaceu excede toda a nossa comprehensão; e ainda muito mais a da serpente marinha, que habita os mares do Norte; vem depois o cachalote, o tubarão, e infinitas outras especies tão monstruosas, que só o abismo das aguas as poderia conter.

Admira-nos a *girafa* com suas bellas fórmãs e tamanho desmarcado, pois que algumas excedem a dezoito pés de altura, e muito mais o elefante pela sua enorme corpulencia e força prodigiosa. O leão, o tigre, não são menos estupendos pela força do que pela destreza e vivacidade de seus movimentos. Porém a nossa admiração se excita sobremaneira, quando consideramos na intelligencia, com que a divina Sabedoria dotou as mais pequenas creaturas, o que se revela nas obras da sua industria.

Observemos o castor, a abelha, o bicho de seda, a aranha, e vejamos se é possível imita-los com toda a nossa reflexão, com todo o juizo e prudencia de que é capaz o homem, apesar do seu vasto entendimento.

Ah! quantas reflexões se não despertam á vista da cadêa assombrosa, que prende a mais infima creatura, o animal planta, ao mais intelligente de todos os sêres, o homem!! N'essa immensa serie de elos, não sabemos o que mais havemos de admirar, se a força e vigor do monstruoso elefante, ou a fidelidade do cão, a industria do castor, a vivacidade do macaco, a intelligencia da abelha, e finalmente até a figura do *Orangotango*, tão aproximada á nossa, que os primeiros viajantes tomaram por outra especie de homens.

Pelos designios do Creador, revelados em todas as suas obras, se vê, que a criação das plantas precedeu a dos animaes; e depois d'esta, a terra assim preparada para vir a ser a habitação do mais perfeito de todos os sêres, o homem viu a luz (\*). As plantas e os animaes

---

(\*) É inteiramente improvavel que existissem homens antes da ultima revolução, que deu ao nosso globo a sua fórma actual. Não se acha em toda a terra, nem nas camadas interiores, vestigio algum de ossada humana petrificada, ou signal de qualquer trabalho devido ao homem. — Assim pois, a opinião de um sabio (Isaac Peyrère), publicada em 1655, acerca da existencia de homens antes de Adão, aos quaes elle denominou — *Precadamitas*, — não póde deixar de ser falsa e erronea,

foram destinados para nutri-lo, vesti-lo e deleita-lo. — A materia assim disposta, por suas fórmas e propriedades, devia satisfazer todas as necessidades do homem, estimular suas reflexões e formar o seu espirito. Eis-ahi porque a existencia de todas estas cousas devia preceder a do homem, cuja imaginação logo se apoderou de todas as vantagens, que o seu uso poderia proporcionar-lhe. O homem, imagem de Deos (\*), e seu representante sobre a terra, fez-se senhor de tudo quanto ella encerra.

O homem assim collocado pelo Creador comprehendeu, que tudo quanto existia, vegetal, animal ou mineral, lhe pertencia, e que segundo as vistas de Deos devia utilizar-se, não só para conservar e prolongar seus dias, como para instruir-se, e desenvolver a sua intelligencia. —

---

apesar de a querer sustentar com a Epistola de São Paulo aos Romanos, Cap. V, v. 12 e 13. Comtudo, por isto só não valia a pena de lhe queimarem o seu livro, nem de reduzi-lo a uma dura prisão, da qual não saiu senão depois de abjurar o seu erro.

(\*) Disse tambem Deos : « Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do Ceo, ás bestas e a todos os reptis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. »

E creou Deos o homem á sua imagem : fê-lo á imagem de Deos, e creou-os macho e femea.

Deos os abençoou, e lhes disse : « Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do Ceo, e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra. (Gen., Cap. 1.º, v. 26-27-28.) »

Nada fez Deos de inutil, nada que devamos destruir pelo prazer de um máu designio ; porque tudo tem seus fins na natureza, e deve marchar segundo as vistas de quem a creou ; e se as não comprehendemos pela curteza do nosso entendimento, façamos ao menos por descobri-las, a fim de preencher os nossos destinos.

No principio creou Deos tão sómente um homem e uma mulher (\*), porque a sua sabedoria nada faz que seja superfluo. A sua omnipotencia teria produzido ao mesmo tempo milhões de entes da mesma especie, e com elles occupado a terra de um a outro extremo, porém antes quiz que ella se povoasse com os descendentes de uma só familia. A Biblia dá a estes dois seres humanos o nome de Adão e Eva, de duas palavras hebraicas, que significam — *homem e mulher*.

Como da conservação d'este primeiro par dependia a povoação da terra, foi collocado em um sitio ameno e delicioso, rico em productos naturaes, que servissem para alimenta-lo, afim de que não tivesse necessidades, nem experimentasse accidentes. Este paiz elevado gozava de um ar puro e sereno ; a natureza se ostentava bella e risonha, porque só assim

---

(\*) Mandou pois o Senhor Deos um profundo somno a Adão ; e quando elle estava dormindo, tirou Deos uma das suas costellas, e poz carne em seu lugar.

E da costella, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deos uma mulher, que elle lhe appresentou. (Gen., cap. 2.º, v. 21-22.)

poderiam seus habitantes viver felizes e contentes. — É provavel que esta habitação primitiva da especie humana fosse situada na Asia, para as fronteiras da Persia e da India, onde se acha hoje o reino de Cachemira. Tanta belleza natural, descripta pelos antigos, fez com que se chamasse a esta habitação terrestre *Eden*, isto é, *Prazer* ou *Paraiso*, nomes que na Persia se davam aos jardins de recreio, onde se reuniam todas as magnificencias da natureza para satisfazer a voluptuosidade dos Reis. —

Todos os povos do mundo são portanto descendentes d'estes primeiros Pais. — Os povos mais distantes, os habitantes da Asia e os da America, são pois irmãos, como são os da nossa cidade ou do nosso casal. — A atmospherá, o alimento, os usos e costumes, tem feito uma alteração extraordinaria na raça primitiva. Contudo não existe categoria alguma, que por sua natureza não seja susceptivel de soffrer novas variações debaixo de outros climas, e com outros costumes. Os homens, que vivem depois de immensos seculos debaixo da zona ardente, como os Mouros ou os negros d'Africa, tostados pelo sol a prumo, tem visto ennegrecer a sua pelle, e frisarem-se os seus cabellos, em quanto os habitantes, que gozam de uma temperatura mais fresca, não só tem conservado, como ainda melhorado a sua têz branca e rosada, e adelgado seus cabellos lisos e corredios (\*).

---

(\*) É questão interessante que muito se tem ventilado,

As mulheres da China tem os pés muito pequenos, porque desde muitos seculos usam comprimir esta parte das crianças, desde que nascem, afim de reduzir o pé ao estado, que julgam ser de perfeição, de cujo detestavel costume resulta grande deformidade. Acontece porém que pelo correr dos tempos a natureza cede ao empenho da arte, e hoje nascem já com a mesma imperfeição. Entre outras Nações apreciam-se certas configurações da cabeça, pontudas ou achatadas; e é uso comprimir o craneo das crianças, desde que nascem, para dar-lhes a fôrma que mais lhes agrada (\*). Este vicio

---

o saber se o genero humano parte de um só tronco, ou se houveram quatro raças distinctas, como alguns pretendem. — A opinião de que todos pertencemos a uma só familia ainda não foi convencida de erronea, nem mesmo pelos mais enthusiasts physiologistas; por isso que, não ha raça que não seja susceptivel de melhorar-se. Se observamos as duas raças mais distinctas (a branca e a preta) veremos que, crusando-se em uma progressão constante para um ou para o outro lado, ao cabo de quatro gerações eliminam-se inteiramente os vestigios de uma das raças primitivas, como, por exemplo, um branco e uma negra. E se a filha d'este par se une a outro branco, e assim por diante, na quarta geração torna-se o descendente inteiramente branco; ou vice-versa, se o crusamento continúa com a raça preta. — Se fossem familias distinctas, não haveria concepção, ou o resultado seria um monstro, e os monstros não procream; assim cada familia se conservaria intacta e sem alteração, como acontece com a de varios animaes, que nós conhecemos.

(\*) Perguntarei agora se por meio da anatomia

torna-se de conformação pelo correr dos seculos, sem que a raça deixe por isso de ser a mesma. — Nem é isto para admirar entre os povos menos civilizados, quando entre os mais cultos existe o costume abominavel de enfaxar os recém-nascidos de tal modo, que é milagre não ficarem todos aleijados e defeituosos. Acaso é menos barbaro o uso dos espartilhos?

São sem duvida de nossos primeiros pais, que descendem os habitantes da terra do Fogo, e os da Groenlandia, os quaes passam sua vida em uma estúpida ociosidade; talvez nossos avós fossem, ha trinta seculos, tão estúpidos e preguiçosos como elles; o homem não aperfeiçoa o seu corpo e o seu espirito senão insensivelmente. Tem acontecido muitas vezes ao genero humano ficar por muito tempo submerso na barbaria e rudeza pela natureza do clima, em que habita, pelo seu genero de vida, pela viciosa conformação do seu corpo, por habitos inveterados, e muito mais ainda pela superstição e oppressão; em tanto que um ar puro e sereno, clima brando e suave, alimentos são e leves, um physico bem organizado, as grandes scenas da natureza e uma vida livre, ainda que dada ao trabalho regular, são circumstancias favoraveis

---

comparada poderia alguém decidir a que raça pertence um craneo, ou muitos craneos assim preparados, e cuja configuração fosse toda artificial? Entretanto eu mesmo vi muitas tribus selvagens com este abominavel costume.

para desenvolver a intelligencia, e conduzir á perfeição social.

Comtudo, qualquer que seja a differença de nossas forças intellectuaes, de nossa posição e de nossa fortuna, não deixamos por isso de ser todos originalmente descendentes do mesmo tronco ; por consequencia irmãos. O filho do pobre jornaleiro é tanto nosso irmão como o do fidalgo ou do mais poderoso monarcha. — Todos os homens tiveram os mesmos avós, todos são como nós. — O indigente tem tanto direito á nossa benevolencia, e á nossa generosidade como o filho do principe aos nossos respeitos, porque emfim honra seja feita a quem pertence ; porém sobretudo sejamos benevolos e affaveis. « E como não somos, nem mais nem menos, senão filhos do mesmo Deos, é como irmãos que devemos amar-nos. »

---

---

**CAPITULO IV.****Maneira de viver dos primeiros homens. Primeiras descobertas.**

Livres de accidentes, e collocados em um paiz tão agradavel como fertil, a familia humana e seus primogenitos viveram sem trabalho do que a terra produzia espontaneamente. As arvores carregadas de fructo chamaram a sua attenção, e uma das tradições da antiguidade nos revela que fôra o figo o primeiro alimento do homem, assim como as folhas da figueira o seu primeiro vestido. — Não tardou entretanto que as palmeiras se offerecessem ao homem, com toda a sua utilidade; seu tronco elegante e magestoso, sua cupula regular e quasi symetrica, seus fructos em pencas sobrepostas, tudo isto devia ferir-lhe a vista e excitar-lhe o desejo de aproveitar-se de seus productos, e achou logo em umas o palmito delicioso, em outras o

côco, contendo uma geléa saborosa e substancial, e agua sufficiente para estancar a sêde; da folha aproveitou-se para fazer cestos e esteiras, e dos troncos, por meio de uma incisão, tirou uma especie de vinho, de que tambem se faz vinagre e aguardente.

A videira nasce e produz espontaneamente, e sem cultivo na Asia Menor. O damasco, a pera, a maçã, a ameixa, são producções do mesmo paiz; onde se acham tambem todas as especies de grãos, que nos servem de alimento quotidiano, e cresce sem cultura como entre nós a relva dos campos. Antigos naturalistas tinham dito que a cevada se reproduzia, sem necessidade de cultivá-la, nas montanhas, que se estendem por detraz do mar Caspio. — Outro mais moderno assevera, que achou trigo inculto no Basch Kirie (governo de Oremburgo, na Russia); portanto é muito provavel que existisse tambem desde tempo immemorial nas montanhas de Cachemira, no Thibet e ao norte da China. Vivem igualmente em liberdade, nos paizes situados ao oriente do Euphrates e do mar Caspio, quasi todos os animaes domesticos, domados pelo homem desde a criação, e que o acompanharam nas suas peregrinações. Os invernos da Europa são desconhecidos n'aquelles ditosos paizes, onde reina uma constante primavera como na zona *intertropical* do Continente Americano. As palmeiras, as laranjeiras, estão constantemente carregadas de flores e de fructos; a madurez succede sem interrupção.

No centro d'estas naturaes riquezas viveram os primeiros homens ; como elles, ainda hoje vivem do producto da terra sem trabalho as tribus, que habitam sob aquella latitude. Em quanto a familia humana foi limitada, é provavel que não soffresse nenhuma privação ; porque habitando um clima calido não tinha necessidade de vestidos ; porém creado nú, e sem nenhum reparo natural, como tem os animaes, o homem devia experimentar com o tempo sensações desagradaveis pela chuva e pelos ventos do inverno, e teve necessidade de cubrir-se. Demais, tambem foi levado pelo pudor, o mais bello dos sentimentos naturaes da nossa especie, que nos preserva do peccado, e nos inspira essa modestia e decencia, sem as quaes nos não distinguiriamos dos brutos. Por isso o primeiro adorno, de que usaram nossos primeiros pais, se limitou a uma cinta de folhas de figueira (\*).

Se no principio limitou-se o atavio a uma só parte do corpo, não tardou em ser geral, reunindo muitas folhas para formar o vestido, que devia ser incommodo por falta de consistencia e duração. E como as pelles dos animaes offereciam mais conveniente abrigo, ainda que grosseiro e incompleto, usaram d'ellas sem nenhuma

---

(\*) No mesmo ponto se lhes abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus, e tendo cosido, umas com outras, algumas folhas de figueira, fizeram d'ellas umas cintas. (Gen., cap. 3.º, v. 7.)

preparação (\*). Isto é a tradição ; porque nos climas meridionaes não ha verdadeira necessidade de vestidos ; tanto assim que nos paizes calidos, e, o que é mais para admirar, nos frigidis, como a terra do Fogo e a cordilheira elevada de nossas montanhas, encontram-se tribus inteiramente nuas, entretanto cheias de vaidade, homens e mulheres pintando-se o corpo, golpeando-se as faces e introduzindo côres diversas ; furando os labios, o nariz e as orelhas, e carregando-as de grossas argolas, e pedaços de osso ou páu ; outros apenas usam de um panno ao tira-collo ou amarrado pela cintura em fórmula de *tanga*.

Os primeiros homens não cuidaram em construir habitações, e se abrigavam dos ardores do sol á sombra das arvores ; porém quando a chuva era excessiva, ou quando as arvores estavam despojadas de suas folhas, então buscavam as cavernas, que a provida natureza lhes tinha preparado, como asylos. É pois muito provavel que passasse muito tempo antes que os homens pensassem em fazer uma choupana.

Os homens viviam d'esta sorte em completa ociosidade ; o que foi considerado pelas raças modernas, talvez por cansadas do trabalho, como um estado de perfeita felicidade ; tanto mais que esta ociosidade era acompanhada da

---

(\*) Fez tambem o Senhor Deos a Adão, e a sua mulher umas tunicas de pelles, e os vestiu com ellas. (Gen., cap. 3.º, v. 21.)

innocencia dos costumes e da pureza do coração, o que fez dar a esta epocha a denominação de — *Idade de Ouro.* — Porém aquelle que reflectir nas qualidades de que o homem é dotado, na faculdade que tem de obrar e de executar quanto quizer, na propriedade de estender e de multiplicar a sua força intellectual, comprehenderá facilmente que a felicidade do homem não pôde consistir na ociosidade; mas, pelo contrario, que só no trabalho, que desenvolve o seu vigor e a sua energia, é que pôde achar prazeres.

O homem do campo considera o seu casal como obra das suas mãos, e tudo quanto o cerca é para elle um motivo de gozo, porque satisfaz o seu orgulho. O artesão considera o seu trabalho como o primor da arte e do ingenho; e quando depois de muita reflexão, de repetidos ensaios, de vigílias, e de cuidados, lôgra obter uma feliz combinação, um todo perfeito; não pôde haver prazer igual ao seu, porque se assemelha á Divindade, que tirou o mundo do chaos, e depois de assim feito « *Viu Deos que isto era bom.* » Comtudo, para excitar os sentimentos do homem, para que elle chegasse a conhecer esta fonte de prazeres, alimentada pelo trabalho, era mister que a sua attenção, que os seus sentidos fossem estimulados por vivas imagens, que ferissem o seu espirito, despertando a imaginação, para que elle pensasse, reflectisse, trabalhasse, e procurasse instruir-se, e que por fim creasse.

A reflexão do homem começou a ser excitada naturalmente pelos grandes phenomenos da natureza; uma tempestade por exemplo, um tremor de terra, o trovão, o raio, uma inundação, tudo quanto podia deslumbra-lo, ou aturdi-lo, tudo chamou a sua attenção, e incitou-o a perguntar a si mesmo — d'onde nasce tudo isto? Por outra parte a necessidade foi outro estímulo que o moveu á reflexão. A necessidade é a mãe da sabedoria, dizia um antigo philosopho. Com effeito, o homem naturalmente inclinado á inercia e á preguiça, nunca teria saído d'este estado de torpor e de incuria sem o agulhão da necessidade. — Tanto mais o homem se aproxima do estado inculto e de pura natureza, quanto é maior a sua tendencia para a ociosidade. A Providencia portanto habilitou o homem para sair d'este estado aviltante de inercia cercando-o de perigos, e fazendo-o amar a existencia.

Attacado por animaes ferozes, o homem viu-se na necessidade de defender-se. As primeiras armas, de que fez uso, foram sem duvida seus braços, suas unhas e seus dentes; porém logo viu que isto só não podia bastar para a sua defeza, e lançou mão de um galho, ou de um tronco de arvore para arredar de si os animaes bravios, que o importunavam. — Obrigado desta arte a andar armado, elle procurou tornar o tronco mais manual, e serviu-se de pedras cortantes para desbasta-lo, principalmente do lado em que pegava; e esta foi sem duvida a origem

da *maça* ou da *clava*, naturalmente a mais antiga de todas as armas, porque a Escritura nos diz que fôra com ella que Caim matára a seu irmão Abel. A parte da clava mais delgada podia servir tambem para ferir os animaes de mais longe, ou para os fazer fugir sem necessidade de combate; e eis-ahi a origem da lança. — Mais tarde, quando a arte de trabalhar os metaes se divulgou, a maça e a lança foram guardadas de laminas de bronze ou de ferro.

O arremesso das pedras parece ter sido igualmente um meio natural, de que o homem se serviu para defender-se dos animaes, ou talvez para attaca-los; e como reconhecesse que o impulso dado á pedra depende da elasticidade do braço, substituiu este agente por outro mais elastico, e inventou a funda, que no principio foi naturalmente da cortiça de uma arvore, e depois de uma corréa. — Da necessaria defeza nasceu o ataque contra os animaes, e o que se fez por necessidade ao principio, tornou-se depois gosto e entretenimento. A inclinação natural do homem, como ente destinado por sua conformação a comer carne, induziu-o a provar da dos animaes, que matava; tanto mais que elle observou, que d'ella se sustentavam tambem outros animaes. A arte de cosinhar deve ser posterior, e os primeiros homens comeram a carne crua; tanto assim que muitos povos selvagens ainda a comem n'este estado, e tem os dentes tão aguçados como outro qualquer animal carnívoro.

Porém concedendo que os homens no principio não comessem carne, e apenas se nutrissem de fructas e legumes, é de presumir entretanto que pela propagação da sua especie se vissem obrigados a emigrar para outros paizes; e como lhes faltasse o alimento habitual, serviram-se então da carne, que pelo uso tornou-se o sustento principal. A caça foi portanto uma das primeiras occupações do homem; ella exercitou e fortificou seu corpo; ella estimulou sua actividade e o seu espirito pelos riscos que corria. Estes perigos obrigaram o homem a observar, a reflectir, e a descobrir.

Uma observação, que devia logo ser feita, foi que existiam especies de animaes menos bravias que outras, e que se ligam facilmente ao homem, seguindo-o depois voluntariamente.

A Biblia nos diz que Abel fôra pastor (\*). O homem pois reuniu em torno de si uma porção d'estes animaes, como ovelhas, cabras, vaccas e jumentos, nutriu-os, pensou-os, e curou d'elles; e mais tarde aproveitou-se da sua carne, do seu leite, da sua lãa, e da sua pelle para tambem sustentar-se e vestir-se. O pastor, obrigado a procurar bons pastos para o seu rebanho, viu-se na necessidade de fazer uma habitação para si, porque nem sempre a natureza lhe offerecia uma gruta ou uma caverna. O primeiro abrigo, producto da arte,

---

(\*) Depois teve a Abel, irmão de Caim. Depois Abel foi pastor d'ovelhas, e Caim lavrador. (Gen., Cap. 4.º, v-2.)

foi bem tosco e bem grosseiro, porque sem duvida não podia ser outra cousa senão uma reunião de ramos entrelaçados, que podessem receber um tecto de pelles, e formar assim uma especie de barraca.

Antes que a agricultura viesse ligar o homem ao solo que cultiva, elle não se tinha estabelecido em logar fixo, porque vivendo de productos naturaes, mudava de logar á proporção que os fructos escasseavam. Esta vida errante era tanto mais necessaria para o pastor, quanto eram numerosos seus rebanhos, porque cada dia precisava de novos pastos. Seguindo as margens dos rios, buscava sempre os logares nunca d'antes pisados por planta humana. — A sua barraca, ou casa provisoria, andava sempre enrolada, e se plantava no sitio mais conveniente, porque não faltavam arvores, a cujo arrimo se chegasse. Estes povos pastores chamam-se *nomades*, por causa da sua vida errante, como ainda hoje os Arabes e os Tartaros. —

---

---

**CAPITULO V.**

**Descuberta da Agricultura, e dos instrumentos que lhe são necessarios.**

Entretanto nenhuma d'estas maneiras de viver proporcionava ao homem um meio de desenvolver gradual e tranquillamente as forças, de que o tinha dotado a natureza. O caçador em suas occupações crueis e sanguinarias, tornava-se mais selvagem; o seu corpo se endurecia e tomava um ar de rusticidade propria d'aquelle exercicio; seu espirito apenas comprehendia a astucia e a manha necessaria para enganar os animaes. Seus prazeres se reduziam ao uso da força bruta; e esta força adquirida na luta com as feras, degenerava em arrogancia para com os outros homens. As suaves emoções da humanidade não tinham cabida em um coração tão empedernido.

Por outro lado, a vida errante do pastor não

lhe permittia occupar-se do desenvolvimento das faculdades do seu espirito, nem dar campo aos mais nobres sentimentos do coração humano. Elle vivia antes com os animaes do que com seus semelhantes; e se ainda hoje os nossos Zagaes, posto que andem sempre nas visinhanças dos logares povoados, cahem facilmente em uma especie de verdadeiro embrutecimento physico e moral, poderia crer-se outra cousa dos primeiros homens, filhos da natureza, grosseiros e sem experiencia? O pastor se abandona a certa inercia contemplativa, que se oppõe ao desenvolvimento da observação e do tino, qualidades que tanto favorece a vida activa e cheia de perigos do caçador. Em compensação, porém, acham-se na vida domestica dos pastores certa amenidade e doçura de costumes, que não é dado aos caçadores. Entre os primeiros vive a familia quasi sempre reunida, e esta condição favorece muito mais a industria, do que quando se vive solitario e nos bosques. Talvez mesmo devamos aos pastores muitas descobertas uteis, a que nunca teria atingido a coragem brutal e destructora dos povos caçadores.

Muitas commodidades domesticas são devidas aos pastores; quem sabe se não foi uma de suas mulheres, que inventou a arte de fiar; invenção anterior á da agricultura, e que os Gregos e Romanos attribuiam a Minerva, uma de suas Deosas. Estas descobertas foram imperfeitas em sua origem, e o foram ainda por muito tempo, emquanto estas familias errantes

e solitarias não poderam associar-se, e communicar-las entre si; talvez muitas se perdessem por causa d'esta separação. Ora, os pastores não podiam reunir-se em grande numero, porque cada familia tinha necessidade de uma extensão sufficiente de campo para apascentar os seus rebanhos; e como o unico meio de aperfeiçoar as suas descobertas, era entrar n'estas relações reciprocas, que redundam em proveito de todos, permaneceram ainda n'este estado grosseiro por muito tempo, até que poderam viver em sociedade.

O melhoramento da raça humana não podia portanto começar senão depois da descoberta da agricultura. Ignoramos qual fosse o povo, ou o homem, a quem primeiro lembrou lavrar a terra, depositar algumas sementes, e esperar pelo fructo do seu trabalho. Este processo parece-nos agora muito simples; porém não o foi em seu começo. O homem selvagem parece-se com a criança, que quer gozar da sua obra immediatamente, sem ter a paciencia de esperar semanas e mezes para vê-la progredir e prosperar. Para adquirir esta paciencia é mister possuir já uma attenção tranquillã e previdente, uma reflexão fundada sobre experiencias successivas; e a prova d'esta imprevisão é o que se conta dos selvagens da Luisiana, que cortavam a arvore quando queriam colher o fructo.

Todavia a arte de amanhar as terras deve ser de um tempo bem remoto. — A Biblia diz que Caim fôra lavrador, e a agricultura florescia no

Egypto no tempo de Abrahão. Os Gregos e os Romanos attribuiram igualmente esta descoberta ás suas divindades, uns a Ceres, e os outros a Saturno ; o que prova ser hoje quasi impossivel saber-se, a quem de preferencia se póde dar a honra da primicia. Não havendo nada de certo, nem tradição a este respeito, só é dado presumir a maneira porque os homens chegaram a descobrir a agricultura. A sabedoria e summa bondade do Creador tinham prevenido certas circumstancias, em apparencia fortuitas, mas que despertaram a attenção dos habitantes da terra, e vieram facilitar-lhes este importante achado.

Supponhamos uma familia de pastores, que tendo chegado a um valle, cercado de montanhas, achou n'elle optimos pastos para os seus rebanhos, e outros fructos para o seu sustento, e que tendo-se estabelecido, veiu outra familia associar-se ou occupar tambem parte do mesmo valle, e augmentar o numero dos consumidores : que passados tempos começou a escassear o sustento dos homens, porque cessa a reproducção quando falta a semente, e esta era só destinada para o consumo : que por qualquer motivo se impossibilitava a emigração de novo, e fosse mister permanecer n'aquelle logar ; então urgido pela necessidade, lembrou-se um d'elles de ter observado, que alguns grãos de trigo ou de cevada, que se tinham espalhado pelo chão e cuberto de terra casualmente haviam germinado, criado raizes, elevado-se e dado fructos da mesma especie ; circumstancia que muitos

outros tinham visto antes, mas em que ninguem tinha feito reparo, porque para isto era mister um observador. Eis-ahi pois como o homem, imitando a natureza, moveu a superficie da terra, lançou-lhe algumas sementes, que cubriu cuidadosamente, e esperou por seus fructos.

É igualmente provavel que a mesma observação se fizesse por differentes familias, ou que por outros meios chegassem aos mesmos fins; e que passando então da necessidade á abundancia, fossem melhorando a primeira descoberta, até o ponto em que nós a recebemos dos nossos antepassados. Attribute-se geralmente aos Egypcios, um dos povos mais instruidos da antiguidade, a descoberta da agricultura. Se elles a receberam de outros povos mais antigos, ou foram realmente os primeiros que a descobriram, é facto contestavel; porém não o é que fossem elles os que a aperfeiçoaram, e transmitiram aos povos visinhos, e d'ahi a outros mais distantes e remotos. Ora, dissemos que a maneira de lavrar a terra era muito imperfeita no principio; e assim devia ser, porque não se conheciam os instrumentos, nem os methodos, que hoje facilitam os trabalhos, com que forçamos, por assim dizer, o solo a dar-nos abundantes colheitas. A força dos braços, e talvez um pedaço de páu, fazia os officios de diversos instrumentos, que hoje empregamos na agricultura. Os Peruanos em 1528, quando os Hespanhoes alli foram pela primeira vez, não tinham arado, nem bois; entretanto o paiz estava cultivado, segundo nos refere Ulloa.

No Senegal, sobre a costa occidental da Africa, servem-se os negros para lavrar a terra do seu facão, e os antigos habitantes das Canarias, ilhas visinhas da costa occidental do norte da Africa no mar Atlantico, serviram-se de pontas de boi. Comtudo, a invenção do arado é de muito remota antiguidade, quer fosse no Egypto, quer na China. Em sua origem devia ser muito simples, constando de uma só peça de madeira, curva em uma das extremidades; depois formou-se o arado de duas peças, a uma das quaes estavam jungidos os bois, e a outra era a que servia de relha; procurando que esta fosse de madeira mais solida para resistir ao atrito. Não foi senão depois de muito tempo, que os arados foram guarnecidos de metaes; porque a arte de prepara-los não é tão antiga, nem tão facil; ainda hoje em muitos paizes os arados são de páu; e tem por costume tostar ao fogo a parte, que serve de relha, para endurece-la.

A experiencia devia melhorar este instrumento, que ao principio estava destinado a romper a terra sem revolve-la; principalmente depois que se observou, que a terra, assim revolvida, era mais apta para fecundar a semente pelas propriedades necessarias, que tinha recebido do ar. Um tal Arndt, da Silesia, foi o primeiro que fez construir uma charrua com quatro relhas, e de tal modo que com dois bois fazia tanto trabalho em terra fraca, como com um arado ordinario puxado por oito bois. — A grade,

que serve para destorroar a terra lavrada, é igualmente uma descoberta antiga, porque já a achamos mencionada no livro de Job. Os meios artificiaes e engenhosos de dar ao solo nova fecundidade por via do estrume e da réga, são igualmente de remota antiguidade; e tanto assim, que é aos Deoses a quem se attribue esta descoberta.

Quando o trigo chegava ao estado de madurez, colhiam-se as espigas com a mão, como ainda hoje se pratica entre muitos povos. Todavia, o uso de um instrumento, que cortasse muitas espigas ao mesmo tempo, tambem é muito antigo; nem era mister que fosse de metal, porque os habitantes do Paraguay, não ha muito tempo, usavam para segar o seu trigo das costellas de boi á guisa de fouces; e outros povos poderiam ter empregado meios semelhantes, antes de conhecer o uso dos metaes. O methodo de despegar o grão da espiga, machucando-a com as mãos, devia ser não só lento como fastidioso, e para suppri-lo inventaram-se varios meios. Em tempo de Moysés o mais usado era preparar um terreiro bem igual, chamado *eira* (corrupção de área), onde lançavam os molhos de trigo, e fazendo entrar alguns bois ou jumentos, separavam o grão trilhando as espigas.

Como era difficil impedir que os bois, que trabalhavam na eira, comessem algumas espigas, inventou-se um meio cruel para prevenir este inconveniente; tanto que Moysés na sua lei prohibe aos Judeos o seu uso, dizendo-lhes:

« Não poreis açaimo ao boi quando trilha o grão. » Os Turcos tem outro modo de debulhar o trigo : fazem mossas no plano de uma taboa á maneira de uma lima, e collocando a parte aspera sobre as espigas, movem-na em todos os sentidos. Os Chinas fazem a mesma operação com uma pedra escabrosa. Na Italia, e em muitos logares da França, debulha-se o grão fazendo correr na eira uma especie de trenel ou tribula. Na Allemanha a machina de trilhar é muito imperfeita, porque além do immenso trabalho, gasta-se muito tempo. Planaza fez construir em Pariz, em 1786, uma machina, com a qual dois trabalhadores podiam, em tempo determinado, fazer tanto como sessenta e quatro malhadores ordinarios com o mangoal. Porém não só este mecanismo, como o de Vogt, estão em desuso; porque muitos homens, para justificar a sua incuria e natural molleza, sóem dizer « assim fizeram nossos pais e avós e foram felizes, nós faremos como elles. »

Entretanto, os que assim pensam, ferem-se com as suas proprias armas : porque se seus antepassados fossem tão inertes e desleixados como elles, e tivessem permanecido fieis ás primeiras descobertas, sem outro algum melhoramento, é evidente que ainda hoje lavrariamos a terra com chifres, e segariamos o trigo com as costellas de boi. Não, por certo; os nossos antepassados eram mais activos e laboriosos que nós; não só fizeram descobertas, como as foram melhorando, para transmitti-las aperfeiçoadas a

seus descendentes. Com quanto ignoremos os seus nomes, não deixaremos por isso de honrar e de bem dizer a todos aquelles que mais trabalharam para a perfeição da agricultura, e descobriram por esse meio os instrumentos, que mais convinha. Honra-los-hemos, porque foram os maiores, senão os unicos bemfeitores do genero humano. —

O agricultor, satisfeito com o producto do seu trabalho, acostumou-se com o lugar donde tinha tirado tanto proveito; sobretudo se o solo era fecundo, porque o habito é uma segunda natureza. Tanto que teve segura subsistencia, a locomoção tornou-se desnecessaria, e até difficil, portanto cuidou logo de outros commodos; e o primeiro foi por certo acautelar e conservar o producto de suas colheitas. — Observando que nas cavas o grão, combatido pela humidade, germinava ou apodrecia, cuidou de fazer um celleiro de estacas a pique, que buscou colmar da melhor maneira, que lhe foi possivel; e depois é natural que outro tanto fizesse para abrigar-se commodamente; e d'ahi vieram outras vantagens da vida domestica. O primeiro leito do homem foi sem duvida sobre a relva, ou sobre as folhas, depois sobre pelles; fez-se tambem o primeiro banco, a primeira meza, grosseiramente trabalhados. As pelles, presas sómente ao pescoço, deviam incommodar muito ao agricultor, que tinha de trabalhar inclinado sobre a terra; deu-se-lhe portanto uma fôrma de tunica, deixando abertura sufficiente para

passar os braços, e ligou-se por uma corréa em roda da cintura.

Tudo quanto acabamos de esboçar era na verdade grosseiro e tosco; porém tal foi o principio da vida domestica e de todas as commodidades, de que hoje gozamos. Um dos resultados mais interessantes da agricultura foi a vantagem de reunir muitas familias, e de poderem communica-se. D'aqui data a historia, porque é d'onde começa a tradição. D'aqui a origem da primeira sociedade, porque foi quando nasceu a propriedade. O desejo de abastança e dos prazeres incitou o homem a novas descobertas, para obter ainda maior gozo da propriedade. O contacto entre os homens estimulou a sua ambição; movidos pela inveja e pelo ciume, procuraram avantajarse mutuamente; e para consegui-lo, puzeram em jogo todas as forças do corpo e do espirito. Então foram apparecendo insensivelmente os melhoramentos parciaes, que confortam a existencia, que desenvolvem as forças da natureza e tornam mais productivas e mais brilhantes as faculdades intellectuaes do homem.

---

---

---

**CAPITULO VI.****Descubertas da arte de coser o pão, dos moinhos e das bebidas compostas ou artificiaes.**

O emprego mais geral, que hoje fazemos do trigo, é reduzi-lo a pão. Ora, para chegar a este ponto é mister um processo, que depende de muitos gráus, desde a sega até o pão; e n'esta serie de trabalhos passou-se muito tempo antes que os homens chegassem a obter o pão de que nos servimos. Já dissemos como na primeira idade o trigo era debulhado; ainda assim, era necessario reduzi-lo a farinha, e para isto se requer um moinho; depois molhar a farinha, amassa-la e reduzi-la a pasta, misturando um pouco de fermento, para levedar a massa; passasse então a coser esta massa assim preparada, e para isto é mister um forno, e saber aquece-lo, dando-lhe o gráu de calor sufficiente. — Bem se vê, que todos estes gráus de trabalho, ou diversas descubertas não podiam ser simultaneas,

e que succederam lentamente; muito mais quando o fogo, e a maneira de o conservar, devia ser inteiramente desconhecido aos primeiros homens; tanto assim que muitos povos selvagens ainda ignoram o seu uso. —

Do que acabamos de dizer se infere, que os nossos antepassados não comeram pão tão sabroso nem tão sadio como o de que hoje fazemos uso. — No principio comia-se o trigo como todos os outros productos do campo, isto é, sem nenhuma preparação; e este uso seguiu-se por muitos seculos, porque ainda em tempo de Jesus Christo, refere S. Lucas, que passando com os seus discipulos por uma seara, estes apanharam espigas, e machucando-as nas mãos, as comeram (\*). — Como o trigo, depois de guardado, endurecia, veiu a lembrança de o pôr de molho por algum tempo afim de torna-lo mais tenro; e consta que assim preparado servia de alimento aos primeiros Gregos e Romanos. Só depois de conhecido o fogo, e talvez de muito tempo, é que o grão foi cosido em agua, e servido como nós comemos o arroz.

O uso de torrar o grão ou de faze-lo seccar ao fogo, existiu igualmente na antiguidade entre muitos povos. Ainda hoje, em muitos paizes da Africa, se servem por alimento quotidiano da

---

(\*) E aconteceu um dia de sabbado, chamado segundo primeiro, que como passasse pelas searas, os seus discipulos cortavam espigas, e machucando-as nas mãos, as comiam. (S. Lucas, Cap. 6, v. 1.)

cevada torrada. Os Calmucos da Asia deixam amollecere a cevada dentro d'agua, espremem-na depois para tirar-lhe a casca, deitam-na em uma casserola sem agua até que o grão fique bem torrado, e comem-no assim á guisa de pão. Qual fosse a origem da farinha, ou como chegaram a triturar o grão para obte-la, é cousa pouco averiguada; porém pôde suppôr-se, que cosinhando o grão, e fazendo com elle uma especie de papas, de que ainda hoje se sustentam muitos povos Americanos, julgassem melhor pilar o trigo antes, e depois de reduzi-lo a farinha, emprega-lo então, como o faziam com o grão (\*). — Sem embargo, o uso da farinha é tambem de remota antiguidade, e não só da farinha como do pão com levadura.

---

(\*) O trigo não era conhecido na America antes da conquista; porém os indigenas serviam-se do milho, deitando o grão de remolho; e depois de amollecido, pilavam-no, ou moiam-no entre duas pedras, roçando uma na outra, e fazendo uma massa, a que davam a fôrma de uma bolacha; então punham-na em uma frigideira de barro, que collocavam sobre o fogo, e obtinham d'est'arte um pão muito sadio e substancial, a que chamavam *arepa*. Ainda hoje em toda a costa firme e Nova Granada, Guatemala, Perú, e em muitos outros logares do nosso continente se servem d'este pão, que chega a ser delicioso quando é preparado com manteiga ou com leite. — Tambem se usa em todos esses paizes, que acabo de mencionar, um alimento mui commum do tempo dos primeiros indigenas, e vem a ser uma especie de canja, a que chamam *massamorra*; hoje fazem-na de farinha de trigo, e de batatas picadas, adubada com toucinho; porém antes constava só de milho pilado e de batatas. —

Tendo Deos enviado tres homens a Abrahão, disse este a sua mulher Sara, que amassasse uma pouca de farinha, e fizesse coser os pães debaixo da cinza (\*). O pão assim feito era uma especie de bolo delgado, naturalmente como o do *Cassave*, de que usavam os indigenas da costa firme (\*\*), e facil de partir com as mãos. Esta fórma deve mesmo ter-se conservado até Jesus Christo, porque nos quatro Evangelhos se encontram repetidas vezes estas expressões : « Tomou o pão, e o partiu (\*\*\*) . » A maneira

(\*) Entrou Abrahão a toda a pressa na sua tenda, e disse a Sara : amassa depressa tres medidas da mais pura farinha, e faze coser uns pães debaixo da cinza. (Gen., Cap. 18, v. 6.)

(\*\*) No Brasil chama-se beijú ao que na costa firme se chama *cassave* ; massa feita de mandiocá rallada, e cosida á maneira da *arepa*. Hoje no Brasil faz-se o beijú de outro modo, quer seja da massa quer do amido da mandioca, e é cosido no forno como a farinha.

(\*\*\*) E tomando os sete pães, e os peixes, e dando graças os partiu, e deu aos seus discipulos, e os discipulos os deram ao povo. (S. Matheus, Cap. 15, v. 36.)

Estando elles porém ceando, tomou Jesus o pão e o benzeu, e partiu-o e deu-o a seus discipulos, e disse : « Tomai e comei ; este é o meu corpo. (Ibidem, Cap. 26, v. 26.)

E mandou a gente que se recostasse sobre a terra ; e tomando os sete pães, dando graças os partiu, e deu a seus discipulos, &c. (S. Marcos, Cap. 8.º, v. 6.)

Tambem depois de tomar o pão deu graças, e partiu-o, e deu-lh'o, dizendo : « Este é o meu corpo que se dá por vós : fazei isto em memoria de mim. » (S. Lucas, Cap. 22, v. 19.)

de coser o pão era grosseira e imperfeita, porém isto mesmo prova a marcha de todos os melhoramentos, que a civilisação tem trazido, não de chofre, mas lentamente, porque ainda hoje muitos povos selvagens cosem o pão do mesmo modo. Na Noruega, na Arabia, e em muitas provincias da Africa, a massa é posta entre duas pedras escandecidas até tomar a consistencia necessaria, e depois come-se ainda quente.

Se no tempo de Abrahão não se usava do pão com fermento, sabe-se que estava em uso entre os Judeos no tempo de Moysés, que viveu mil e quinhentos annos antes do nascimento do Salvador; porque Moysés ordenou ao povo de Deos que celebrasse a Pascoa com pão asmo, como o tinha comido na sua sahida do Egypto (\*). Naturalmente a levadura foi uma feliz descoberta, devida á economia de alguma mulher egypcia, que querendo aproveitar algum resto de massa, que havia sobejado de outra vez, misturou-a com outra nova sem prever as vantagens, que d'isto resultaria. — Que tal não seria o seu pasmo, quando notou que o pão, resultado da mescla de um resto azedo e impuro, não sómente havia levedado, como era muito mais saboroso! — Apesar de tudo isto o

---

(\*) Comereis pães asmos sete dias: e o dia setimo será a solemnidade do Senhor.

Comereis pães asmos sete dias: e não haverá em vossas casas pão de fermento, nem em terra alguma vossa. (Exodo, Cap. 13, v. 6-7.)

pão d'aquelles tempos estava muito distante de ser tão perfeito como o nosso ; porque durante muitos seculos a arte de reduzir o trigo a farinha, e de separar a mais grossa da mais fina, e ainda mesmo o farello, era summamente imperfeita e trabalhosa. —

Sem embargo, os moinhos existiram de longa data no Egypto, porque Moysés faz d'elles menção. Constavam de duas pedras redondas sobrepostas, uma fixa e outra movel, com que se triturava o trigo, pelo movimento giratorio da que ficava superior. Porém não se serviam da força da agua nem do vento, e a mó era movida só pela força dos braços, de modo que o trabalho era insano, e não se applicavam n'elle senão os mais infimos escravos ; o que se collige da seguinte predicção de Moysés : « E todos os primogenitos morrerão nas terras do Egypto, dês do primogenito de Pharaó, que está assentado no seu throno, até o primogenito da escrava, que está á mó do moinho, e até os primogenitos das bestas (\*). » Um antigo Rei da Grecia, Odisseo, que viveu ha mais de tres mil annos, tinha doze mulheres occupadas diariamente em moer farinha de trigo e de cevada.

O primeiro passo, que se deu, para melhorar esta machina, foi substituir a força do cavallo á dos braços ; porém os moinhos d'agua são de data posterior, e só foram conhecidos da epocha do nascimento de Jesus Christo para cá. Os

---

(\*) Exodo, Cap. 11, v. 5.

moinhos copeiros (\*), que exigem menos agua, porque a recebem a prumo, e em massa, são de invenção allemãa. Os moinhos de vento são de tempos mais modernos, e apenas alcançam a pouco mais de setecentos annos, ou ha tanto que são conhecidos na Europa; e o seu uso se tem generalizado sómente ha cousa de tres seculos. É facil de conceber, que para chegar a construir uma machina tão complicada fosse mister, que muitas outras descobertas a tivessem precedido. Só um homem dotado de grandes conhecimentos, profundo pensador, e machinista de profissão, poderia executar a idéa de adaptar azas a um eixo movediço, com que fizesse girar pela força do vento a mó, e ao mesmo tempo levar o grão ao lugar do seu destino, e dar saída á farinha; collocando a machina de modo o mais favoravel para poder aproveitar toda a acção do vento.

Um machinista hollandez foi quem inventou em 1650 os moinhos collocados em uma especie de torre, com o tecto movel. — Um alveitar, chamado Heine, habitante de Lemsal, pequena cidade da Livonia, construiu um moinho d'agua sem necessidade de rio nem de levada. Consistia a machina em uma grande nóra, sobre a qual havia um reservatorio de taboas com uma comporta; a agua caindo sobre a roda, imprimia-lhe

---

(\*) Engenho ou moinho *copeiro* é aquelle, cuja roda se move por queda d'agua sobre os cubos mais altos. *Rasteiro* é o que a agua move por baixo, dando nos cubos inferiores.

o movimento, e vinha depositar-se em outro reservatorio inferior. — A roda grande não sómente endentava na bolandeira, que fazia mover a mó, como tinha o seu eixo guarnecido com oito barras de ferro, que iam prender aos embolos de outras tantas bombas, por meio das quaes tornava para o reservatorio superior toda a agua que tinha descido. Apenas era mister de quando em quando supprir, com alguns baldes de agua, a que se perdia pela aspensão ou pela evaporação. Note-se bem quão engenhoso é este machinismo, e quão util seria adopta-lo n'aquellas localidades, onde ha absolutamente falta de aguas correntes.

Os moinhos de balancim são os mais modernos, e talvez seriam mais uteis que os antecedentes pela simplicidade do mechanismo. Um mechanista francez, chamado Musy, pretendeu vender em 1773 uma machina, por meio da qual fazia mover toda a especie de engenho sem agua, nem vento, e não tendo necessidade de outro auxilio senão o de dar-lhe corda uma só vez por dia. Pouco uso se fez d'esta invenção; apesar de que em 1792 um Italiano, chamado Morozzi, a reproduzisse, e trabalhasse com ella, a ponto de moer em uma hora quatro sacos de farinha muito fina. Um moleiro dos arredores d'Eutin, chamado Scharbow, homem tão experte e reflectido como honesto, fez em 1803 uma feliz combinação d'agua e do vento, porque dispondo de pouca agua, não podia moer continuamente. Sobre o tecto do seu moinho d'agua

fabricou outro de vento com as aspas horisontaes, e envolveu as aspas com um guarda-vento movel, que se abria só do lado d'onde vinha o ar, tendo no fundo uma abertura ou furo por onde o vento passava encanado e com mais força. — Emquanto havia vento, trabalhava o moinho superior, e a agua se accumulava entretanto no reservatorio; quando porém cessava o vento, começava o moinho d'agua, e assim alternadamente.

Não se pôde dizer com certeza qual foi a primeira bebida artificial, de que usaram os homens; se o vinho de palma, que se extrahê por meio de uma incisão nas palmeiras, como se usa na India de tempo immemorial, e na America, principalmente em Venesuela: ou o suco da uva e do medronho. — O vinho, propriamente dito, é mais antigo que a cerveja, porque para obter o primeiro basta exprimer a uva com a mão, emquanto que o processo para fazer a cerveja depende de mais arte. Ainda que existisse a videira antes do diluvio, foi Noé o primeiro que a cultivou logo depois, pelo que foi glorificado pelos seus descendentes (\*); assim como glorificaram os Gregos a Baccho, a quem attribuem a invenção do lagar. O uso do vinho podia ser anterior, porém não ha d'elle menção até Noé, que se embebedou, e

---

(\*) E como Noé era lavrador, começou a cultivar a terra, e plantou uma vinha. (Gen., Cap. 9, v. 20.)

appareceu nú na sua tenda (\*). O que ha digno de observar-se, é que quasi todos os povos não se contentaram com a agua pura, e que inventaram bebidas excitantes, com que se embriagavam (\*\*).

Depois do vinho é talvez a cerveja a bebida excitante mais antiga. — Logo que os homens começaram a coser os grãos de trigo e da cevada, para torna-los mais tenros, é provavel

---

(\*) E tendo bebido do vinho, embebedou-se e appareceu nú na sua tenda. (Gen., Cap. 9.º, v. 21.)

(\*\*) Os Mexicanos antes da conquista usavam de uma bebida excitante, a que chamavam *pulque*, e ainda hoje está em grande uso entre os Indigenas; da qual os Hespanhoes tiravam grande tributo. É uma especie de xarope feito com mel de piteira e agua até fermentar, de sorte que tem um cheiro e gosto mui desagradavel para quem não está acostumado. O mel extrahe-se da piteira cortando o tronco ainda verde acima das primeiras folhas, e cavando o amago, em cuja cova se reúne o mel, que é um caustico violento. Entre os antigos Peruanos e Quitenhos havia uma bebida chamada *chicha*, feita de milho cosido fermentado; eu vi muitas vezes esse licor primitivo, achado em bilhas de barro hermeticamente tapadas, dentro dos antigos sepulchros dos Incas; hoje faz-se misturando-lhe assucar bruto ou melaço, e tambem está em grande uso entre todos aquelles povos.

No Brasil tambem se conhecia o vinho de palma, que temos substituido pelo vinho do cajú, e ultimamente da laranja. — Tambem temos a *garapa*, que é uma especie de *chicha* feita com melaço e agua, fermentada, que chega a embebedar, tomada em certo ponto de asedume a que chamam *picada*.

que o fluido assim preparado fosse a primeira cerveja de que usaram —, tanto que já antes de Jesus Christo fazia-se do trigo torrado, e depois posto de molho, uma bebida forte, que pouco differia da aguardente. Hoje a preparação da cerveja é muito engenhosa. — Deita-se a cevada de molho, e depois estende-se para que seque e chegue a grelar; então leva-se a uma estufa, onde se aquece até cahir-lhe o grello; pila-se depois, e deita-se a ferver mechendo-a continuamente, e n'esta operação lança-se-lhe o lupulo —, deixa-se esfriar e assentar, e logo que fica clarificada, está a cerveja feita. — Esta é a cerveja moderna allemãa, que differe alguma cousa da que usavam os primeiros Germanos; entretanto não só os antigos povos do Norte como os Egypcios usavam de uma bebida analoga, talvez mais simplesmente preparada.

Muitas nações usavam do leite, do mel, e até do sangue dos animaes. Ainda hoje os caçadores da cabra montez nos Alpes costumam beber-lhe o sangue, logo que as matam, porque suppõe que o sangue ainda quente os vigora e lhes dá força. — A arte veio tambem ensinar ao homem o meio de extrahir dos grãos, e das plantas e raizes sacarinas, uma especie de licor forte, a terrivel aguardente, a mais nociva de todas as descobertas. Os Tartaros na Asia preparam igualmente uma bebida embriagante, extrahida do leite das egoas depois de fermentado. — Os Turcos usam do opio e do café; os Chinas do chá e do opio; e tanto o café como

o chá tem-se tornado bebidas usuaes entre todos os povos civilisados. Os Lapões extrahem do venenoso cogumelo uma bebida de que usam habitualmente. Até hoje póde-se dizer, que só um povo foi conhecido sem o costume d'essas bebidas fortes e excitantes, que embriagam, e agitam os espiritos vitaes de uma maneira horrosa; este povo é o que habita a Nova Zelandia, segundo o testemunho do Inglez John Savage. Entretanto, este povo, que parece sobrio e temperante, é anthropophago.

---

---

**CAPITULO VII.**

**Primeiro expediente para haver fogo; para cosinhar; para trabalhar os metaes, e para construir casas.**

Ainda que nos pareça muito natural e urgente a necessidade de ter fogo, comtudo concordam todos os antigos n'esse ponto, que os primeiros homens não conheceram este elemento, nem será tão grande nosso pasmo, sabendo que os habitantes das ilhas Marianas, descobertas em 1521 pelo Portuguez Magalhães, não tinham a menor idéa do fogo. Estes ilhéos ficaram absortos, como á vista de um milagre, quando viram Magalhães e seus companheiros acender fogo; elles julgaram que a chamma era um animal, que se prendia á madeira para nutrir-se. Sem conhecer os seus effeitos, chegaram-se para perto, e alguns se queimaram, o que causou terror aos outros, tanto que não ousaram mais aproximar-se, e apenas contemplavam com

admiração este, que suppunham animal, e cujo halito venenoso os podia alcançar de longe. Não eram esses os unicos homens do mundo, a quem o fogo era desconhecido; muitas hordas da America o ignoravam igualmente até a conquista dos Europeos (\*).

Todavia, o uso do fogo deve ser de bem remota antiguidade. Da historia dos Judeos não consta que esse povo desconhecesse o seu uso em tempo algum. Porém, como se fez o fogo conhecido? como o descobriram os primeiros homens? Eis-ahi o que se póde bem explicar pela allegoria de Prometheo: uma faisca electrica veiu incendiar uma arvore, cujo amago serve de isca; uma vez que o fogo prendeu, conservou-se pela propriedade da materia inflammada; circumstancia que veiu revelar ao homem, não só a existencia do fogo como a sua conservação por meio do amago de certas arvores. Ora, na linguagem poetica dos Gregos, Prometheo (isto é, aquelle que primeiro observou este phenomeno) tomou o fogo do Ceo com a sua vara, o que quer dizer, que com uma canafrecha, ou pedaço da haste de piteira bem secca, que tambem serve de excellente isca, dirigiu-se á arvore incendiada pelo raio,

---

(\*) Em uma das ilhas visiuhas da Escocia, não havia em 1697 senão um só fusil, isto é, pedaço de ferro, que percutindo na pederneira, fere fogo. Todo aquelle que pedia fogo ao proprietario era obrigado a dar-lhe em retribuição um passaro ou tres ovos. —

e acendeu uma das extremidades. Foi este sem duvida o primeiro expediente para haver fogo.

O amago da haste da canafrecha ainda hoje serve de isca na Italia, assim como o da piteira ou *maguei* serve igualmente em toda a America. A maneira tão simples como commoda de ferir fogo com um fusil, não era geralmente conhecida na antiguidade; na America pelo menos o unico meio, de que se serviam todos os povos selvagens, era esfregar dois pedaços de páu, um no outro, até inflammarem-se. — O primeiro incendio espontaneo devia talvez lembrar este expediente; como, por exemplo, a fricção de dois madeiros, que para algum trabalho se achassem em contacto, como acontece ainda hoje com os eixos fixos dos nossos carros de lavoura, que prendem fogo espontaneamente, se não andam bem ensebados.

O conhecimento do fogo foi para o homem uma das descobertas mais importantes e mais beneficas (\*), não sómente pela vantagem de preparar-lhes alimentos saborosos e de facil digestão, como porque sómente com o auxilio do fogo poderia trabalhar os metaes. Só depois que o homem pôde usar dos metaes, foi que empreendeu solidas e bellas construcções, que

---

(\*) Todos os povos sentiram a sua importancia: uns o santificaram; outros o adoraram como emanação do Sol, a quem prestavam culto; e outros instituiram uma ordem sagrada para cuidar da sua conservação nos templos, como a de Vesta, por exemplo, e a das Virgens do Sol no Cusco.

fez commodos utensilios para o uso domestico, e instrumentos para todas as artes e officios, sem os quaes nunca teriam progredido nem melhorado. No principio limitou-se o uso do fogo a preparar alguns alimentos, tão grosseiramente como ainda se observa em alguns povos selvagens; em um dos quaes era uso assar a caça, introduzindo no ventre do animal algumas pedras em brasa. Outros enchiam d'agua as cavidades dos rochedos, onde lançavam as mesmas pedras ou carvão acceso para coser os legumes ou os grãos, que lhes serviam de alimento. Ainda hoje os povos do sul da Asia cosinham o arroz dentro da concha dura do côco; é verdade que se queima durante o cosimento, porém o arroz acha-se cosido antes que a concha se consuma de todo.

Um melhoramento foi de certo a idéa de fazer estes utensilios de madeira; como o fogo era feito no chão, achou-se casualmente sobre alguma terra argilosa, e observou-se que uma parte d'esta terra, sobre a qual se achava o fundo do vaso, veio adherir-se fortemente e privar assim de ser consumido; esta observação foi necessariamente a que deu origem á arte do oleiro. Os vasos de terra eram já conhecidos no tempo de Moysés; e depois de haver estado o povo Judeo no Egypto, d'onde naturalmente trouxe este uso. Segundo toda a apparencia, esta arte passou d'alli aos Gregos, e depois á Italia. Comtudo, o fogo não se tornou de verdadeira utilidade senão como agente indispensavel para

preparar os metaes. Esta descoberta foi um beneficio para o genero humano, e a mais engenhosa de quantas foram capazes os homens na sua infancia; e para convencer-nos d'isto basta imaginar, quantos trabalhos preliminares não foram necessarios para chegar ao estado de tornar malleaveis os metaes, e dar-lhes as fórmãs que nos aprazem.

Diz a Biblia que Tubalcain, um dos primeiros descendentes de Caim, fôra habil em obras de bronze e de ferro (\*). É portanto de suppôr, que antes d'isso se soubesse extrair o mineral, purifica-lo de corpos estranhos, e submete-lo á fusão por meio de um fogo intenso; além d'isso ainda se requer um certo numero de instrumentos, como martellos, tenazes, bigornas e outros, para moldar convenientemente o ferro, depois de malleavel. Seria para admirar, e quasi incomprehensivel, como chegaram os primeiros homens a tantos resultados, se a experiencia não tivesse revelado aos modernos, que as mais importantes descobertas são devidas a meras casualidades, sem duvida suscitadas pela vontade de Deos. A unica sciencia dos homens estava reduzida n'este caso á simples observação; e como eram impellidos por urgentes necessidades emprehendiam cada dia novos trabalhos, e se lançavam em novas indagações.

---

(\*) Sella tambem pariu a Tubalcain, que foi trabalhador de martello, e habil em obras de bronze e de ferro. (Gen., Cap. 4.º, v. 22.)

Qualquer que seja a origem d'estes trabalhos, o certo é que os Egypcios, os Israelitas e os Gregos exerciam a arte de preparar os metaes. Os Gregos honravam o nome de Prometheo, porque roubando o fogo do Ceo, tinha proporcionado aos homens o meio de trabalhar os metaes, e por consequencia de diffundir as artes entre seus semelhantes. Alguns povos selvagens, que não tem officios nem conhecem as artes, como os Hotentotes no meio dia d'Africa, e os Tungusios, que habitam a Siberia, possuem entretanto forjas, ainda que imperfeitas, de que se servem com não pouca habilidade. — O ferrador ambulante dos Tungusios serve-se de um seixo como de bigorna, e com o seu folle de pelle de lixa, prepara com incrível presteza ferros de lança, pás, facas, serras, e até idolos do mesmo metal.

O ferro, metal de uso tão commum entre nós, não podia sê-lo nos primeiros tempos, porque não se acha puro; está quasi sempre misturado com pedras ou com outros metaes, e n'este estado chama-se ferro nativo. — Sem o phenomeno dos *Aerolitos*, talvez não comprehendessemos ainda o estado a que é preciso reduzir o mineral para torna-lo malleavel (\*).

---

(\*) Os aerolitos, a que chamamos pedras de raio, são umas massas de pedra e de ferro, que caem da atmosphera; e comquanto ainda se não tenha podido dar solução satisfactoria d'este phenomeno, comtudo é innegavel a sua existencia desde muito tempo (provavelmente desde a creação), porque Plutarco, Plinio e Tito Livio

Entre todos os metaes exige o ferro maior calor, não só para purificar-se como para tornar-se capaz de receber as fórmãs, que lhe quizermos dar. Eis-ahi porque o ouro, a prata e o cobre foram os primeiros metaes, de que naturalmente os homens se serviram. Na mais remota antiguidade esteve o cobre em uso mais geral do que talvez o ferro entre os modernos, e não é isto para admirar, porque acham-se grandes massas de cobre puro, com que é mais facil trabalhar. Ainda hoje acham-se nas antigas minas do Egypto, que tem sido desentulhadas moderadamente, muitos instrumentos de cobre, que serviam para muitos objectos. — Quando a America foi descuberta em 1492, todos os instrumentos, utensilios e armas dos Indigenas eram de cobre pela maior parte, ainda que o ferro se achasse com abundancia na superficie da terra.

No Japão (grupo de ilhas sobre a costa oriental da Asia) quasi todos os instrumentos e utensilios, que nós fazemos de ferro, são feitos alli de cobre. Parece pois que o bronze, de que tão frequentemente se faz menção na Biblia,

---

citam exemplos positivos. O ferro, que contém, não é nativo, porém sim no estado malleavel, e tanto que tem-se encontrado entre os selvagens lanças e outros instrumentos de ferro dos aerolitos. Parece que a Providencia querendo revelar este segredo, preparou ella mesma este metal para offerece-lo á observação dos homens, que não tardaram em aproveitar-se de suas sabias lições.

não era outra cousa mais que o cobre ; e tanto assim, que o bronze não é metal nativo, mas uma preparação de cobre e estanho, ou de cobre, estanho e calamina. Apesar do texto da Escripura sobre a habilidade de Tubalcain nas obras de ferro, não consta que este metal fosse empregado na construcção do Tabernaculo, levantado por Moysés no deserto, e muito menos na edificação do templo de Salomão. Foi certamente no Egypto, onde com mais perfeição se trabalharam os metaes ; e alli foram aprender os Judeos e os Gregos. — Porém, como chegaram os homens até este ponto ? Como descobriram as minas ? Eis-ahi os factos, vejamos como elles satisfazem a estas perguntas.

Um Indio no Perú, correndo atraz de uma lhama (\*) por uma encosta acima, teve que agarrar-se a um arbusto na borda de uma fenda ; o arbusto curvou-se, e elle pôde vêr no fundo um corpo relusente, que o incitou a examinar ; d'este modo foi descuberta em 1545 a mais rica mina do mundo, isto é, a mina de prata do Potosi. Um cavalheiro andando á caça em 972, depois de ter subido uma montanha, situada perto de Goslar, apeou-se e amarrou o seu cavallo a uma arvore, para ir caçar ; quando voltou viu que o cavallo tinha feito saltar uma ferradura batendo com o pé ; e procurando

---

(\*) Quadrupede do Perú ; especie de camelo (*camelus tacma*). Animal de carga e mui manso ; unico que os naturaes tinham domesticado antes da conquista.

a ferradura descobriu uma beta de chumbo. Desde então não tem cessado até hoje de extrair-se d'esta mina não só chumbo, como cobre e prata. O cavalheiro em memoria d'este evento deu á montanha o nome de Rammelberg (montanha de Rammel), porque o seu cavallo tinha este nome. Eis-ahi por que felizes casualidades foram nos primeiros tempos descobertos os metaes e suas minas, principalmente quando é de suppôr que o mineral se achasse então quasi á superficie da terra, como ainda hoje acontece na America.

— Como descobriram os homens a maneira de fundir os metaes? vejamos tambem como o acaso explica esta descoberta. — Alguns marinheiros, lançados em uma praia desconhecida, fizeram fogo ao pé de uma montanha; passados alguns minutos começaram a correr fios de prata pura, que lhes deram a conhecer a existencia d'este metal. — O capitão de um navio hespanhol, que navegava da India para a America, viu-se forçado a arribar a uma das ilhas do grande Oceano; e querendo concertar o fogão do navio mandou buscar uma pouca de terra, que fez amassar e ladrilhar o logar do braseiro; chegando a Acapulco, qual não foi a sua admiração achando um pedaço de ouro nas cinzas do fogão? É evidente que este ouro tinha sido separado da terra por meio da acção do fogo; e eis-ahi por que eventos alcançaram-se nos tempos primitivos muitas descobertas importantes.

A erupção dos volcões era outra circumstancia propria para indicar aos homens a maneira de

proceder na fusão dos metaes; sobretudo quando vomitando de suas crateras fragmentos de rochedos, impregnados de metaes derretidos pelo ardor dos fogos subterraneos, tornava-se esta materia dura á proporção que se esfriava. Os Gregos particularmente comprehenderam tão bem a origem natural das forjas, que attribuiam sua invenção a Vulcano, a quem davam por domicilio a Sicilia, onde se achava o Etna. O martello, tão necessario para trabalhar e estender os metaes, não existiu desde o principio, e em seu lugar serviam-se de pedras, até que a experiencia mostrou que os metaes são os melhores agentes e os mais apropriados para o seu proprio trabalho. — Estes martellos não tinham então a fórmula tão commoda como hoje tem; eram tão brutos como os malhos de cobre, de que usavam os Peruanos, especie de parallepipedo oblongo difficil de manejar.

A arte de trabalhar o ferro foi o mais poderoso attractivo da civilisação humana. Por ella obteve-se tudo quanto concorre para as commodidades da vida; como teriamos uma casa commoda sem os instrumentos necessarios para construi-la? como teriamos navios que arrostrassem os altos mares, e que servissem, por dize-lo assim, de pontes para communicar-nos de um a outro extremo do globo? A miseravel choça do Indio, sua *piragua* (\*) ou jangada, tudo isto

---

(\*) Piragua, ou piroga, canôa de que os Indios se serviam antes da conquista; feita de um só tronco, que

recorda ainda os primeiros tempos, uma epocha bem remota da civilisação actual; porém o que vale para nós, sybaritas da civilisação europêa, esta lembrança, quando olhamos com desdem para tudo quanto nos cerca, sem attendermos que ainda temos muito que aprender, muito que ensaiar e que indagar? Procedamos hoje como os primeiros homens na carreira dos melhoramentos, e chegaremos á perfeição, se é possível have-la nas cousas d'este mundo.

Já dissemos que a descoberta da agricultura tinha feito com que algumas familias se reunissem, e que esta reunião tinha proporcionado certos melhoramentos nos usos e commodidades da vida. — Em lugar das tendas ou barracas portateis, construíram-se choupanas mais ou menos solidas, de páus entrelaçados com juncos, e cubertos de pelles, de musgo, de palha ou mesmo de terra. Porém nem todos os paizes são abundantes em madeiras, como o não é o Egypto, por exemplo; e os homens que n'elle habitavam viram-se forçados a fazerem suas casas de pedras. Ora, o lavor das pedras, além de trabalhoso, depende de muita arte; é pois provavel, que se fizessem então os primeiros ladrilhos para substituir as pedras, principalmente n'aquelles paizes onde o solo é formado de terra

---

elles cavavam com pedras aguçadas, e por meio do fogo, com que iam queimando o amago do páu, até reduzi-lo á grossura necessaria para formar o fundo e os costados da canôa. —

cretacea. Foi com estes ladrilhos que se edificou a torre de Babel (\*).

Com o correr dos tempos foram as artes aperfeiçoando-se, e o orgulho do homem teve n'isso grande parte; então não só a grandeza e duração dos monumentos era uma condição da arte de edificar, mas ainda o primor do trabalho, e a elegancia das fórmãs. — Muitas ruínas attestam ainda hoje os estupendos trabalhos de tantos povos, cujas existências passaram como as arêas movediças do deserto. Os unicos monumentos perduraveis, que nos legaram essas gerações remotas, são as Pyramides do Egypto, edificios monstruosos, construidos de cantaria, e cuja data não é possível averiguar, mas que remonta talvez a perto de quarenta seculos. — Estes gigantescos monumentos ainda hoje excitam a admiração dos viajantes; o mais elevado de todos tem dois mil seiscentos e quarenta pés de circumferencia e seiscentos de altura, sendo por consequencia mais alto que qualquer das torres da Europa.

Se ha perto de quatro mil annos se podiam construir similhantes edificios, póde concluir-se então que a arte de edificar com pedra data de tempos bem remotos. Os Israelitas a tinham aprendido dos Egypcios; porém acharam na

---

(\*) E disseram uns para os outros: vinde, façamos ladrilhos, e cosamo-los no fogo. Serviram-se pois de ladrilhos por pedras, e de bitume por cal traçada (Gen., Cap. 11, v. 3.)

Palestina entre os Tyrios e Sydonios, obreiros tão habéis em lavrar a pedra e a madeira, que foram elles os que depois ajudaram a construir o templo de Salomão. Comtudo, foram os Gregos os que nos legaram a mais bella architectura. Seus templos, seus palacios, e até mesmo suas casas foram para os Romanos modelos de magnificencia em materia de edificar. As construcções feitas em Roma, á imitação das da Grecia, ensinaram aos modernos a edificar com elegancia. Desde o seculo XV é a Italia a patria dos maiores ingenhos em pintura e esculptura; ella possui tambem os mais habéis architectos; e por isso não é de admirar que de todas as partes da Europa affluam os amigos das artes para esta bella patria do bom gosto e da elegancia afim de estudar, no resto dos antigos monumentos, suas nobres proporções, a perfeição e symetria do todo, e os ornatos e relevos de que estão revestidos. —

---

---

---

**CAPITULO VIII.****Formação das differentes linguas sobre a terra. Dispersão dos homens.**

Para tratar d'este objecto não nos serviremos da linguagem dos sabios nem das theorias dos ideologistas ; basta-nos a rasão natural ; e para isto faz-se mister que remontemos ao primeiro par, tronco da raça humana. Diz a Escriptura que Adão fallara (\*) assim como fallou a serpente (\*\*) — ; mas não se sabe quando deixou

---

(\*) Então disse Adão : Eis-aqui agora o osso dos meus ossos, e a carne da minha carne. Esta se chamará por um nome derivado do homem, porque foi tirada do homem. (Gen., Cap. 2.º, v. 23.)

(\*\*) É de saber que a serpente era o mais astuto de todos os animaes da terra, que Deos tinha feito ; e ella disse á mulher : «Porque vos prohibiu Deos que não comesseis do fructo de todas as arvores do Paraiso ? » (Gen., Cap. 3.º, v. 1.)

a serpente de fallar, e hoje apenas silva. Ora, o silvo é um som inarticulado como muitas interjeições; e porque não seria esta a linguagem do primeiro homem? isto é, o primeiro homem, como todos os animaes, só tinha um grito para exprimir as sensações da dôr, do contentamento, da admiração ou do medo; e esses signaes eram todos simples como as lettras vogaes, com mais ou menos inflexão. Estas interjeições, como *oh!* *ah!* *hi!* (prolongado) *eh!* acham-se em quasi todas as linguas da terra, e por tanto é de presumir que sejam a origem de todas ellas, como signaes das sensações que citamos, ou os primeiros sons, que o homem articulou.

O homem entretanto era dotado de órgãos apropriados para dar aos sons, que exprimia, certas inflexões, modificando-as por meio do paladar, da lingua, dos dentes, dos labios e do nariz; de maneira que o animal grita; porém o homem, que começou gritando, modulou pouco a pouco os sons e acabou fallando. Outra propriedade, congenita do homem, é a de imitar; e por ella reproduz tudo quanto ouve; é assim que as crianças tem uma linguagem, que lhes é propria, chamando as cousas pelos sons, que partem d'estas mesmas cousas, como, por exemplo, a uma ovelha chamam *bé*, a um boi *bou*; e com effeito no grego antigo o boi chamava-se *bous*, e no latim *bos*; finalmente arrullham como os pombos, cantam como os gallos, ou ladram como os cães, quando querem designar estes animaes. As nossas linguas modernas

tem soffrido tantas alterações, que é quasi impossivel descobrir estes sons primitivos da infancia do homem; comtudo ainda restam muitos, que explicam a origem d'onde partiram.

Muitas palavras, em todas as linguas, denotam pelos sons o objecto que representam, como *trovão, raio, &c.*; outras por sua significação exprimem sons imitativos como: *rolar, crepitar, ranger, mugir, murmurar, sussurrar, rosnar*. Todavia, eram precisos outros sons para exprimir tambem, não só o que ouviamos, como o que viamos, ou sentiamos de qualquer maneira; pois bem, ainda assim fomos dirigidos pela imitação. Desde a infancia adquirimos o habito de explicar por meio de um sentido aquillo que percebemos pelos outros, e para isto nos servimos commummente do ouvido. Queria fazer-se comprehender a um cego de nascença o que era a côr escarlata, e depois de longas explicações, exclamou: *ah! sim, é como quando se ouve o som de um clarim*. Ordinariamente exprimimos por sons agudos e expressivos tudo quanto fere a vista, em quanto que empregamos palavras brandas e suaves para denotar aquillo que causa impressão agradavel e benevola a nossos olhos. Finalmente os nomes representaram as idéas, e estas eram a expressão imitativa dos objectos; assim é que toda a idéa exemplar continha pelo menos uma palavra no numero dos seus elementos (\*).

---

(\*) *Azais*, no seu tratado: *Da Phrenologia, &c.*, tomo 2.º, Cap. 2.º.

Que a palavra é o typo da expressão oral, com que

Sem embargo os nomes sós não constituem a linguagem; convinha crear as relações entre estes nomes para exprimir um juizo, e por fim um raciocinio; isto é, era mister exprimir a acção, acto ou estado, relativamente á pessoa ou pessoas, ao tempo e ao modo; mas, como o acto ou estado pôde ser absoluto, dependente, determinado ou indeterminado, finito ou infinito, crearam-se então termos, que por suas desinencias exprimissem todas as modificações do attributo relativamente ao sujeito; e assim por diante até que a lingua se achou formada. — Porém, quantas gerações passaram até obter-se este resultado? qual foi a lingua mais antiga, e da qual todas as outras derivaram? A que nós conhecemos como mais antiga, e cujos fragmentos ainda nos restam, é a lingua hebraica, na qual estão escriptos os livros de Moysés, e a maior parte dos do antigo Testamento.

---

designamos um objecto, é isto de primeira intuição, ainda que nem sempre cada palavra represente só por si uma idéa exemplar. Qual é a origem dos nomes individuaes? porque tal individuo chama-se Paulo, outro Pedro, outro José ou Francisco? cada uma d'estas palavras é acaso o resultado de uma convenção arbitraria? Assim parece agora, porém não o foi nos tempos primitivos, e tanto que ainda hoje os selvagens da America costumam denominar-se por certos accidentes, por certos defeitos ou vantagens, que os distinguem dos demais homens; e como ha bem pouco tempo ainda tivemos occasião de observar na pessoa d'esse chefe Botocudo, chamado *Pocrane*, que quer dizer *braço atejado*; porque com effeito tinha assim ficado de uma ferida recebida em combate. —

Ora, o livro mais antigo da Biblia não excede de tres mil annos de existencia; e se o mundo é habitado ha seis mil, segue-se, que muitos povos fallaram diversas linguas tres mil annos antes de Moysés. A julgarmos pelo que sabemos com evidencia, que as linguas modernas differem tanto das dos nossos antepassados, ainda que tenham decorrido apenas mil annos, poderemos acreditar que a lingua, em que Moysés escreveu, fosse exactamente a mesma que fallaram os primeiros homens? As linguas se modificam constantemente, de sorte que as palavras tornam-se obsoletas de uns para outros annos, mudam as fórmulas grammaticas, e até a linguagem dos avoengos torna-se incomprehensivel para os seus descendentes. Todas as nossas linguas modernas são exemplos vivos d'estas successivas modificações. Com difficuldade lemos hoje os escriptos portuguezes dos seculos XII e XIII, e o mesmo acontece com os Francezes, Hespanhóes ou Italianos. Das mudanças, que uma lingua tem soffrido no mesmo paiz durante alguns seculos, podemos concluir por quantas variações terá passado a dos primeiros homens por um espaço de milhares de annos, principalmente quando os seus descendentes se espalharam por toda a terra, e foram habitar climas remotos.

Tendo a familia humana crescido e multiplicado consideravelmente, foi mister separar-se e buscar novos meios de subsistencia; então os homens se dirigiram para os quatro pontos cardinaes. Á proporção que se alongavam, novos

objectos se offereciam ás suas vistas, e fazendo novas experiencias, adquiriram idéas differentes e por consequencia outros usos e costumes. Ora, como eram diversas as familias que se separaram, diversos tambem foram seus usos e costumes, e por consequencia novos dialectos se foram formando por essas tribus errantes; pelo que não é milagre que tantas linguas se fallem hoje sobre a terra. Seria com effeito grande bem que fallassem todos a mesma lingua de um a outro pólo; porém devemos conformar-nos, já que assim o permittiu a divina Sabedoria, ainda que não atinemos com a vantagem de tanta confusão.

Sem embargo, algumas observações se tem feito sobre a natureza e estructura das diversas linguas, e muitas vezes se acham analogias entre linguas differentes; o que revela que os povos, que as fallam, estiveram em contacto por algum tempo, ou porque se separassem estando juntos, ou porque se reunissem, havendo até certa epocha vivido separados, — como acontece, por exemplo, entre o Inglez e o Allemão, ou entre o Hespanhol e o Portuguez. A Inglaterra foi conquistada no anno 450 da éra vulgar pelos Anglo-Saxões oriundos do Holstein. Os conquistadores acharam no paiz a lingua bretona, que era a natural; porém impuzeram a sua, ainda que pelo concurso de ambas se formasse um dialecto, que veio a ser a lingua nacional. Apesar da origem allemãa da lingua ingleza, nem os Inglezes entendem o Allemão, nem os

Allemaes comprehendem o Inglez. Das linguas cultas da Europa se conhecem dois troncos bem distinctos: as linguas do meio dia tem por origem commum a latina, e as do Norte a teutonica ou germanica; comtudo, os differentes dialectos, em que se dividiram estas duas linguas mãis, formam hoje idiomas bem caracterisados para não se confundirem entre si. — A lingua franceza participa de ambas as origens, pelo concurso dos povos meridionaes e septentrionaes, que povoaram a Gallia (\*).

---

(\*) O mesmo se observa na America. A lingua *Tupi* era a lingua mãi, ou a lingua geral do Brasil, ainda que dividida em infinitos dialectos; d'esta lingua se haviam já formado outras, que pareciam distinctas, porém não era difficil conhecer a sua origem, e os primeiros missionarios com facilidade as comprehendiam todas com o auxilio da lingua geral. Os Mexicanos tambem tinham uma lingua geral; assim como os Peruanos, desde Quito até o Cusco. — *Carti* nas suas cartas americanas prova, que estas duas linguas, apesar de muito distinctas, tinham certa analogia, termos geraes, que revelavam uma origem commum. A lingua Inca ou Peruana era a mais rica e correcta, e a que possuia menos dialectos; tanto assim que ainda hoje se conserva quasi em sua pureza, principalmente em Quito e no alto Perú; é summamente doce e suave, e presta-se á poesia e á oratoria. Em Quito sobretudo é a lingua commum, que fallam não sómente os Indios como os brancos em familia. — A lingua mexicana propriamente dita, é a da antiga Anahuac, porque muitas outras linguas se fallavam no paiz; que talvez tivessem outra origem, porém havendo-se implantado a dos novos habitantes (como a dos Saxões em Inglaterra), tinham-se mesclado e tornado

Os climas, e as fórmãs dos terrenos, que foram habitados, deviam concorrer mais que muito para esta variedade de linguas, que hoje se observa. Um paiz montanhoso, que a cada passo repercute os sons dos que fallam, deve produzir uma linguagem mais aspera e mais rude do que a planicie, onde a voz se modula pela branda viração, e recebe um accento mais doce e mais suave. Os antigos Gregos formaram, dez seculos antes da éra vulgar, sobre a costa oriental da Asia menor, uma das mais ricas e mais harmoniosas linguas, que se conhece. Muitas circumstancias concorreram para isto: o clima e a natureza do seu solo, o character commercial e maritimo d'essa gente, sua indole e seu genio alegre e jovial, todo este complexo de accidentes explica perfeitamente a natureza d'este phenomeno. — Entre as linguas modernas da Europa passa a italiana pela mais agradavel e mais sonora, tanto que é a lingua do canto por excellencia. As linguas do Norte são summamente desagradaveis ao ouvido pelas muitas consoantes de que se servem; pois que além dos sibilantes *s* e *z*, de que estão saturadas, é muito commum acharem-se reunidas varias consoantes como *schw*, *schr*, *str*, &c.

Outra observação tem feito alguns sabios, e é que apesar da diversidade das linguas encontram-se palavras quasi geraes em todas ellas,

---

outra lingua distincta; que era no tempo da conquista hespanhola a lingua do imperio de Montesuma.

com a mesma significação, como se fossem termos radicaes, que passaram desde a mais remota antiguidade até nossos dias com pequenas alterações. Uma tão singular coincidência não se poderia explicar sem recorrer á fonte d'onde emanou cada termo, isto é, a idéa que cada uma d'estas palavras exprime. As relações de familia, entre o Pai, a Mãe e os filhos, deviam ser as mesmas em todos os climas e logares. Os primeiros accentos da infancia, as primeiras syllabas, são geralmente as mesmas por toda a parte. — O primeiro som inarticulado da criança é *a*; depois forma sons articulados, como *da*, *ba*, *ab*, *ta*, que saem de sua bocca infantil, sem os ter ouvido a ninguem, porque são a expressão da natureza; e por isso commum a todas as crianças do mundo. A criança, vivendo naturalmente com sua Mãe e seu Pai, adquire o amor, que lhe transmittem as caricias e os cuidados de um e outro; o instincto faz logo conhecer á criança os officios de cada um, e começa por distingui-los pelas inflecções variadas de sua voz; assim é que, em quasi todas as linguas, as palavras Pai e Mãe tem os mesmos radicaes. Em Grego o pai se chama *pater*, e o mesmo em Latim; em Italiano e Hespanhol *padre*, em Inglez *father*, em Allemão *vater*, em Francez *père*, e em quasi todas ellas *papá*. A Mãe chama-se em Grego *meter*, em Latim *mater*, em Italiano e em Hespanhol *madre*, em Francez *mère*, em Inglez *mother*, e *mutter* em Allemão, em Portuguez *mãe*, e em quasi todas tambem *maman*.

Muitos outros termos se acham, com pequenas alterações, em todas as linguas para exprimir o mesmo objecto, como, por exemplo, a palavra *saco*. Porém o que ha de mais admiravel no mecanismo da linguagem, é que em tão diversas linguas, compostas de milhões de termos, não dependa a sua expressão senão de pouco mais de vinte tons primitivos, a que chamamos letras, e que por suas infinitas combinações chegam a formar uma subdivisão maravilhosa de vozes, com que exprimimos todos os nossos pensamentos. É a palavra o dom mais precioso que o homem recebeu do Creador; a intelligencia sem a palavra seria como o lago sem esgoto, como a agua estagnada. Saber a sua lingua bem é o primeiro dever do homem civilizado; aquelle que a sabe com perfeição, possui um thesouro intimo de idéas e de pensamentos, com que nas grandes occasiões de transporte e de inspiração se mostra eloquente, e até poeta, porque a poesia é a expressão do enthusiasmo. —

O homem porém não se limitou a exprimir suas idéas por meio da palavra; quiz fixa-las de modo mais duravel, e inventou a escriptura. No principio gravou certos signaes na cortiça das arvores, ou mesmo em alguma taboa; depois reuniu-os em syllabas, em palavras, e com o correr dos tempos estampou-os no papel. A invenção da imprensa, que apenas conta quatro seculos de existencia (\*), foi um dos maiores

---

(\*) Estamos escrevendo em 1840, e a imprensa foi

beneficios que a Providencia derramou sobre os homens ; d'ahi data a emancipação da intelligencia, a liberdade do pensamento no meio das lições de todos os tempos, da experiencia de todo o genero humano. O homem pôde então aproveitar-se da instrucção dos que o precederam, das novas descobertas, das idéas nobres e generosas, e dos grandes exemplos. Por meio da imprensa perpetuou-se a historia do mundo, e tudo quanto ha de bello e de grande, tudo quanto ensancha o coração humano, tudo quanto nos exalta, pôde lêr-se e aprender-se nos livros, verdadeiros monumentos da intelligencia, elevados pela mão da imprensa. Eis-ahi como se perpetuam as descobertas, as invenções, como se eternisa o pensamento, como fazemos fallar os mortos, e como tornamos immortaes os vivos. — A ignorancia, espancada por segunda vez da Europa, como as trevas á face da luz, fugiu espavorida para nunca mais voltar. Gloria ao primeiro homem, que achou meio de reproduzir de outro modo, que não por copia manuscrita, a imagem com que havia sido revestido o pensamento. — Ah ! gloria sempiterna a GUTTEMBERG !

---

inventada em 1440 — isto é, ha quatro seculos justos —  
( *Chantal, Manuel des dates.* )

---

---

---

## CAPITULO IX.

### Formação dos Estados.

Os primeiros homens viviam afastados uns dos outros, isto é, cada familia estava separada e formava só por si uma sociedade. Sómente depois da descoberta da agricultura duas ou mais familias poderam reunir-se e viver em communidade. Cada pai de familia exercia a autoridade, e gozava da consideração, que a razão natural mostrava pertencer-lhe, porque sendo o mais forte, era o que estava no caso de proteger os filhos e aos outros membros da familia, que por isso lhe deviam obediencia. A autoridade devoluta á mãe não se encontra senão em algumas hordas selvagens. Dês que existiu a primeira familia, houveram tambem desavenças e queixumes (\*), porque desgraça-

---

(\*) — Não olhou porém para Caim, nem para as que elle lhe tinha offerecido. E Caim se irou grandemente, e o seu rosto pareceu descahido. (Gen., Cap. 4.º, v. 5.)

damente todos os homens não amam sempre o que é justo, nem o praticam. A esperança de um prazer, a cubiça de um objecto, que mais agrada, o desejo de um proveito sem trabalho para obte-lo, faz com que o homem aspire a lançar mão da propriedade de outro; e quando encontra resistencia, está disposto a arranca-la pela força, empregando todos os meios de violencia, porque a paixão o cega.

Estas discordias foram frequentes entre os primeiros homens, e deviam multiplicar-se á proporção que as familias se foram aproximando, e que suas propriedades chegaram a estar em contacto. A falta de segurança, o continuo temor, em que viviam estas familias, pela posse de seus bens, que viam arrebatarse-lhes pelo mais forte ou pelo mais astucioso; este estado de anxiedade finalmente inspirou-lhes o desejo de libertarem-se d'elle, e de obter protecção contra os ataques injustos dos outros. Além da natural tendencia do homem para o repouso, nutre igualmente em seu coração o sentimento do justo e do injusto, que a Providencia soube inspirar-lhe por meio da consciencia, cuja voz o adverte do mal que faz, punindo-o com os remorsos. — É pois muito natural, que os homens se entendessem, e viessem por fim a adoptar as primeiras regras da vida commum; isto é, que ninguem poderia attentar contra a vida nem contra a propriedade do seu proximo, nem insulta-lo; e que qualquer que matasse a outro homem, que o injuriasse ou maltratasse, e que roubasse, fosse castigado.

Estas noções de moral universal, que vemos desenvolver nas crianças, logo que tem uso de razão, existiram desde a origem do mundo. Caim tira a vida a seu irmão, porém o arrependimento se apodera d'elle de tal sorte, que em sua dôr exclamava: « *O meu crime é muito grande, para alcançar d'elle perdão (\*)*. » Estes sentimentos, congenitos do homem, perpetuaram-se de pais a filhos, e tornaram-se habituaes, honrando aos bons e repellindo os máus. Porém este costume, que com o tempo veio a ser lei, não passava do coração do homem, onde unicamente estava escripto; e como o homem era n'este caso juiz e parte, e tinha de applicar a lei, julgava-se muitas vezes offendido sem o ser, decidia das injustiças pelo que lhe dictava o seu interesse e o seu amor proprio, e sempre que o seu contrario não tinha a consideração nem o poder necessarios para usar de reciprocidade, impunha-lhe pena maior que aquella que a offensa exigia, ou vingava-se em algum innocente. N'este estado primitivo o mais forte devia sempre ter razão, e a fraqueza não tinha outro remedio senão sujeitar-se ao bel-prazer d'aquelle com quem lutava. Eis-ahi como em muitos logares da terra o homem forte governou aos seus concidadãos, e exigiu-lhes o tributo de sua submissão.

Não é de suppôr que tal tenha sido sempre

---

(\*) E Caim disse ao Senhor: « *O meu crime é muito grande, &c.* » (Gen., cap. 4.º, v. 13.)

a origem da autoridade soberana, porém em muitas circumstancias foi o effeito da necessidade de protecção contra a violencia de muitos, porque em tal caso prefere-se o arbitrio de um só aos inconvenientes da anarchia. Os homens viram pela experiencia que não era possivel ter verdadeira segurança, nem gozar de tranquillidade, emquanto cada um tivesse a liberdade de dirigir-se pelas suas proprias paixões. Não sómente soffriam os membros de uma associação entre si, como tambem cada sociedade tinha que receiar das outras reuniões visinhas; portanto cuidaram de reunir todas as suas forças, e de dar-lhes uma direcção. Notaram igualmente até que ponto o valor de um só homem pôde estimular a coragem de todos; e eis-ahi o que obrigou os homens a submetterem-se a um só chefe, Principe ou Rei, que os protegesse das offensas e dos ataques, não só dos seus mesmos compatriotas, como tambem dos povos visinhos, quer dictando leis e fazendo-as executar no interior para segurança de todos, ou collocando-se á frente das tropas para repellir as hostilidades do estrangeiro. Foi esta sem duvida a origem da reunião dos homens em Estados sob a direcção de um chefe; alguns exemplos podem melhor confirmar esta opinião.

Conta Moysés, que fôra Nemrod o primeiro que se fizera poderoso sobre a terra (\*). O mesmo historiador acrescenta, que este Nemrod

---

(\*) Gen., cap. X, v. 8-9-10-11-12.

tinha sido um caçador tão destro como afamado; sem duvida porque se havia distinguido entre seus compatriotas por seu valor e por sua prudencia nas correrias contra os animaes, de que abundavam os bosques nos tempos primitivos. Tinha sido elle quem libertára a terra de Sennaar, onde mais tarde foram edificadas a cidade e Torre de Babel, das muitas feras que a devastavam; e por seu valor e bons serviços muitos outros habitantes se reuniram debaixo de suas ordens, e seguiram seus preceitos. Muitas causas concorreram para este acto espontaneo de submissão, sem necessidade da força, e a primeira sem duvida foi a convicção da propria fraqueza; além de que a gratidão pela segurança devida a grandes esforços, e a admiração pela coragem, coroada de feliz successo, deram toda a consideração ao robusto caçador, como lhe chama Moysés. Na caça todos lhe obedeciam; logo se foram acostumando a obedecer-lhe fóra d'ella; e o que no principio não passava de mera devoção, chegou a ser obrigação; e assim foi collocada a primeira pedra do poder real.

Os Medos, povo tão robusto como guerreiro, habitavam para a parte septentrional além de Babilonia, perto do mar Caspio. Elles se emanciparam da dominação dos Reis da Assiria, cerca de oito seculos antes do nascimento de Jesus Christo, e viveram independentes durante alguns annos, sem nenhuma especie de governo; comtudo, não passou muito tempo sem que grandes discordias se suscitassem, a ponto de

não existir entre elles segurança, nem protecção nem direitos de especie alguma. Estas intermináveis desavenças jámais se decidiam senão á custa de muito sangue; algumas porém o foram pela intervenção de Dejoces, homem geralmente conhecido por sua rectidão, probidade e benevolencia. A sabedoria e justiça com que julgava todos os pleitos, que lhe eram submettidos, lhe grangearam em pouco tempo a estima e a consideração de todo o paiz; de sorte que todo aquelle que se julgava com justiça se dirigia a elle; o que o obrigava muitas vezes a abandonar a sua lavoura, unico recurso que tinha para sustentar-se. Não tendo outro meio de subsistencia, não podia continuar a ser arbitro nas questões alheias, e negou-se a toda occupação, que o distraia dos seus trabalhos agricolas. —

Até aqui não vemos mais do que um juiz officioso, a quem nenhuma lei incumbia de semelhante autoridade; porém com o tempo veio a ser necessidade, o que ao principio fôra talvez um acaso; o primeiro arbitrio trouxe o segundo, e d'ahi por diante, até que não foi mais possivel prescindir-se do juizo d'aquelle, que era o mais justo entre todos. Assim foi Dejoces eleito Rei por aclamação, e autorizado para fazer leis e manda-las observar; arbitrou-se-lhe por tanto uma parte do trabalho de todos para sua manutenção, e ficou d'este modo constituido Rei dos Medos, setecentos annos antes da nossa éra. Por este facto, e por outros muitos, que nos presta a historia antiga, vê-se que nem sempre

foi a força ou a astucia a origem dos Governos, e que aquelles que dizem que todo o Governo é um mal necessario, avançam uma solemne falsidade, porque chamam mal áquillo mesmo que não é senão o seu remedio. — O governo do pai de familias foi sem duvida o typo dos primeiros governos, e ninguem dirá que seja um mal a autoridade que exerce um pai sobre seus filhos, nem mesmo a consideração, que estes lhe devem como o chefe, como o protector da familia.

Os Governos são para o corpo moral o que a medicina para o corpo physico; um remedio contra as miserias e fraquezas do homem; um bem, porque é para evitar males, que os governos foram constituídos. Um máu Governo é um abuso, é uma calamidade, como o máu medico, porque mata em vez de curar; mas, nem porque hajam charlatães e impostores, que abusem da sciencia em damno de seus semelhantes, baniremos por isso a medicina; tão pouco porque tenham existido máus Governos, conjuraremos toda a autoridade como uma peste. Á excepção portanto do governo da familia, chamado patriarchal, os demais foram no principio electivos; quer recahisse o poder supremo em um só, ou em muitos segundo as circumstancias de cada povo. — É muito provavel que estas eleições fossem sempre feitas em cada vacancia do poder, e que algumas vezes fossem disputadas pela ambição de governar; porém esta ambição não era desacompanhada de valor para

fazer a guerra, nem de prudencia e juiso para aconselhar; porque eram estes os principaes officios de um chefe na infancia das Nações. Chamou-se portanto legitima a autoridade conferida por unanime consentimento.

Tambem é de crer que aquelles que mais se distinguiram por serviços prestados aos seus semelhantes, adquirissem uma especie de consideração, que reflectia sobre toda a sua familia, e que por este meio as virtudes do pai servissem para fazer respeitar os filhos, e torna-los successores no exercicio da autoridade suprema. D'est'arte se formou o Governo hereditario, que mais tarde chegou a ser devido tão sómente ao nascimento, sem attenção ás virtudes ou merecimento pessoal. — Os primeiros Reinos ou Estados foram pequenos. Cada cidade, cada villa tinha o seu chefe, ou o seu Principe. O estreito valle de Sodoma contava cinco Reis em tempo de Abrahão. Os Israelitas, saindo do Egypto para a Palestina, desfizeram e mataram setenta Reis em um espaço apenas de cento e sessenta leguas. O poder d'estes Reis não era tão illimitado como se suppõe; ordinariamente os negocios publicos eram tratados em reunião geral; todo o povo se juntava para ouvir a relação, e decidir segundo seu arbitrio, ou commettia então o juiso e a execução ao chefe, se assim o julgava conveniente. Os maiores e mais antigos Estados existiram na Assiria e no Egypto; porém o Egypto foi sem duvida a primeira monarchia governada sob o imperio das leis. Ninive e

Babilonia acabaram como começaram, pelo mais arbitrario despotismo.

Logo que os homens se constituiram em Estados, as allianças de familia tornaram-se mais solidas e mais sagradas; porque é da familia que parte a ordem e o nexo para toda a associação. Nos primeiros tempos o cuidado do pai estava reduzido á protecção da familia contra os ataques externos; não havia educação, porque não existiam costumes, nem leis, nem sciencias nem artes; cada um vivia segundo os caprichos do seu instincto. Porém na sociedade não era assim; os laços do matrimonio tornaram-se mais solemnes, e impuzeram aos pais o dever estricto de cuidar da sua prole, e de prover á sua existencia e educação; d'ahi veiu aos filhos a sagrada obrigação de honrar o pai e a mãe. Toda a especie humana melhorou com a reunião de muitas familias em um só Estado, porque sendo necessarias certas regras que prescrevessem reciprocos deveres, os homens tornaram-se mais urbanos e delicados, e por consequencia mais felizes.

Em um pequeno Estado, como já dissemos, o povo se juntava, e o Rei podia fazer justiça por si só; porém quando as Nações se foram augmentando, era impossivel que os chefes pudessem cuidar de todos os negocios publicos. — Crearam-se para isto delegados, que em seus nomes administrassem as comarcas mais distantes, e distribuíssem as justiças entre seus subditos; foram para isto escolhidos os mais

sabios e prudentes entre o povo, os mais velhos e por consequencia mais experientes. — A consideração devida a um homem de merecimento passava á sua posteridade, e quando o pai morria, o filho era chamado á successão do cargo, como o representante das virtudes de seu progenitor. — Eis-ahi como se crearam essas familias de Conselheiros; e de Governadores, cuja origem foi uma das condições da mais antiga nobreza. Houve tambem outra origem de nobreza, devida aos feitos gloriosos na guerra. — Quando um paiz era conquistado, os vencedores dividiam as terras entre si, e obrigavam os primitivos proprietarios a trabalhar em proveito dos novos senhores. — Os vencidos eram considerados como escravos e gente de mão morta, e os vencedores ficavam sendo proprietarios, nobres, e senhores de tal ou qual feudo; d'onde vem o *de*, que precede o nome d'estes nobres.

Quando o Estado tem um só chefe, com o poder de dictar a lei e de faze-la executar, chama-se *monarchia*; quando porém o direito de legislar pertence ao povo, e o Rei apenas exerce as funcções do poder executivo com certos privilegios inherentes á Magestade, então chama-se *monarchia constitucional*. — O chefe da monarchia póde ser electivo ou hereditario; no primeiro caso, como entre os antigos Francos e Godos, chama-se monarchia electiva; e no segundo monarchia hereditaria, como são pela maior parte os Estados da Europa actualmente; e como é o governo actual do Brasil. Quando o povo

directa ou indirectamente dispõe dos poderes do Estado, quando todas as funcções legislativas e executivas são temporarias e sujeitas a immediata eleição do povo, um tal Estado chama-se Republica, como a da Suissa na Europa, e dos Estados-Unidos na America Septentrional.

Tambem acontecia que algumas familias nobres e ricas se apoderavam da suprema autoridade pela influencia, que seus nomes e riquezas lhes tinham grangeado; um tal governo chamava-se *aristocratico*, e o Estado era uma *aristocracia*. Ha mil annos haviam na Europa muitos Estados semelhantes; os ultimos foram os de Genova e de Veneza, que acabaram em 1797 pela conquista dos Francezes. Esta era de certo uma das peiores fórmas de governo, em que se achava dividida a Europa; porque muitos chefes, quasi sempre desunidos por seus zelos e mesquinhos odios, roídos pela inveja e pelo desejo de enriquecerem-se, disputando-se mutuamente o poder sem nunca alcança-lo, arrastando em suas contendas e rixas seus proprios subditos, e pondo em combustão todo um povo, acabavam por dilacerarem-se, ou nas treguas que faziam sacrificavam todos os seus amigos e partidarios, que eram victimas quasi sempre de uma reconciliação momentanea. — Quando o simples senso commum não fosse sufficiente para repellir a *aristocracia*, bastava a historia de Veneza para fazer detestar similhante fórma de governo. —

A *democracia* póde chamar-se o governo de todos, porque é a fórma em que cada um dos

habitantes de um paiz, de certa idade e com certas condições, tem o direito de votar e de ser votado para todos os cargos publicos. — O unico Estado a que pôde applicar-se actualmente esta denominação, é o da America do Norte; porque as Republicas de raça hespanhola são apenas oligarchias militares, sem fórma alguma de governos permanentes. Dissemos que quando o Estado tinha um só chefe, com o poder de dictar a lei e de faze-la executar, chamava-se monarchia. Definimos a monarchia constitucional, a electiva e a hereditaria; porém não dissemos o que era uma monarchia *absoluta*, de que hoje tanto se falla, e que tanto occupa a attenção dos amigos da liberdade politica. Em nossa maneira de sentir diremos, que não conhecemos na Europa, á excepção da Turquia, nenhum governo absoluto; porque um semelhante governo presuppõe que a vontade do Monarcha é o unico codigo por onde se regulam todas as accções dos individuos, que tem a desgraça de lhe estar sujeitos, e que nenhuma lei existe, que proteja ou que defenda a honra, a fazenda e a vida dos subditos, sobre os quaes a vontade do Monarcha exerce uma influencia directa, como a autoridade do pai de familias.

Ora, bem se vê que um governo semelhante não existe na Europa; aquelles que tem a reputação de mais absolutos, a Prussia, a Dinamarca e a Russia, tem leis fundamentaes de longas datas; a Prussia sobre todos é um dos paizes mais bem governados; a educação é a

mais popular e completa de toda a Europa, a sua legislação municipal pôde servir de norma para a dos governos mais liberaes; e em nenhuma parte são a honra, a vida e a fazenda, melhor protegidas. A opinião mesmo é respeitada emquanto não sáe dos umbraes da consciencia; porém fóra está sujeita á lei escripta, á lei promulgada anteriormente; porque nenhuma lei tem alli, como nos paizes mais bem governados, effeito retroactivo. — Portugal dizia-se um Estado absoluto até 1821; entretanto o Rei não fazia a lei; sancionava-a e nada mais, como nos governos constitucionaes. — Os Tribunaes do Desembargo do Paço, Meza da Consciencia e Ordens, Casa da Supplicação, Conselho da Fazenda, Junta do Commercio e Conselho Supremo Militar, eram como outras tantas Commissões onde se elaboravam todos os projectos de lei, com tão madura reflexão, que ainda hoje fazem honra aos que os redigiam. O que fazem hoje as Camaras legislativas? Dividem-se em commissões, e estas commissões são as que appresentam os projectos com os seus relatorios; porém ninguem dirá, ao menos pelo que passa entre nós, que taes commissões valham mais do que aquelles tribunaes. —

Para concluir este capitulo diremos, que a melhor fórma de governo é aquella em que os tres elementos (Democracia, Aristocracia e Monarchia) se acham reunidos e amalgamados, de modo que nenhum d'elles sobresaia, ou se confunda, porque do seu complexo é que depende

a participação que todos devem ter na administração geral do paiz. Um governo semelhante deve sem duvida ser preferido a todas as fórmulas particulares, em que uma parte dos cidadãos toma a seu cargo governar os outros, ainda que todos concorram para a manutenção do Estado. Eis-ahi ao que hoje denominamos Monarchia constitucional, de que é typo original a Inglaterra; depois d'esta são tambem Monarchias constitucionaes a França, a Belgica, a Hollanda, a Suecia, a Hespanha, Portugal e o Brasil.

---

---

**CAPITULO X.**

**Duvidas sobre a historia antiga. O Egypto, suas propriedades naturaes, suas producções mais notaveis. Obeliscos. Pyramides.**

Muito pouco é o que sabemos de tudo quanto passou na terra durante os primeiros tempos; e esse pouco é muito incerto pela maneira por que chegou até nós. N'aquellas éras remotas os homens não possuíam ainda a arte de escrever; e as cousas se transmittiam de geração a geração pela tradição oral, como se a memoria fosse sempre fiel depositario. A relação dos acontecimentos passou assim de bocca em bocca, troncada umas vezes e outras cheia de fabulas; o que apenas era presumpção ao principio fez-se depois uma realidade; o que já era grande e notavel por si mesmo foi ainda exagerado pela imaginação do homem; e eis-aqui como chegaram até nossos dias os primeiros successos do mundo. Assim é que sem serem absolutamente

falsos alguns d'estes successos, acham-se desfigurados por tal modo, já pelas addições e subtracções, ou já pelas exagerações, que bem difficil é hoje discernir o que seja realmente verdadeiro. Não é isto de admirar depois de tantos seculos, quando ainda o que passou ha poucos annos se altera e confunde entre os mesmos contemporaneos. Quantas cousas se não referem do grande Frederico, que nunca existiram; quantas se attribuem a Napoleão, que tambem não existiram, ou que foram de outros tempos!!

Pareceria pouca n'este caso qualquer prevenção contra as antigas tradições e sua veracidade; porém ao passo que devemos duvidar de muitas, não poderemos recusar-nos á convicção de outras pelas circumstancias de que se acham acompanhadas. Os mais antigos acontecimentos, de que podemos ter alguma certeza, não alcançam a mais de mil annos antes do nascimento de Jesus Christo. Anteriormente, tudo quanto se refere ácerca d'essas tradições está envolto em espesso véu ou recheado de fabulas, e convém não admittilas como realidades, mas tão sómente como presumpções. Um só d'esses antigos paizes conservou algumas recordações, que dizem mais, ainda que mudas, do que poderia dizer um livro. Este paiz é o Egypto, na Africa, tão notavel por sua constituição natural como pelos monumentos antigos que contém, e que foram construidos pela mão do homem.

O Nilo banha com suas aguas o Egypto desde suas fronteiras meridionaes até as do norte,

correndo por um valle estreito, que em muitos logares não tem mais de quatro a seis leguas de largura. Este valle tem por limites ao oriente uma cadeia de rochedos elevados, e ao occidente os desertos de areia movediça. O Nilo tem uma singular particularidade, e é que no inverno, tempo em que todos os outros rios adquirem grande cabedal de aguas, as d'aquelle diminuem, ao passo que no verão crescem consideravelmente, a ponto de sairem de margem, e inundarem inteiramente o valle. Este phenomeno tem duas causas: a primeira consiste em que o Nilo vem das altas montanhas da Abissinia (\*), cujas neves derretidas pelo rigor do estio fazem crescer as suas aguas; o que não

---

(\*) Segundo as ultimas informações parece nascer nas montanhas da Lua, sobre um *platô* muito elevado, onde lhe chamam Rio Branco, ou Bahr-El-Abiad. Com este nome rega o Donga, a região dos Cheluks, o Deuka, e depois de ter banhado, á direita, o Dar-El-Aize, no Sennaar, e ter deixado á esquerda o Kordofaa, recebe á direita o Rio-Azul, ou Bahr-El-Azrek, que vem da Abissinia, e que muitos geographos menos propriamente olham como braço principal. Depois d'esta junção, toma o nome de Nilo, com o qual corre a Nubia, e banha varias cidades d'esta região, prosegue seu curso para o N., franquêa a cataracta de Phylœ, entra no Egypto, onde tambem banha varias cidades, e abaixo do Cairo entra no Mediterraneo dividido em diferentes braços, de que os principaes são: o da *Rosetta*, ao O., e o de *Damietta*, a E. Muitos canaes e alguns de seus braços secundarios vão ter ás lagôas, que formam a parte extrema de seu magnifico Delta. (Balbi, *Tratado de Geographia*, tom. 2.º, — Africa — Região do Nilo.)

póde acontecer durante o inverno porque o frio impede o degelo : a segunda é que durante a estação callida reina quasi sempre sobre o Mediterraneo , precisamente contra a embocadura do Nilo, o vento noroeste, cuja força e violencia repellindo as aguas faz com que trasbordem as margens, e se lancem sobre o valle.

A inundação verifica-se em Agosto, e durante dois mezes cobre todos os campos; de sorte que substitue as chuvas, tão raras n'aquelle paiz, fertilizando o solo, e tornando-o o mais productivo do mundo. Quando as aguas se retiram para o seu leito ordinario, deixam sobre a terra um limo grassento, que a estruma perfeitamente, e o homem não tem outro trabalho senão plantar e colher; o mesmo campo offerece muitas vezes duas e tres colheitas no mesmo anno. Este beneficio da natureza, este luxo de vegetação pertence tão sómente á parte chamada região do Nilo; talvez esta particularidade desse logar a que se desenvolvesse no Egypto, desde os tempos mais remotos, a arte da irrigação por meio de canaes proprios para levar as aguas ás partes mais distantes. É igualmente provavel que os Egypcios conhecessem, mais de mil annos antes de Jesus Christo, muitas descobertas engenhosas, até mesmo a espiral de Archimedes, para conduzir as aguas a logares mais elevados.

A parte septentrional do Egypto é uma vasta planicie, da qual o Nilo se escapava antigamente por sete boccas. Esta planicie estava circumscripta pelas aguas do Nilo, formando uma ilha trian-

gular, a que se deu o nome de uma letra grega, *Delta*, porque tem a mesma fôrma  $\Delta$ . A tradição nos diz que este *Delta* não existira, ha milhares de annos, tão completo como hoje; e que assim se foi formando pelos lodos e pelas areias que o Nilo arrasta com suas aguas. Este facto não parece improvavel, segundo a constante observação feita sobre outros rios, que tem entupido suas embocaduras com areias ou com terras arrancadas de suas margens pelas frequentes inundações. O Danubio, depois de atravessar a Allemanha meridional, a Hungria e a Turquia, lançava-se no Mar Negro por sete boccas, das quaes são hoje apenas duas navegaveis. O Rhodano, que parte dos Alpes, e corre pela França atravez de Lyon, indo perder-se ao sul no Mediterraneo, tinha antigamente uma vasta via, que está quasi obstruida.

O Aspro-Pótamo, antigo Acheloüs, rio da Turquia que corre um pouco acima do golfo de Lepanto, tinha muitas ilhas pequenas de frente da sua embocadura, que hoje se acham unidas ao continente pelas areias do rio, que entulharam os canaes que as separavam. O Ganges, o maior rio das Indias Orientaes, augmenta todos os dias a superficie das terras, que ficam contiguas á sua embocadura (\*).

---

(\*) No Brasil podemos tambem recolher outros dados, que comprovam esta propriedade das aguas correntes. O Parahiba, que rega a fertil comarca de Campos dos Goitacazes, é um dos exemplos bem notaveis, pois que

A noticia da fertilidade d'aquella região do Nilo tinha chegado a toda a parte ; assim é que soffrendo-se na Palestina uma fome espantosa, enviou Jacob ao Egypto seus filhos para comprar trigo, que se vendia a todos os povos visinhos (\*). O Egypto no tempo do nascimento de Jesus Christo era tido em Roma pelo celleiro da Italia ; muitos seculos depois d'isto ainda os Imperadores gregos tiravam do Egypto grande quantidade de grãos de toda a especie ; porém hoje o paiz está muito alterado ; já não são tão abundantes as colheitas de trigo, nem mesmo as de arroz, que o tem substituido. — Uma parte do territorio, regado antigamente pelo systema de canaes, que levavam as aguas a logares mais altos, tor-

---

a sua barra é muito variavel, não só pelas inundações como pelos ventos, que reinam n'aquella costa. O rio S. Francisco, que divide as provincias das Alagoas e de Sergipe, tem tambem uma barra variavel pelas areias que acarretam as aguas d'aquelle caudaloso rio. O rio Doce, limite septentrional da provincia do Espirito Santo, está inteiramente incapaz de navegar-se pelas areias accumuladas na sua foz, apesar do immenso cabedal de suas aguas. O Orinoco, segundo rio da America, tinha oitenta boccas, por-onde desaguava no Oceano, segundo a opinião de La Condamine ; pois bem, mais d'ametade se acham obstruidas pelos lodos do immenso Delta da baixa Guaiana, sem que por isso a Bocca grande e Macareo (as principaes) se achem mais profundas nem mais largas. E assim muitos outros rios do nosso continente, cujas barras se tem obstruido pelo concurso de iguaes circumstancias.

(\*) Gen., cap. 42, v. 1-2-3.

nou-se em desertos arenosos, ou porque foram obstruidos os canaes, ou porque as inundações tem sido menos caudalosas; as embocaduras do Nilo estão tambem obstruidas, tanto que só se vai por uma bocca a Damietta; e o solo que, ha trinta seculos, ostentava a mais rica vegetação, está hoje reduzido a estereis campinas. Emfim os campos, outr'ora cultivados pela mão industriosa do agricultor livre, foram entregues ao escravo bruto e opprimido, obrigado a trabalhar para satisfazer a avareza dos Turcos seus senhores. A raça d'esses conquistadores, tão ignorantes como preguiçosos, não podia deixar de imprimir no paiz o sello da sua inercia e de sua vida licenciosa e brutal!

O Egypto foi sempre memoravel, não sómente como patria de um dos povos mais antigos, e um dos paizes mais ferteis da terra, como tambem pela longa duração de seus costumes, de suas artes e de seu Governo. Todas as partes da sua constituição estavam perfeitamente calculadas segundo as necessidades do paiz e de seus habitantes; tanto assim que a conquista dos Ethiopes em pouco a variou, porque a theocracia, ou o governo sacerdotal, era o caracter principal de ambos os povos. Outras conquistas porém vieram alterar as instituições primitivas, porque os conquistadores não estavam em harmonia com o caracter nacional. Sem embargo, não será possivel esquecer nunca que ao Egypto devemos os primeiros traços da civilisação do homem. Vejamos como assim.

Conhecia-se desde tempo immemorial n'aquella região um arbusto, com o nome de *Papyrus*, de cuja palavra naturalmente se formou a de *papel*. Era uma especie de canna, cujo amago servia igualmente de pão para a gente pobre; a casca da haste é como a do linho, e serve para fazer cordas como a *guaxima* do Brasil; a raiz contém uma especie de cebola, da qual se tiravam varias capas para fazer o papel, usado n'aquelles tempos. Estas cebolas eram compostas de muitas pelliculas ou tunicas delgadas, que se separavam facilmente umas das outras; estendidas sobre uma mesa, iam-se collocando sobrepostas, umas ao comprido e outras ao largo, de maneira que as fibras se crusassem para dar mais consistencia a este amalgama; assim feito, comprimia-se fortemente para achata-lo, e sobre esta lamina, a que se deu o nome da planta de que era formada, é que se gravava a escriptura.

O papel egypcio, como acabamos de descrever, não tinha as mesmas propriedades que o nosso, fabricado com trapos, e cuja existencia apenas alcança a pouco mais de seis seculos (\*). Para

---

(\*) O papel de seda foi inventado na China dois seculos antes de Jesus Christo; porém papel, feito de trapos, é invenção dos Gregos, refugiados em Basilêa, em 1170. — Só a meiado do seculo xiv foi que o seu uso se tornou geral na Europa. Em França mesmo, as primeiras fabricas de papel se estabeleceram no anno de 1340. A primeira folha de papel, que se conhece, é de 1319. — A fabrica de Nuremberg foi estabelecida em 1390. O mecanismo proprio para fazer, sem auxilio

aquelle papel não usavam de penna, nem de tinta, nem de lapis, mas tão sómente de um ponteiro de metal ou de osso (\*), com uma das extremidades mais aguda, com a qual iam gravando no papel aquillo que queriam escrever (\*\*).

Os antigos Egypcios não usavam de lettras,

---

de braços, papel de uma dimensão indefinida, foi inventado por Luiz Robert, mecanista de Essone, em 1799. — O papel aveludado foi invenção de François em Ruão no anno de 1620. — O papel imitando o marroquim é invenção allemã, porém aperfeiçoada em França entre 1804 e 1808.

(\*) Os Romanos davam a este ponteiro o nome de *stylus*; d'onde naturalmente veiu o costume de chamar-se *estilo* ainda hoje a maneira de escrever de cada autor; e assim se diz bom ou máu estilo para designar o geito com que cada um se exprime.

(\*\*) Parece um uso muito antigo o de gravar-se em corpos duros o que se queria escrever. Os dez mandamentos da Lei de Deos foram gravados em pedra: as primeiras leis dos Romanos o foram em bronze, e as antigas dos Gregos, segundo diz Lesage, foram entalhadas em madeira. Os mesmos Gregos escreviam tambem sobre pelles de animaes, e depois sobre a casca de uma planta chamada *biblos*, de que resultou chamar-se um livro *Biblia*, nome que ainda hoje damos ás sagradas Escripturas. Os Romanos escreviam igualmente sobre a cortiça das arvores, pelo que chamaram a qualquer escripto *liber* (livro), o que quer dizer casca ou cortiça. Depois escreveram tambem sobre taboinhas enceradas. Na India ainda se escreve sobre as folhas do grelo das palmeiras. Existe em Gottinga uma Biblia completa, escripta sobre 5:376 d'estas folhas preparadas.

como nós ; traçavam certos signaes para representar as cousas, que queriam perpetuar. No principio assim devia acontecer, quando as idéas eram representadas tão sómente por signaes imitativos. Isto não era propriamente escrever, senão um grosseiro ensaio d'aquillo que mais tarde se tornou a arte de debuxar. A arte de escrever por figuras, delineando os traços principaes de qualquer objecto, é a que conduziu o homem á invenção das lettras ; porém antes d'isso não era menos engenhoso o modo de dar a cada palavra um signal proprio. D'esta fórma era mui difficil a arte de ler e de escrever a lingua Egypcia ; só os sabios a podiam comprehender, e estes sabios eram os Sacerdotes ou homens santos ; d'onde se derivou depois a palavra *Hieroglypho*, que em grego quer dizer escriptura santa ou sagrada ; assim se diz que os Egypcios não tinham escriptura senão *Hieroglyphos*.

Alguns exemplos poderão bastar para dar uma idéa d'esta maneira de escrever : Os dois pés do homem, metidos n'agua, queria dizer um *pisoeiro* : uma escada representava um assalto ou o cerco de uma praça : um olho significava a Providencia : a mão estendida e cheia queria dizer distribuição : a mão aberta e vazia exprimia o acto de receber ou de cobrar : um crocodilo significava a discrição ou a eternidade : uma cobra mordendo a cauda representava o tempo ou o periodo de um anno : para exprimir a idéa de um juiz imparcial pintavam um homem vestido cavalheiramente e sentado sobre

uma cadeira de espaldar, olhando para o chão e tendo as mãos cortadas, afim de pronunciar o seu juizo, sem poder receber dadivas. — Apesar da imperfeição d'esta maneira de escrever, tão complicada, o costume a perpetuou, e foi tão duradoura, que, ainda depois de inventadas as lettras, os Egypcios conservavam sempre os seus signaes *hieroglyphicos*.

Ora, ainda hoje se observam nos antigos obeliscos, nas paredes dos templos, nas sepulturas, e em muitos outros monumentos, todas estas figuras, que sem duvida significam muitas historias, muitas observações feitas sobre o Ceo e a Terra, muitas orações, e muitos feitos gloriosos; porém não os podiamos entender, ignorando a significação de cada um dos signaes, e a relação que tinham uns com os outros para ligarem um sentido, ou formarem uma narração seguida (\*). A escriptura alphabetica, que creou

---

(\*) Champollion e outros, viajando no Egypto moderadamente, acharam inscrições hieroglyphicas, explicadas em grego e outras linguas que lhes eram familiares; e d'ahi por combinações conhecidas descobriram a maneira de ler, e de interpretar estes monumentos antigos, e magnificos, alguns dos quaes parecem ser anti-diluvianos. A theoria dos hieroglyphos de Champollion tende a provar, que elles são representações de idéas e não de palavras ou sons; e são de duas ordens: hieraticos ou sacerdotaes, e demoticos ou vulgares. Segundo isto, Champollion, Young e Akerblad, imaginaram uma especie de alphabeto, pelo qual decifram os nomes e os sentidos ideaes, servindo-lhes de chave, ou termo de

um signal para cada tom, é uma invenção divina, e de um valor subido para a especie humana; a não ser por ella, como nos seria possivel ler ainda hoje aquillo que se pensou e escreveu ha mais de tres mil annos? A lembrança dos principaes acontecimentos do mundo não morre mais com os homens. — Os serviços prestados pelos bemfeitores do genero humano não descem já ao sepulchro com os restos de um mortal; porque a escriptura os conserva e passa de umas a outras gerações, e os divulga por todos os paizes. Quanta honra não cabe ao povo, onde se fez tão importante descoberta, já que não sabemos a que homem somos devedores de tanto beneficio!! Este povo foi o phenicio, de quem logo fallaremos, talvez guiado pela escriptura *hieroglyphica* dos Egypcios.

Foram os Phenicios os primeiros que distinguiram os tons, inventando signaes para representalos, e servindo-se para isto de figuras Egypcias,

---

comparação, os nomes de Ptolomeo, Cleopatra e Alexandre. Estas descobertas deram nova importancia ás obras de Josephus, Sanchoniathon e Manethou, e com ellas estamos habilitados, sem mesmo consultar os Gregos e os Romanos, a decidir que a Mythologia egypcia foi uma invenção de Taautus (Thoot) para dar credito aos oito livros das suas leis, para divinisar o seu poder e reunir os povos em sociedades. Os theoristas modernos n'este sentido são mais absurdos do que os Gregos; alguns, como Dupuis, suppõem tudo explicado pela personificação das constellações do Zodiaco; e Bryante refere todas as cousas a Noé e a sua arca.

cujos nomes mais se assemelhavam com os da lingua phenicia, que elles queriam indicar. Deram portanto ao signal do tom, que pretendiam exprimir, o nome da figura escolhida para este effeito; por exemplo: para exprimir o tom *a*, escolheram uma cabeça de boi, porque este animal chamava-se *aleph* na lingua phenicia; e por isso chamaram *aleph* a letra ou signal que nós chamamos *a*. Uma casa chamava-se *beth*; a figura de uma casa egypcia veio a ser o signal do tom *b*, e recebeu o nome de *beth*. O pescoço comprido e torto do camelo serviu para representar a letra *g*, que se chamou *gimmel*, ou *gammel*, do nome d'este animal; e assim por diante. Os Gregos aprenderam dos Phenicios a arte de escrever; tanto assim que nos primeiros tempos as letras gregas pareciam-se com as dos Phenicios, e ainda depois conservaram alguma similitude, e sobretudo o mesmo nome na pronunciação com pequenas modificações; como, por exemplo, o *aleph* phenicio modificou-se em *alpha* grego, o *beth* em *betha*, o *gimmel* ou *gammel* em *gamma*, &c.

Os Romanos aprenderam dos Gregos a escrever, e o ensinaram aos Francezes e aos Allemães; porém quanto tem variado as primeiras fórmulas do alphabeto! ainda hoje comparando o que temos, com o que se usava ha tres seculos, vê-se a immensa alteração que se tem feito, a ponto de não entendermos as letras do Allemão d'aquelle tempo; entretanto o alphabeto gothico é um modelo d'essas fórmulas ornadas de traços, com

que se pintavam as letras, ha pouco mais de trezentos annos. Seria portanto um prodigio que o nosso *a b c* representasse ainda uma cabeça de boi, uma casa ou um pescoço de camelo. Alguns sabios tem já dito como a fórma das letras se modifica a pouco e pouco, comquanto devamos aos Phenicios esta feliz invenção. Os Egypcios quizeram reclama-la como sua, unicamente por se terem servido os primeiros de signaes egypcios para representar os tons que tinham descoberto; porém esta circumstancia não era sufficiente para attribuir aos Egypcios a invenção da escriptura alphabetica. — Elles possuiam já um merecimento que lhes era proprio, e não tinham necessidade de se cubrirem com as pennas do pavão.

As finas teias, fabricadas no Egypto, tornaram celebre o seu linho desde éras mui remotas. O fio chegou a ser tão fino que apenas se distinguia, entretanto que o tecido era o mais solido possivel. A preciosa tela, chamada *byssus*, só podia ser comprada pelos ricos negociantes que a levavam para os paizes estrangeiros. Um dos Imperadores romanos possuiu um vestido proprio para a caça do javali, feito d'este mesmo linho, tão fino e tão delicado, que com todos os atavios necessarios para vesti-lo, passava assim mesmo pelo aro de um anel.

Se o Egypto devia ás inundações do Nilo todo o luxo da sua vegetação, soffria por outro lado uma praga de animaes maleficos e peçonhentos, que se tornavam muito incommodos pela sua

prodigiosa quantidade; porém, como na natureza o mal anda sempre acompanhado do remedio, quiz a Providencia que se criassem n'aquelle valle certas aves (especie de cegonha chamada *ibis*), que se nutriam de cobras e de outros reptis, produzidos pelo lodo do rio. Os Egypcios, em prova da sua gratidão, collocaram esta ave entre os seus deoses, e faziam-lhe funeraes tão sumptuosos como aos homens mais distinctos. Embalsamavam-na com aromas, afim de preserva-la da corrupção; e depois de envolver o corpo em uma substancia bituminosa, depositavam-no nas catacumbas. Estes corpos, assim embalsamados, chamavam-se *mumias*, do nome de um medico persa chamado *Mum*, o primeiro talvez que usou d'esta descoberta para preservar da putrefacção. Todos os dias acham-se d'estas mumias perfeitamente conservadas, muitas das quaes existem na Allemanha em Gotha, em Darmstadt; na Hollanda, no museu egypcio de Pariz, onde estão depositadas muitas, nos diferentes museus dos Estados-Unidos, e até no Rio de Janeiro possuímos uma em bom estado de conservação.

As madeiras e os metaes eram raros no Egypto, porém em compensação acha-se grande quantidade de pedras e de rochedos, principalmente da parte de leste sobre as fronteiras da Arabia. As casas dos Egypcios eram todas fabricadas de tijolos ou de pedras de cantaria; e não é de admirar que fosse por isto mesmo o primeiro povo, que começou a construir solidos edificios.

Todavia, os Egypcios não conheciam todos os instrumentos, de que hoje nos servimos para edificar as nossas casas; as mãos do homem e uma perseverança inaudita suppriam esta falta na infancia das artes. E sem embargo, com meios tão limitados elles elevaram em epochas bem remotas, e quasi desconhecidas, esses assombrosos obeliscos e pyramides gigantescas, que desafiam a furia do tempo.

Os obeliscos (pedra alta, quadrangular, com base pouco larga terminada em ponta) eram uma especie de agulhas com quatro faces, cada uma das quaes em sua base tinha 5, 10, 20 até 25 pés de largo (\*). Sua altura variava entre 50, 60, 100 até 180 pés; e cada um, ainda mesmo os de 180 pés, era feito de uma só peça de granito. Uma semelhante massa de rocha viva não podia deixar de ser cortada a cinzel e a martello por muitos milhares de homens. — Quanto trabalho, quanta perseverança não era mister para chegar, com instrumentos tão imperfeitos, á conclusão de qualquer d'estas obras!!! Era sem duvida das canteiras do Oriente d'onde se tiravam essas enormes pedras, e de lá eram conduzidas, depois de as terem pollido, pelos canaes do Nilo sobre grandes balsas até o lugar onde deviam ser collocadas. Os obeliscos se eleva-

---

(\*) Moraes dá a seguinte definição de obelisco « Agulha de uma pedra, que de base larga acaba em ponta aguda, em grande altura, e se eleva por memoria de algum feito, ou semelhante motivo. »

vam assim em frente dos templos, dos palacios, ou nos jardins e praças publicas, em memoria de grandes feitos, de grandes acontecimentos, ou como um simples ornato, e ultimamente como quadrantes solares.

Entretanto é assombroso como tudo isto se fazia sem tantos conhecimentos, sem tantas machinas como hoje possuimos, e que facilitariam semelhantes trabalhos. Não ha indicio de que aquelles povos conhecessem o *macaco* (machina para erguer pesos), e por consequencia era tudo feito á força de braços. — Vinte mil homens seriam necessarios para mover um obelisco de cento e oitenta pés de altura; alguns pretendem que foram empregados n'esse mister até cento e vinte mil. Augusto, Imperador Romano, sob cujo reinado nasceu Jesus Christo, mandou buscar alguns obeliscos (\*), para collocar na capital do mundo esses prodigios do ingenho humano.

---

(\*) Os mais antigos obeliscos datam do Rei Mestphrés ou Mestrés de Thebas, dois seculos pouco mais ou menos antes do sitio de Troia (pelo anno da creação do mundo 2820, e 1180 antes de Jesus Christo). — Um d'estes monumentos é o de Luxor. — Dos obeliscos transportados a Roma, um foi em tempo de Caligula, e é o que se acha actualmente restabelecido, e erecto diante da Igreja de S. Pedro; outro foi em tempo de Constantino II, e é o que se acha hoje na praça de S. João de Latrão; assim como o que se acha em frente da Igreja *della Madonna del popolo*; todos os quaes foram restabelecidos pelo Papa Sixto V. — O obelisco egypcio, conhecido sob o nome de *Agulha de Cleopatra*, foi dado em 1820 pelo Vice-Rei do Egypto a Jorge IV Rei de Inglaterra. —

— Outros Imperadores, depois de Augusto, fizeram outro tanto; porém quando os Barbaros no seculo V invadiram a Italia, no seu furor de pilhar e devastar destruíram e derribaram os obeliscos. Estas ruínas venerandas, estes pedaços de rocha destacados, foram-se cubrindo de terra, e por fim permaneceram sepultados por mais de mil annos até 1586, anno em que o Papa Sixto V os fez desenterrar.

É ao celebre architecto italiano Dominico Fontana que se deve a nova erecção do maior d'esses obeliscos, que se achava desfeito em tres pedaços; e ao mesmo tempo collocou mais tres que se acharam inteiros. Quatro annos foram gastos n'esses trabalhos. Um dos obeliscos pesava sete mil quintaes; as machinas para levanta-lo eram movidas por oitocentos homens e cento e oitenta e seis cavallos. O famoso obelisco de Luxor, o mais notavel da antiga Thebas, era attribuido a Sesostres ou a Ramesses, que viveu quinze seculos antes da éra christã. Este antigo monolitho, depois de ter sido por mais de tres mil annos um dos ornamentos da entrada do palacio de Luxor, foi arrancado de sua base primitiva no 1.º de Novembro de 1831 e embarcado para a França; porém só em Agosto de 1832 foi que as aguas permittiram á embarcação, que o conduzia, descer pelo Nilo e chegar a Alexandria, d'onde partiu para a França rebocada por um vapôr. Finalmente chegando a Pariz, foi conduzido para a Praça da Concordia, onde se levantou no dia 25 de Outubro de 1836. — Ou-

tros muitos d'estes monumentos tem vindo para a Europa, como pequenos obeliscos para ornar palacios e jardins, porém são compostos de muitas peças. — As pedras miliarias são ordinariamente talhadas em fôrma de obelisco.

As pyramides, de que já fallámos, eram outro genero de monumentos de colossal grandeza. Ainda hoje contam-se quarenta de todas as dimensões. — São construidas de pedra calcarea, collocadas umas sobre as outras sem cal nem argamassa alguma, que as prendam entre si; de sorte que se acham unidas tão sómente pelo seu proprio peso. É provavel que todo esse material fosse tirado das pedreiras do Oriente, e que viesse, como os obeliscos, pelos canaes do Nilo até o lugar onde se acha amontoado; elevando-se alguns d'esses monumentos á prodigiosa altura de quinhentos a seiscentos pés. Estas construcções foram feitas sobre outeiros, talvez para fazer sobresair mais o seu aspecto gigantesco, ou para evitar que chegassem até a sua base as inundações do Nilo (\*).

Para sentar a base d'estes edificios convinha nivelar uma área de mil e quinhentos passos pelo menos de contorno, e cerca-la de um canal

---

(\*) As celebres Pyramides do Egypto não prestam meio algum de fazer conhecer as suas datas; porém a maior d'ellas é attribuida pelo historiador Herodoto a Cheops, que começou a reinar pelo anno de 1198 antes de Jesus Christo; tendo empregado vinte annos em construi-la! Volney calcula que esta construcção verificou-se pelo anno 850 antes de Jesus Christo.

para poder trazer ao pé da collina as massas de pedra que deviam ser empregadas em construi-los. Collocada a primeira cantaria era mister construir andaimes para continuar com o trabalho; porém isto seria mui difficil em um paiz falto de madeiras por um lado, e por outro, como formar andaimes tão altos, e para conter pesos tão enormes? A rasão natural nos adverte que, em logar de armações de madeira, se formaram terraplenos ou terrados ao redor da base, e successivamente iam elevando estes terrados á proporção das camadas de cantaria que se iam sobrepondo, até chegar ao ponto culminante. — Concluido o trabalho, tirava-se a terra de que estava cercada a pyramide pelos quatro lados, e a obra apparecia completa e acabada. Tem-se descoberto debaixo d'estas pyramides grandes escavações nos outeiros que as sustentam, talvez feitas para trazer ao centro da construcção os materiaes por agua. Admira com effeito a força e a constancia dos homens, que emprehenderam e concluíram tão gigantescos monumentos; basta considerar o trabalho que custariam, para espantar a mais atrevida imaginação.

Não é porém possível comprehender o fim com que semelhantes massas de pedras foram levantadas, ou para que eram destinadas, com tantos corredores e quartos interiores sem portas nem janellas. — Seria pois tanto material agglomerado para compôr um tumulo, como se diz? O espirito e o character da Nação egypcia eram

tão differentes da nossa maneira de pensar, e dos nossos usos e costumes, que não é possível formar juizo a este respeito; muitas outras particularidades provam entretanto a veneração que aquelles povos tinham pelos mortos (\*). Nos banquetes costumava-se collocar a mumia de um amigo ao lado dos convidados, assim como ornavam as mezas com bustos em madeira dos amigos e parentes que já não existiam. A maior infamia que podia recair sobre a memoria de um homem, era não ser enterrado com toda a solemnidade. —

Para merecer a sepultura era mister uma sentença, e para isto havia um tribunal composto de quarenta juizes. Antes do funeral, reunia-se o tribunal, ouvia as queixas contra o defunto, e decidia se por sua boa ou má conducta merecia ou não as honras funebres concedidas aos

---

(\*) Um medico francez, o Dr. Pariset, pensa que o cuidado, que empregavam os Egypcios em fazer embalsamar todos os mortos, era devido a causas bem differentes. Segundo a opinião d'este sabio, era com o fim de evitar as epidemias e os contagios pestilenciaes, que em um clima ardente, e n'um solo profundamente humedecido pelas inundações, podiam ser produzidos pelas emanções dos corpos em estado de dissolução debaixo da terra. Esta causa explica mais que muito o costume de embalsamar tambem os animaes com tanto cuidado como se fazia com os homens. Talvez fosse com semelhante fim hygienico que os primeiros Sacerdotes egypcios fizeram d'estas medidas de salubridade outras tantas praticas religiosas, afim de dar-lhes mais autoridade e de fixa-las irrevocavelmente.

mortos. Os mesmos Reis não eram exceptuados d'este juiso, e mais de um Monarcha do Egipto, que durante suas vidas tinham governado mal, foram condemnados a ficarem insepultos. Os Egiptios, nimiamente supersticiosos, acreditavam que a alma não se separava do corpo, emquanto este permanecia inteiro; e esta era uma das causas da presença das mumias em muitos logares do domicilio. Finalmente julgando pela mania da moda, e pelo que a vangloria é capaz de produzir para exceder aos outros homens em tudo quanto consideramos grande e bello, poderemos comprehender como alguns Reis do Egipto tiraram vantagem d'esta fraqueza humana, para occupar uma nação inteira na construcção de tantos edificios colossaes para jazigo de seus restos.

---

---

---

**CAPITULO XI.**

**Castas Egypcias. O Sacerdocio depositario de todas as sciencias. Modo de calcular o tempo. Culto dos animaes. Labyrintho. Psammetico.**

Os Reis do Egypto tinham o titulo de Pharaó; o seu poder estava muito limitado pelos Padres; e como estes eram os unicos sabios do paiz, não só estavam encarregados da educação do Soberano, como eram seus conselheiros e os juizes do povo. Depois dos Padres eram os guerreiros a classe mais respeitada. Assim é que só era dado ao Sacerdocio e á Milicia o direito de possuir terras; todas as demais classes, como negociantes, fabricantes, artesões, agricultores e pastores lhes eram subordinadas e gozavam de pouca ou nenhuma consideração; os pastores sobretudo eram tão desprezados, que se achavam quasi excluidos da communhão das outras classes. Eis-ahi um dos motivos porque a familia errante de José, que só vivia do producto dos seus rebanhos, tinha um domicilio inteiramente separado do resto dos Egypcios.

Os Egypcios tinham ainda outra lei singular, que obrigava os filhos a abraçarem necessariamente as profissões de seus pais. O filho do negociante devia ser negociante por sua vez; o filho do tecelão, do ferreiro, do pastor devia continuar no officio de seu pai, qualquer que fosse a sua vocação para outro estado; a esta rigorosa divisão de estados chamou-se casta ou tribu. As castas inferiores eram opprimidas barbaramente; e para que não podessem libertar-se da cega obediencia, que d'ellas se exigia, os Padres promulgaram uma lei severa ordenando, que nenhum Egypcio podesse sair da sua patria, e ao mesmo tempo prohibindo a entrada de qualquer estrangeiro no territorio do Egypto; de sorte que por esta fórma vivia o povo completamente sequestrado do resto do mundo. Este invencivel obstaculo, limitando a esphera de actividade do povo, devia tambem contribuir para acanhar o seu espirito, e dar-lhe esta estúpida tenacidade, que ainda hoje é o cunho dos habitantes do paiz; elles levam a tal extremo este defeito, que um *fellah* (lavrador egypcio) se julgaria um mentecapto, se pagasse as suas contribuições sem ser antes espancado.

Qualquer que fosse em geral o caracter da nação egypcia, podemos conceber que a marcha do seu espirito não podia ser tão veloz como nos tempos modernos. Bem que as artes estivessem já mui adiantadas, e que a agricultura tivesse recebido grandes melhoras, comtudo as sciencias permaneciam no mesmo estado, trans-

mittidas com escrupulosa fidelidade de umas a outras gerações, sem que o Sacerdocio, unico guarda d'este sagrado deposito, cuidasse de aperfeiçoá-las. Conscio do seu poder, contentava-se com o saber herdado de seus antecessores, e nada mais. Desde tempos mui remotos existiam medicos entre os Sacerdotes egypcios; cada enfermidade, porém, tinha o seu curandeiro especial, como, por exemplo, as molestias de olhos, dôres de cabeça, de dentes e outras. Comtudo estes mesinheiros não podiam obrar segundo sua experiencia nem segundo o temperamento do doente, porque eram obrigados a seguir estrictamente as regras estabelecidas em certos livros, tidos por sagrados. O medico portanto devia guiar-se por elles, e se acaso se separava dos seus preceitos e o doente morria, era o medico condemnado á morte como assassino voluntario. A lei não consentia que se dessem purgantes senão quatro dias depois da invasão da enfermidade.

Aos Egypcios attribue-se a primeira observação do anno solar. As inundações do Nilo verificadas em periodos regulares, as vantagens que ellas traziam ao paiz, a necessidade de fixar o tempo das lavras, tudo isto obrigou aos habitantes a calcularem o numero de dias que decorria de uma a outra inundaçãõ. Notaram de mais a mais que o sol, no principio de cada inundaçãõ, se achava perpendicular sobre suas cabeças, e que a mais brilhante estrella do Ceo, Sirio (denominada Sothis pelos Egypcios, ou astro

de Iris ), começava a apparecer assim que se fazia noite. Eis-ahi como os dias foram contados para calcular o tempo, em que chegaria a inundação, e poderem preparar-se para tirar toda a vantagem d'este phenomeno, partindo da coincidência da posição vertical do sol e da apparição de Sirio. Foi esta pois a causa de começar o antigo anno egypcio, não no primeiro de Janeiro como o nosso, mas em Agosto com a inundação do Nilo.

Não era todavia bem claro este ponto de partida, e convinha fixar a serie dos dias, pelo que serviram-se mais tarde de obeliscos, como agulhas solares, para computar o tempo (\*). — Medindo a sombra ao meio dia, notaram que ia diminuindo até 22 de Junho, dia de solsticio, e por consequencia marcaram este dia como o limite da sombra mais curta, assim como o da sombra mais longa, que caia no dia 22 de Dezembro; fizeram depois uma escala das sombras, dia por dia, marcando todos os pontos intermedios, para conhecer a marcha gradual

---

(\*) Papyrus Cursor foi o primeiro que em Roma fez collocar na muralha do templo *Quirinus*, no anno 477 da Republica, um quadrante solar, por cujo meio começaram a dividir o dia em 12 horas, principiando ao nascer do sol até o seu occaso; — e como os dias eram desiguaes pelas estações, tambem o foram as horas, com tanto que a 6.<sup>a</sup> fosse sempre a do meio dia. Por analogia dividiram tambem a noite em 12 horas, vindo assim a ficar o dia e a noite divididos em 24 horas, espaço a que se chamou dia para servir de unidade aos mezes. —

da sombra do obelisco, que servia como de uma especie de calendario para indicar o tempo da inundação. Dado este primeiro passo era consequente comparar o anno solar com as phases da lua, e buscar o meio de fazer de tudo uma medida commum; porém não passou muito tempo sem que notassem a sua irregularidade, porque o anno solar comprehendia mais de doze e menos de treze lunações (\*). Depois de uma

---

(\*) Os mezes solares de que usamos são regulados pela marcha do sol na Ecliptica. Este astro nos doze mezes percorre os doze signos de 30 gráus cada um; sendo a entrada, antes ou depois do dia 20 de cada mez, mas sempre proximo a este dia. O movimento do sol não é mais do que uma apparencia, devida ao movimento da terra na sua orbita annual, em rotação e translação, que com tanta facilidade se comprehende; pois seria absurdo suppôr, que, sendo o sol tão grande, e tão distante como está, dêsse uma volta em vinte e quatro horas ao redor de um corpo tão pequeno, como a terra comparativamente ao sol. O movimento pois attribuido ao sol, principiando em um ponto qualquer da Ecliptica, gasta 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 48 segundos até voltar ao mesmo ponto.

Em quanto aos mezes lunares ha mais alguma complicação, attendendo a que este satellite da terra está sujeito a muitas variações nos seus movimentos, que dependem da maior ou menor proximidade, em que se achar o nosso planeta relativamente ao sol na sua marcha pela orbita terrestre. A lua tem portanto um mez *periodico*, e outro *synodico*; chama-se *periodico* aquelle tempo que a luz gasta, emquanto dá uma volta á terra, e torna ao mesmo ponto do Ceo estrellado, d'onde antes tinha partido; no que emprega aproximadamente 27 dias, 7 horas, 43 minutos e 5 segundos. Porém como, quando ella chega a este

serie de observações chegaram os Egypcios a descobrir a base, isto é, que depois de uma rotação de dezanove annos solares, começavam as lunações a succederem-se na mesma ordem; como, por exemplo; se este anno acontecesse cair o plenilunio no 1.º de Janeiro, tambem cairá no mesmo dia d'aqui a dezanove annos.

Entretanto este calculo ainda não era exacto, porque não computavam mais de 365 dias por anno solar. Os Gregos e os Romanos foram os primeiros que observaram de uma maneira muito mais precisa o verdadeiro curso annual do sol, e fixaram então o anno solar em 365 dias e um quarto. — Um celebre Romano, Julio Cesar; estatuiu, quarenta e seis annos antes do nascimento de Jesus Christo, que o anno ordinario se comporia de 365 dias, porém que de quatro

---

ponto, vindo pela parte do occidente, o sol já se tem apartado mais para o oriente da posição em que d'antes se achava, segue-se que não apresenta a mesma phase, que antes mostrava (por que as phases são devidas ao aspecto ou á distancia do sol), e é necessario que ella caminhe mais dous dias para tomar a mesma configuração que d'antes tinha. Estes dois dias e tanto, juntos ao anterior periodo, formam o mez chamado *synodico*, que é de 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 21 segundos aproximadamente. Este é o tempo que a lua gasta de conjuncção a conjuncção, ou de opposição a opposição. — Diz-se aproximadamente porque nem todas as lunações são iguaes. Quando a terra se acha mais aproximada ao sol, no perigeo, a lua se acha mais distante d'ella, e então gasta mais tempo no seu movimento *synodico*. (*Memorias Astronomicas etc.*, Rio de Janeiro 1838).

em quatro annos se intercalaria um dia, de maneira que o ultimo d'este periodo viesse a ter 366. Este calendario teve, e ainda conserva o nome de Juliano (\*). Passados annos e seculos viu-se ainda que este arranjo não concordava totalmente com o verdadeiro curso do sol, e que o anno solar não era precisamente de 365 dias e 6 horas, porém só de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 48 segundos, de sorte que os onze minutos e doze segundos, contados de mais por Julio Cesar, prefaziam um dia inteiro no fim de uma revolução de cento e vinte oito annos.

Tambem se observou que o dia mais comprido já não caia em 21 de Junho, porém antes, e proporcionalmente se ia separando d'essa epo-

---

(\*) Julio Cesar não fez sómente isto; tambem fixou a serie dos dias e a ordem dos mezes, tal qual os conservamos. Em Roma o anno era dividido em 10 mezes, como ainda hoje em Kamschatka; o mez de Março era o primeiro do anno, o de Julho o quinto, e se chamava *quintilis*; Agosto era o sexto, e se chamava *sextilis*; e assim por diante. Eis-ahi a razão porque ainda hoje no nosso calendario usamos dos nomes Setembro (7.º), Outubro (8.º), Novembro (9.º), Dezembro (10.º). Depois accrescentou-se Janeiro, em honra do Deus *Janus*, porque, como este Deus, devia o mez de Janeiro reunir o passado e o futuro em um só todo. Fevereiro foi então collocado no fim do anno como um mez de expiação, que devia purificar os peccados do anno já passado (*februare*). Como este mez era o ultimo, ajuntou-se-lhe então o dia complementar nos annos bissextos; e quando passou a ser o segundo, continuou ainda n'este uso, por ser tambem o mez mais curto.

cha. — Finalmente já no seculo xvi havia uma differença de dez dias completos, o que induziu o Papa Gregorio XIII, em 1581, a diminuir ou a cortar do anno de 1282 estes dez dias, que se achavam demais; d'est'arte em lugar de escrever-se 5 de Outubro, escreveu-se 15, conservando-se do mesmo modo os annos bissextos cada quatro annos. — Mas, como depois de um periodo de quatro seculos, appareciam tres dias demais, estabeleceu-se então que tres annos, que deveriam ser bissextos, não o fossem, e para isto adoptou-se a regra de que as centenas, que não fossem divisiveis pelo n.º 4, deixassem de ser annos bissextos: assim é que, para conformarmo-nos com este systema, o anno de 1600 ficou sendo bissexto, mas não assim os de 1700 e 1800, que segundo o calendario Juliano deviam sê-lo, nem tão pouco será o de 1900, até que o anno 2000 tornará a ser bissexto. A este arranjo chamou-se Correccão Gregoriana.

Apesar de todas estas refórmas, o calendario de Gregorio XIII não está exactamente de acordo com o curso do sol, porque depois de uma revolução de tres mil e duzentos annos haverá ainda um dia demais; facil será porém remediar este inconveniente, fazendo comque este ultimo anno não seja bissexto e conte tão sómente 365 dias. Ha sete seculos houve um povo, que calculou com exactidão o curso do sol; era uma tribu de Turcos na Asia, da qual não se podia esperar tanto. Em lugar do quarto anno bissexto collocaram o dia intercalar no fim de um pe-

riodo de quatro, cinco, ou seis annos, para cingir-se perfeitamente ao curso do sol. Astronomos instruidos indicavam as epochas em que o dia complementar devia ser collocado.

Os Francezes adoptaram em 1793 este calendario aperfeiçoado, porém tiveram de abandoná-lo em 1806, porque causava desarranjo nos habitos da vida. As instituições, que regulam a maneira de viver dos povos, devem ser as mais simples, e não depender das observações scientificas, que, sujeitas aos calculos dos Sábios, variam segundo sua natureza; e esta variedade poderia causar embaraços na computação do tempo. Outra grande vantagem para nossa epocha moderna é que a maior parte da Europa tenha adoptado a maneira uniforme de contar o anno. Esta unidade teria desaparecido, sem vantagem alguma, com o novo calendario da Republica franceza ( que existiu desde 22 de Setembro de 1792 até 31 de Dezembro de 1805), porque a differença do estado do sol, comparada com os dias de um a outro anno, é quasi insignificante segundo o calendario Gregoriano.

Temos sómente de lamentar que a correccão de Gregorio XIII não fosse adoptada por toda a Europa. Os Catholicos foram os unicos, que a admittiram desde sua origem; os Protestantes a repelliram, e ficaram como d'antes, bem que reconhecessem a justiça da innovação; porém reputavam como indigno de si o admittirem uma verdade, que tinha partido de seus antagonistas; e assim persistiram até 1700 n'esta

falsa maneira de pensar : a Suecia só em 1753 é que veiu adoptar o novo calendario. Ainda hoje servem-se os Russos e os Grisões do calendario Juliano, e por isso acham-se doze dias atrasados de nós; e quando celebravamos o anno novo de 1825, os Russos não sómente viviam ainda no anno anterior, como nem estavam ao menos pelo natal, e datavam esse dia como 20 de Dezembro de 1824. — Em Constantinopla os Turcos, como todos os Mahometanos, computam o tempo por annos lunares, que não tem senão 354 dias, 8 minutos e 48 segundos; de maneira que em cada periodo de trinta annos acham-se onze bissextos de 355 dias. A sua éra conta-se da fugida de Mafoma, da Meca para Medina, que succedeu no dia 16 de Julho do anno 622 depois do nascimento de J. C.

Outra descoberta, ordinariamente attribuida aos Egypcios, é a arte de medir a superficie de um campo. — Foram tambem as inundações do Nilo que deram logar a este importante achado, porque semeando-se antes que o rio trasbordasse, era mister que cada um soubesse a parte que lhe pertencia depois que o Nilo voltava ao seu leito ordinario. Os marcos podiam ser levados pela corrente, e outro qualquer signal podia ser apagado pelos lodos, que cubriam a superficie do terreno semeado; portanto não ficava outro recurso senão fazer medir a sua lavra pela autoridade competente antes da inundação, para no caso de contestação poder justificar a sua propriedade pelo titulo da medição. Era neces-

sario para medir um campo saber calcular, e ter além d'isso uma medida que servisse de unidade. Começou-se primeiramente pelas figuras regulares, e obteve-se o conhecimento da superficie quadrada, multiplicando a base pela altura.

Na primeira idade chamada da Lei natural, parece que os homens desconhecera a existencia de um Sêr unico em essencia, e Creador de tudo quanto existe sobre a terra. Os grandes prodigios da natureza, a existencia do universo, suas bellas proporções, sua força e harmonia, o coração e o espirito que sentem e que pensam, são outras tantas vozes que nos repetem continuamente, que ha um Creador todo poderoso, infinitamente sabio, que conserva este universo; um Pai de todas as cousas e de todos os homens; um Deos invisivel que obra sobre nós, e dentro de nós. Porém para os primeiros homens, no estado de pura natureza, parece que houve outra rasão que despertou entre elles a primeira imagem de uma potencia infinita, ainda que invisivel, existindo por toda a parte, e foi o medo ou o prazer.

Assim é que elles attribuiam os beneficos raios do sol, o gosto dos fructos saborosos, e a saude recobrada depois de uma molestia, a diversos sêres invisiveis, habitando no Ceu, d'onde cada um d'elles fazia brilhar os raios do sol, amadurecer os fructos, e desapparecer as enfermidades.

Eis-ahi a rasão porque os homens da primeira idade não adoraram como nós um só Deos; tiveram muitas divindades, ou crearam-nas segundo

as sensações que experimentavam. Tiveram portanto um deos do raio, outro do vento, e outros da producção dos fructos, da medicina, da paz e da guerra, conforme eram inspirados pelos sentimentos do medo ou do prazer. A cada um d'estes sêres, creados pela imaginação, outorgou o homem um poder infinito, porém revestiu-o de todas as paixões humanas; e como tal honrou-o debaixo da fôrma de sua especie moldado em pedra ou em madeira, dirigiu-lhe, como a Deos, preces e sacrificios, e prestou-lhe adoração e culto.

Os Egypcios adoravam tambem a deoses semelhantes, fabricados de marmore e de outras pedras, aos quaes davam igualmente a fôrma humana toscamente imitada. O seu culto porém continha muitas singularidades, porque além d'esses idolos que acabamos de referir, tinham de mais a mais uma chusma de animaes, a que rendiam culto divino, e eram sobretudo aquelles que mais uteis ou nocivos pareciam. Já fallámos da cegonha que elles veneravam como uma divindade, porque se sustentava dos reptis venenosos que produzia o lodo do Nilo. Em virtude de um sentimento inteiramente opposto adoravam o crocodilo. Este animal tem a fôrma de um lagarto, mas de estupenda grandeza, porque alguns ha que tem mais de trinta palmos de comprido (\*). A sua pelle é escamosa, isto é,

---

(\*) O crocodilo é uma especie do nosso *Jacaré*, porém de muito maiores dimensões; é o mesmo animal a que

tem folhas sobrepostas de um lavor exquisito ; e tão duras, que não póde penetra-las uma bala de espingarda.

O crocodilo por seu medonho aspecto infunde terror ; sua voz estrugidora durante a noite ameaça muitas vezes aquelles que navegam pelo Nilo, ou que habitam perto de suas margens ; talvez fosse isto a causa do culto, que lhe renderam. Apanhavam estes animaes ainda pequenos e os amansavam, conservando-os nos logares sagrados ; punham-lhes enfeites de ouro, e sustentavam-nos á custa do thesouro publico com delicados manjares ; eram os Sacerdotes os que cuidavam d'elles, e os perfumavam com as mais suaves essencias. Quando morria um d'estes crocodilos era embalsamado e collocado no tumulto dos Reis. — Dirigiam preces a estes animaes, e faziam-lhes votos, como aos deoses. O que porém deve maravilhar-nos é que os Egypcios diviniando assim o tremendo crocodilo, honrassem igualmente o seu maior inimigo, *ichneumon* (rato egypcio), chamado o rato de Pharaó ; este pequeno animal cavando nas margens do Nilo tem

---

os Francezes e os Hespanhóes chamam *Caiman*, e os Inglezes *Alligator*. É um amphibio voracissimo ; os do Orinoco e do Mississipi são os maiores que se conhecem, alguns tem até quarenta palmos de comprido. Tem uma bocca mui rasgada e armada de dentes navalhados com enormes prezas. Um vi eu no baixo Apure (Departamento de Venezuela), que, depois de morto, podia um homem de boa estatura estar em pé sobre a mandibula inferior sem tocar com a cabeça na superior.

o instincto de procurar os ovos dos crocodilos e de os destruir ; em geral faz guerra exterminadora a todos os insectos.

O povo egypcio venerava particularmente o gato ; todo o respeito , todo o acatamento lhe era deferido por muitas maneiras ; era sustentado com o maior cuidado ; o pão , o leite , o pescado , a carne , tudo era servido em pratos de ouro ou de prata. O gato tinha tapetes e coxins para estar deitado ; se morria em qualquer casa , todos os seus moradores rapavam logo as sobrancelhas em signal de dó. Todo aquelle que matava um gato voluntariamente , ou por descuido , soffria a pena de morte. Um soldado romano , que ignorava esta lei , matou casualmente um gato no Egypto ; o povo se amotinou immediatamente , e nem as supplicas dos Padres , nem o temor dos Romanos , puderam conter o furor popular nem salvar a vida do homem. Os corpos dos animaes sagrados , assim que morriam , eram logo embalsamados , envoltos depois em uma tela preciosa e metidos em seus ataúdes.

Todavia , o animal que recebia verdadeira adoração no Egypto era o boi chamado Apis. Devia ter a pelle toda negra com uma malha branca e quadrada sobre a testa. Como todos os animaes sagrados , era tratado com todo o melindre e cuidado , devido a sua distincta gerarchia. Por sua morte todo o Egypto tomava lucto ; os funeraes eram feitos com a mais dispendiosa pompa. O lucto durava em quanto não se achava outro apis , que o substituísse ; porém logo que outro

deos semelhante apparecia, era celebrado com festas geraes, e por demonstrações da mais cordial alegria. Parece com effeito ridicula, e até mesmo indigna do homem, esta veneração excessiva pelos brutos; porém se attentarmos para a maneira brutal e feroz com que tratamos tão cruelmente aos animaes, ainda aquelles que nos são mais uteis, como auxiliares dos nossos trabalhos, como companheiros de toda a nossa vida, veremos que em grande parte é desculpavel aquella exaggeração, filha talvez de preconceitos religiosos.

Além do que deixamos dito, reduz-se a pouca cousa a parte que conhecemos dos acontecimentos, que passaram no Egypto em tempos mais remotos. Uma das causas d'esta ignorancia foi a exclusão dos estrangeiros de toda a visita, de todo o contacto com o paiz; os Padres conservando o monopolio das sciencias, e a unica maneira de escrever a historia por meio dos *hieroglyphos*, guardavam em si o deposito de todos os factos e de todas as doutrinas sem a menor revelação. Os Egypcios não foram conhecidos senão depois da epocha em que os outros povos foram admittidos no seu paiz; entre as tradições, que chegaram aos povos visinhos, e que foram conservadas pela historia, eis-ahi uma das mais antigas:

Depois de longas discordias, e de aturadas guerras civis, reuniram-se doze Principes, no anno de 700 antes do nascimento de J. C., e repartiram entre si o reino do Egypto por partes

iguaes. Querendo conservar a paz e harmonia, depois d'este acordo, alliaram-se por casamentos; e desejando immortalisar um reinado, que devia substituir as tempestades politicas, resolveram construir um edificio de uma dimensão tão colossal, que excedesse em grandeza e magnificencia a todos os dos seus antepassados. Fundaram portanto doze palacios contiguos, seis olhando para o norte e os outros seis para o sul; estes edificios continham tres mil camaras, mil e quinhentas sobre a superficie do solo, e mil e quinhentas subterraneas. Os estranhos não podiam entrar senão nos aposentos superiores, que se achavam adornados da maneira mais rica, com pedras finas e rarissimas esculpturas. — Soube-se depois que a parte inferior fôra destinada para jazigo dos doze Principes e dos crocodilos sagrados. Este immenso edificio está hoje reduzido a completa ruina. Deu-se-lhe o nome de Labyrinto, por sua construcção disposta de maneira que, pela multidão de seus aposentos e corredores, era difficil a qualquer pessoa, que se achasse dentro, sair d'elles (\*).

---

(\*) Existiu tambem o famoso Labyrinto de Creta, tão celebrado pela antiguidade. Esta grande Ilha, chamada hoje Candia, está situada perto da Turquia ao sul do Archipelago. A fabula refere que este labyrinto encerrava um monstro, meio homem e meio touro, que devorava a todos quantos se encontravam perdidos sem poderem atinar com a saida. Ainda hoje damos este nome a todas aquellas cousas, com cujo desenlace não acertamos, ou a um negocio muito intrincado.

Ora, no principio do reinado d'aquelles doze Principes tiraram os seus horoscopos ; antigamente estas predicções eram consideradas como divinas, e fazia-se muito caso d'aquillo que ellas annunciavam. Foi então predito que aquelle, d'entre os doze, que fizesse um sacrificio aos deoses, libando em um copo de latão, obteria para si só a soberania de todo o Egypto. Um dia pois achando-se os doze Reis reunidos em um templo, como fosse preciso para acabar a cerimonia, que fizessem uma libação, trouxer-lhes o summo sacerdote copos de ouro ; porém por engano apenas trouxe onze. Psammetico, que era o ultimo, ficou sem o seu copo ; entretanto o sacerdote que servia o vinho chegou ao Principe, que não tendo em que recebe-lo, tirou o seu capacete de latão, e apresentou-o sem nenhuma intenção premeditada ; porém os outros Reis, vendo esta acção, ficaram aterrados, porque logo se lembraram do horoscopo ; e baniram por isso o companheiro para as provincias paludosas do norte do Egypto.

Psammetico, extremamente afflicto por esta occurrencia, foi consultar o sacerdote encarregado dos horoscopos, o qual lhe respondeu : « que a vingança chegaria quando o mar arrojasse homens de bronze. » O Principe partiu então para o desterro mui pouco satisfeito ; porém logo depois os criados, que lhe eram fieis, vieram annunciar-lhe : que haviam desembarcado na costa homens cubertos de bronze desde os pés até a cabeça. Esta gente pertencia a uma

tropa de corsarios gregos, que infestavam o Mediterraneo, causando terror por toda a parte, principalmente no Egypto, onde se não tinham ainda visto homens armados d'aquella maneira. Psammetico, lembrando-se então do horoscopo, fez promessas a estes guerreiros para atrahi-los ao seu interesse, e com o seu soccorro derrocou os onze Reis, seus antigos co-Regentes, e apoderou-se de todo o reino. Depois d'esta epocha os Gregos foram, não sómente admittidos no Egypto, como mui favorecidos pelo novo Rei e seus successores, os quaes lhes concederam muitas terras para que se estabelecessem n'ellas, e lhes confiaram a educação de seus filhos, como prova de illimitada confiança. Desde então, a exemplo de seus novos amigos, os Egypcios entregaram-se ao commercio, e os seus navios sulcaram o Mediterraneo e o Golfo Persico.

---

---



---

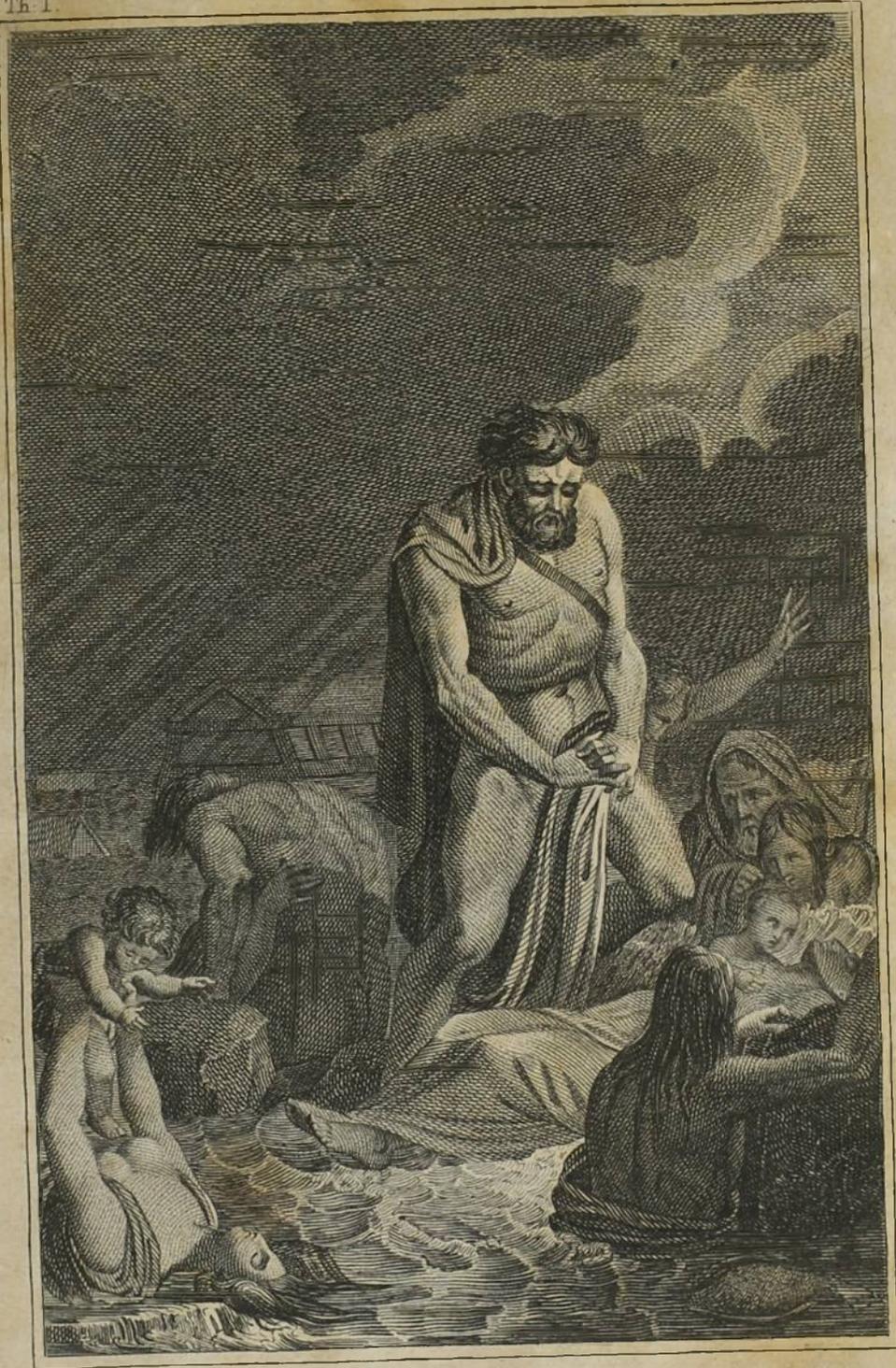
**CAPITULO XII.**

**Abrahão. José. Moysés.**

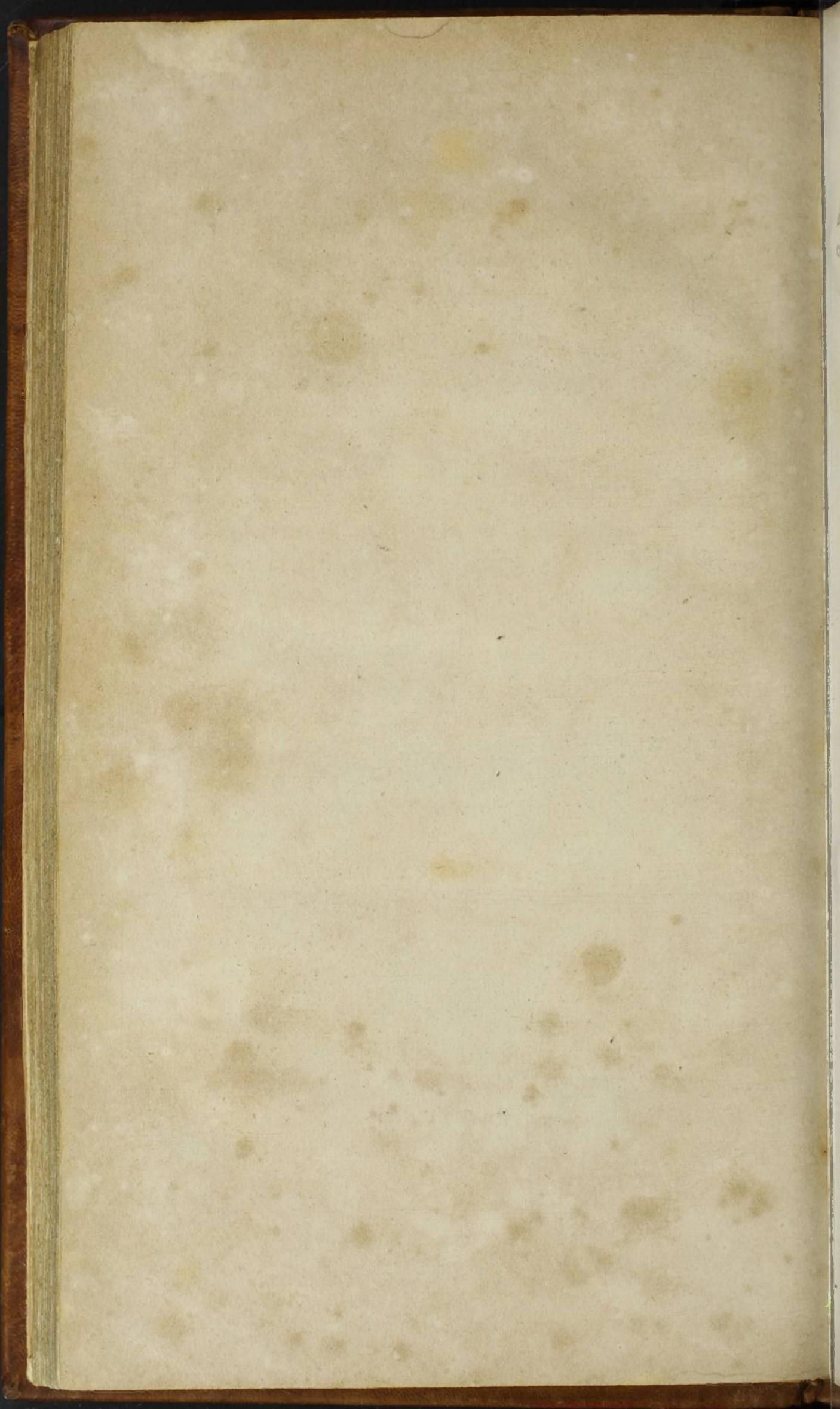
A tradição do diluvio universal achá-se por toda a parte do mundo. A arca, onde se salvaram os restos do genero humano, foi celebre no Oriente em todos os tempos, principalmente nos logares em que ella encalhou depois do diluvio. Muitas outras circumstancias d'esta famosa historia estão consignadas nos annaes e tradições dos povos antigos; os tempos concordam para a verdade do facto, e tudo quanto se podia esperar de uma antiguidade tão remota (\*).

---

(\*) Gen. Cap. 7.º e 8.º. — Beros. Chald. Hist. Chald. Hieron. Ægypt. Phœn. Hist. Mnas. Nic. Damas. L. 96. Abyd. de Med. et Assyr. ap. Jos. ant. L. 1. cap. 4; et L. 1, contra Apion. et Euseb. L. 9. præp. ev. cap. 11, 12. Plut. opusc. Plusne solert. terr. an aquat. Lucian. de Dea Syr.



DILUVIO



Quatrocentos e vinte e seis annos depois do diluvio (2083 do mundo e 1921 antes de J. C.), como os povos caminhavam, cada um pela estrada que elle mesmo abria, esquecidos de quem os tinha formado, Deos, para cortar os progressos de um tão grande mal, começou a separar para si um povo escolhido. Abrahão foi destinado a ser o tronco e o pai de todos os crentes. Deos o chamou á terra de Canaan com seus filhos, que tinha resolvido multiplicar como as estrellas do Ceu, e como as areias do mar. É provavel que uma d'essas fomes ou penurias, tão communs na Palestina, obrigasse a Abrahão e sua familia a emigrar para o Egypto, tão afamado já pela sua fertilidade. Em consequencia do que chegou a ser tão rico que o paiz onde habitava com Lot, filho de seu irmão, já não era sufficiente para os seus numerosos rebanhos reunidos.

Não podendo viver juntos, disse pois Abrahão a Lot: «peço-te que não haja rixas entre mim e ti, nem entre os teus pastores e os meus, visto que somos irmãos. Tu vês toda essa terra, que está diante de ti; aparta-te de mim, te rogo. Se tu fores para a esquerda, eu tomarei para a direita: se tu escolheres a direita, eu ficarei com a esquerda.» Lot pois tendo levantado os olhos considerou todo o paiz, que estava ao longo do Jordão, tirando de Segor, e escolheu para sua vivenda o fertil valle de Siddim, em que se achavam as cidades de Sodoma e de Gommorrha. Abrahão retirou-se para a terra de Ca-

naan (\*). A fertilidade do valle de Siddim causou talvez a ruina de Lot; o terreno era bituminoso e cheio de vertentes de petroleo, e por isso facil de inflammarse; o que realmente aconteceu, ou por effeito dos fogos subterraneos, ou como diz a Escripura, fazendo Deos cair sobre Sodoma e Gomorrha uma chuva de enxofre e de fogo, que o Senhor fez descer do Ceu (\*\*). Todo o valle se abateu, e sobre elle appareceu um lago, que se chama mar morto, do qual se tira o asphalto. Lot escapou da destruição d'este paiz retirando-se para Segor.

A familia de Abrahão não adorava muitos deoses, como outros povos da antiguidade; cria pelo contrario que não havia mais de um, de baixo de cuja protecção se julgava especialmente collocada. Os Abrahamitas adoravam este Deos sob a invocação de Jehovah, nome tão venerado e acatado, que nenhum Judeo se expunha a pronuncia-lo com medo de peccar; só ao summo sacerdote era permittido faze-lo. A confiança de Abrahão n'este Deos protector era tão illimitada, que na crença de que Jehovah exigia d'elle o sacrificio de seu filho Isaac, não hesitou um momento em offerece-lo em holocausto. Porém Deos impediu esta acção, porque não queria uma victima, senão um coração puro e uma vida piedosa (\*\*\*). Viveu pois Isaac, e como seu

---

(\*) Gen., cap. 13, v. 8 a 12.

(\*\*) Gen., cap. 19, v. 24.

(\*\*\*) Gen., cap. 22.º, v. 2 a 12.

pai, seguiu a vida de pastor; ainda que Moysés conta que semeára um campo d'onde recolheu ricas colheitas. Teve Isaac dois filhos, Esaú ou Edon, e Jacob ou Israel, que depois foram troncos de seus proprios povos (\*).

Jacob ou Israel teve doze filhos; os mais velhos cuidavam dos rebanhos enquanto os dois mais moços, José e Benjamim, ficavam em casa para fazer companhia a seu velho pai; este tambem os distinguia de seus irmãos por diversas maneiras, e ainda mais a José pelo haver tido sendo já velho, e lhe mandou fazer uma tunica de varias côres (\*\*). Seus irmãos pois vendo que seu pai o amava mais do que a todos os outros, aborreciam-no, e não podiam fallar-lhe com brandura. Parece tambem que José se conduzia mal com seus irmãos, irritando-os com certos contos, que lhes referia para humilha-los, ou revelando suas faltas; o certo é que um dia, vendo os irmãos de José que este vinha só, cheios de raiva e de ciumes, quizeram mata-lo; porém Ruben, seu irmão mais velho, aconselhando que o lançassem dentro de uma cisterna, salvou-lhe a vida, — porque a cisterna estava vazia. Depois tendo-se sentado para comerem viram uma cafila de Madianitas,

---

(\*) Abrahão, Isaac e Jacob foram venerados pelos Judeus como seus progenitores, ou fundadores, ou, conforme o sentido da palavra grega, como patriarchas da sua raça.

(\*\*) Gen., cap. 37, v. 3, 4.

que passava ; tiraram então o menino da cisterna e venderam-no aos Ismaelitas, que o levaram para o Egypto, onde o venderam a Putifar, eunuco de Pharaó e general das suas tropas (\*).

Tudo devia ser novo para o filho do pastor israelita. Foi-lhe mister observar e ouvir muitas cousas em um paiz onde florescia a agricultura, e onde os homens habitavam em casas feitas de pedra, trajavam sedas e comiam em baixellas de ouro e de prata, e onde enfim um Rei, cercado de grande comitiva, governava um grande territorio. José tinha achado graça diante de seu senhor, porém novos infortunios vieram despertar a sua piedade e gratidão. Ora, José era mui gentil de rosto, e sua ama lançou olhos de concupiscencia sobre elle ; porém a sua resistencia mudou o amor em odio, e foi accusado perante Putifar de uma acção abominavel, de que era innocente. O credulo marido o fez metter em uma prisão, onde se achavam tambem o copeiro e o padeiro do Rei ; uma mesma noite tiveram ambos um sonho que José explicou, e a sua predicção realisou-se ; o padeiro foi enforcado e o copeiro perdoado. Passados dois annos teve o Rei o sonho das sete vaccas gordas e das sete vaccas magras, das sete espigas gradas e formosas e das sete espigas chupadas (\*\*).

Pharaó ficou cheio de susto ; e tendo mandado logo pela manhã buscar todos os advinhos,

---

(\*) Gen., cap. 37, v. 18 a 38.

(\*\*) Gen., cap. 39 e 40.

e todos os sabios do Egypto, contou-lhes o seu sonho ; e não se achou ninguem , que lh'o interpretasse. Então o copeiro-mór, lembrando-se de José, contou ao Rei o que tinha passado na prisão ácerca do seu sonho e do padeiro, cujas predicções se tinham realisado. Logo por ordem do Rei foi José tirado do carcere e levado á sua presença. Expoz o Rei o sonho, que José explicou dizendo, que as sete vaccas gordas e as sete espigas gradas denotavam sete annos de fertilidade, e que as sete vaccas magras e as sete espigas chupadas denotavam outros sete annos de esterilidade; accrescentando depois o conselho de recolher e guardar durante os annos de abundancia o trigo necessario para o tempo da fome. A explicação e o conselho agradaram de tal fórma ao Monarcha, que logo deu toda a autoridade a José para comprar o trigo de reserva, e nomeou-o Governador sobre todo o Egypto, mandando que todos lhe obedecessem como a segunda pessoa do reino (\*).

Começaram os sete annos de esterilidade segundo a predicção de José ; entretanto a fome crescia todos os dias em toda a terra ; de todas as partes vinham homens ao Egypto a comprar de comer ; e Jacob tendo ouvido que se vendia trigo no Egypto, enviou seus filhos para compra-lo, deixando ficar em sua companhia o mais moço, Benjamim. José reconheceu immediatamente seus irmãos, e com quanto não tivesse

---

(\*) Gen., cap. 41.

máu coração, e fosse pelo contrario generoso e sensível, quiz comtudo, segundo os costumes grosseiros d'aquella epocha, vingar-se d'elles por um stratagemma, em que o narrador hebreo nada acha de reprehensível. José fez pois meter seus irmãos no carcere como espiões, e o terceiro dia fê-los sair, permittindo que voltassem para casa, ficando um de refens, até que trouxessem os outros a Benjamim, que devia servir de prova para verificar a verdade das suas defesas. Os filhos de Jacob voltaram a Canaan, e fizeram a seu pai a narração fiel do que tinha acontecido (\*).

Tendo continuado a fome, os filhos de Jacob tiveram de vir de novo ao Egypto, e trouxeram em sua companhia a Benjamim, cuja separação custou a seu pai muito pesar. Os irmãos chegaram ao Egypto onde se apresentaram diante de José; este, tanto que os viu, e a Benjamim com elles, mandou-os introduzir em sua casa e preparar um banquete. Vindo o comer para a meza foi José servido á parte, e seus irmãos á parte, e os Egypcios, que comiam com elle, servidos tambem á parte, porque os Egypcios tinham em horror os estrangeiros, sobretudo em alto desprezo a casta dos pastores. Depois do banquete mandou José meter nos saccoes d'estes homens quanto trigo elles podessem levar, e o dinheiro de cada um, assim como um copo de prata no de Benjamim com o dinheiro, que

---

(\*) Gen., cap. 41 e 42.

elle tinha dado pelo seu trigo. Apenas tinham saído da cidade quando foram embargados pelo despenseiro de José como ladrões ; porém elles protestando por sua innocencia, juraram que entregariam á morte aquelle em cujo sacco se achasse o copo reclamado, e que os outros ficariam escravos de seu senhor (\*).

Descarregaram elles os saccos em terra, e cada um abriu o seu ; o dispenseiro tendo-os examinado todos, começando desde o mais velho até o mais moço, achou o copo no sacco de Benjamim. Então elles, rasgados os seus vestidos (signal de grande afflicção entre os antigos Judeos), tornaram a carregar os seus burros e voltaram para a cidade. Achando-se em presença de José, este os relevou do seu juramento, e declarou que só Benjamim, em cujo sacco estava o copo, ficaria como escravo ; porém os outros irmãos lhe expuzeram o quanto seu pai amava aquelle filho, e que elles lhe causariam a morte se voltassem sem o menino. José não podia conter mais as lagrimas, e começando a soluçar, disse para seus irmãos : « Eu sou José : vive ainda meu pai ? » Mas seus irmãos lhe não puderam responder, de passados que ficaram de temor. José os tranquillizou, dizendo-lhes que não se affligissem pelo ter vendido, porque para a salvação d'elles e de muitos povos o tinha mandado Deos para o Egypto. Dai-vos pressa a ir-des ter com meu pai, e dizei-lhe, que venha

---

(\*) Gen., cap. 43 e 44.

habitar na terra de Gessen, ao pé de mim, com seus filhos e os filhos de seus filhos, com os seus rebanhos e tudo quanto possue (\*).

Obedeceram pois os filhos de Jacob, e foram ter com seu pai, que, depois de os ouvir, veio habitar na terra, que lhe fôra destinada na fronteira do Egypto, para o lado mais septentrional do mar roxo. Este logar, ainda que paludoso, era em extremo fertil, e continha excellentes campos. A casa d'este patriarcha veio a ser em pouco tempo um grande povo. Esta prodigiosa multiplicação incitou o ciume dos Egypcios. Depois da morte de José, foram logo esquecidos os seus serviços.

Os Egypcios aborreciam os filhos de Israel, e os affligiam com insultos, não só por serem de raça estrangeira, como porque eram pastores. Cresciam entretanto os Israelitas, e como uns renovos se multiplicavam, e feitos em extremo fortes encheram todo o paiz. Quizeram os Egypcios obriga-los a abandonar a vida dos campos para construir cidades, occupando-os como escravos, e por fim levaram a barbaridade a ponto de ordenar a matança dos filhos dos Judeos do sexo masculino no acto de nascerem; cuja tyrannia exacerbou o povo de tal maneira que só lhe faltava um chefe para dirigir as suas forças e derrocar a oppressão. Tendo uma mulher da tribu de Levi parido um filho, e não podendo conserva-lo occulto, tomou um cesti-

---

(\*) Gen., cap. 44 e 45.

nho de junco, meteu n'elle o menino, e expô-lo n'uns canaviaes, que estavam na ribanceira do rio. Foi alli que a filha de Pharaó achou este menino, que ella fez criar, e instruir em todas as sciencias dos Egypcios; o qual adoptou por seu filho, e lhe poz o nome de *Moysés*, dizendo: « porque eu o tirei da agua (\*). »

Entretanto ia Moysés envelhecendo. De quarenta annos despresou as riquezas da côrte, e condoído das infelicidades de seus irmãos os Israelitas, arremeçou-se aos perigos para os pôr em liberdade. Estes, longe de se utilisarem do seu zelo e valor, o expuzeram ao furor de Pharaó, que resolveu desfazer-se d'elle. Moysés se salvou fugindo do Egypto para a Arabia, na terra de Madian, na qual a sua virtude, sempre favoravel aos opprimidos, lhe fez achar um asylo seguro. Este homem abalisado perdendo a esperança de salvar o seu povo, ou esperando melhor occasião, viveu quarenta annos no campo pastoreando os rebanhos de seu sogro Jethro, quando viu no deserto a sarça ardente, e ouviu a voz do Deos de seus pais, que o mandou ao Egypto para tirar seus irmãos da escravidão. Alli apparecem a humildade, o valor e os milagres d'este divino legislador; o endurecimento de Pharaó, e os medonhos castigos que Deos lhe envia; a morte dos primogenitos dos Egypcios; a Pascoa, e no dia seguinte a passagem do Mar Vermelho; Pharaó e os Egypcios envoltos nas aguas e

---

(\*) Exodo, cap. 1.º e 2.º

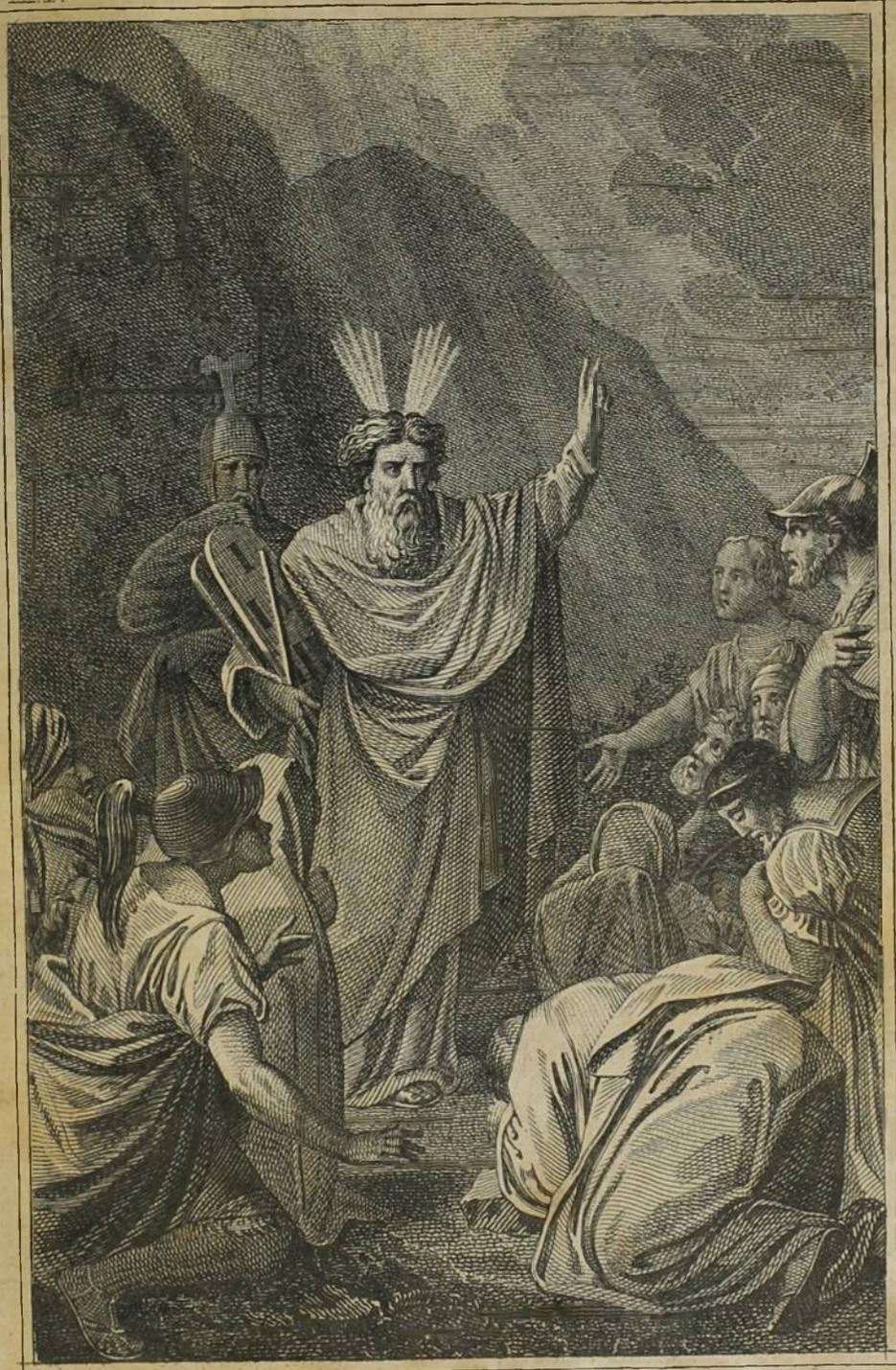
abysmados, depois de haverem os Israelitas passado inteiramente a salvo (\*).

Começam os tempos da lei escripta. Ella foi dada a Moysés quatrocentos e trinta annos depois da vocação de Abrahão, oitocentos e cincoenta e seis depois do diluvio, e no mesmo anno em que o povo hebreo saiu do Egypto. Esta data é notavel, porque nos servimos d'ella para designar todo o tempo, que vai desde Moysés até J. C. Todo este tempo é chamado o tempo da *lei escripta*, para o distinguir do antecedente, que se chama o tempo da *lei natural*, em que os homens, para se governarem, não tinham mais do que a rasão natural, e as tradições de seus maiores.

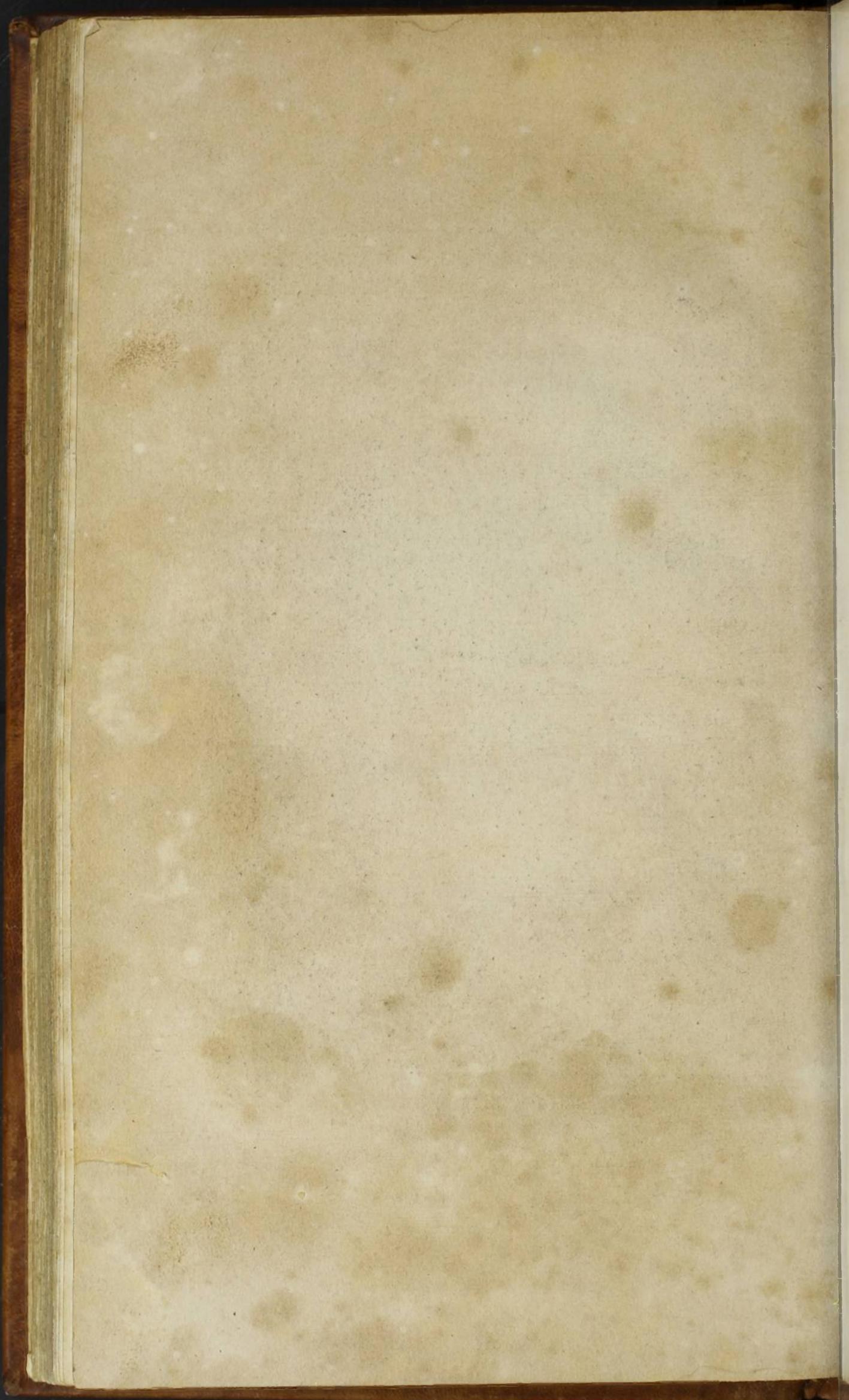
Moysés conduziu então o seu povo pelo interior, dando uma volta para chegar a Canaan; fugindo assim das costas do mar, onde moravam os Philisteos, povo guerreiro e audaz, em quanto os filhos de Israel, aviltados pelo despotismo e escravidão, se tinham tornado timidos e fracos, apesar de extremamente tenazes e obstinados; tanto assim que Moysés tinha que soffrer suas murmurações a cada passo, e de fazer novos prodigios para tranquillisa-los. Os Israelitas, até então povo de pastores errantes, continuaram n'esta vida durante a passagem do deserto; demoravam-se sempre que achavam bons pastos, e d'esta arte gastaram quarenta annos para percorrer um caminho de duzentas

---

(\*) Exodo, cap. 3.º a 14.º



MOÏSÈS



leguas pouco mais ou menos. Para conter a esta multidão infrene era mister uma legislação apropriada ; Moysés promulga as leis fundamentaes, que tinha recebido no alto do monte Sinai no meio dos relampagos e dos trovões repetidos pelo echo dos abismos ; quero dizer, o Decalogo, ou os dez Mandamentos, que encerram os primeiros principios do culto de Deos, e da sociedade humana (\*).

Dicta igualmente Moysés os outros preceitos, pelos quaes estabelece o Tabernaculo, figura do tempo futuro ; a Arca, em que Deos se mostrava presente pelos seus oraculos, e onde estavam guardadas as taboas da Lei ; cria o summo Sacerdocio, ou o Pontificado, na pessoa de seu irmão Aarão e nas de seus filhos ; prescreve as ceremonias da sua sagração e a fôrma de seus vestidos mysteriosos ; as funcções dos outros sacerdotes, filhos de Aarão ; as dos Levitas com outras ceremonias da religião ; e o que ha de mais bello, as regras dos bons costumes, a policia e o governo do seu povo. Eis-aqui o que ha de mais notavel na epocha da lei escripta. Depois d'isto vemos a jornada seguida, que o povo fez pelo deserto até chegar á terra da promissão ; as revoltas, as idolatrias, os castigos, as consolações do povo de Deos ; a sagração de Eleazar, soberano Pontifice, e a morte de seu pai Aarão ; o zelo de Phinças, filho de Eleazar ;

---

(\*) Exodo, cap. 15 a 20.

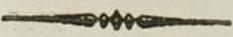
e o sacerdocio confirmado em seus descendentes por uma promessa particular (\*).

Quasi no fim da jornada do povo de Deos pelo deserto vemos começar as guerras, que se tornam felizes pelas orações de Moysés. Elle morre, e deixa aos Israelitas toda a historia da sua vida, que elle mesmo tinha composto com o maior esmero, principiando desde a origem do mundo até o tempo da sua morte. Esta historia foi continuada por mandado de Josué, e dos seus successores. Dividiram-na depois em diferentes livros; e d'aqui vem o livro de Josué, o livro dos Juizes, e os quatro livros dos Reis. A historia que Moysés tinha escripto, e em que se continha toda a lei, foi igualmente repartida em cinco livros, que se chamam Pentateuco, e que são o fundamento da Religião. Depois da morte d'este homem celebre, o mais sabio e profundo legislador que se conhece, temos as guerras de Josué, a conquista e divisão da Terra Santa, e os levantamentos do povo, castigado e restabelecido por diferentes vezes. Alli vemos as victorias de Othoniel, que o livra da tyrannia de Chusan, Rei da Mosopotamia, e oitenta annos depois a de Aod sobre Eglon, Rei de Moab (\*\*).

---

(\*) Exodo, cap. 21 a 40. Levitico, cap. 8.º

(\*\*) Juizes, cap. 1 a 3.



---

---

**CAPITULO XIII.**

**Samsão. Saul. David. Salomão.**

Os Israelitas ingratos tornam a cair na escravidão. Jabin, Rei de Canaan, os sujeita; mas Débora, a Prophetisa, governadora do povo, e Barac, filho de Abinoem, derrotam Sizara, general dos exercitos d'este Rei. Trinta annos depois Gedeão, victorioso sem dar batalha, persegue e põe em derrota os Madianitas. Abimelec, seu filho, usurpa a autoridade matando seus irmãos, governa como um tyranno, e a perde enfim com a vida. Jephté ensanguenta a sua victoria por um sacrificio, que se não pôde desculpar senão por uma ordem occulta de Deos, sobre a qual não foi servido declarar o seu fim, nem dar-nos a conhecer os seus juisos (\*).

---

(\*) Juizes, cap. 4 a 11.

O que se observa na historia sagrada é com effeito mui notavel a todos os respeito: a força prodigiosa de Samsão, e a sua espantosa fraqueza; Eli, soberano Pontifice, veneravel pela sua piedade, e desgraçado pelo crime de seus filhos; Samuel, juiz inculpavel, e propheta escolhido de Deos para sagrar os Reis; Saul, primeiro Rei do povo de Deos, suas victorias, sua presumpção em sacrificar sem Sacerdotes, sua desobediencia mal desculpada com o pretexto de religião, sua reprovação, e sua queda funesta. Porém, não anticipemos os factos, e vamos por partes.

A força extraordinaria de Samsão passou, e ainda hoje, em proverbio entre os homens. Conta-se d'elle, no livro dos Juizes que despedaçara um leão, fazendo-o em quartos como se fôra um cabrito, e que em Ascalon matara trinta homens, e lhes tirara os vestidos. Ora, os Philisteos dominavam em toda a Judéa, e os Israelitas não podiam desfazer-se dos seus oppressores; porém Samsão lhes fazia todo o mal que podia. Depois de ter posto fogo ás searas dos Philisteos, matou mil com a queixada de um burro; levou ás costas as portas de Gaza, e fez cair em cima de si o templo de Dagon, onde se achavam todos os Principes dos Philisteos, e algumas tres mil pessoas de um e outro sexo. Entretanto o homem forte por excellencia foi duas vezes arrastado a sua ruina pela fraqueza com que cedia ás meiguices das mulheres (\*).

---

(\*) Juizes, cap. 14-15-16.

Depois da morte de Samsão os Philisteos voltaram de novo sobre a Judéa; os Israelitas foram batidos em duas batalhas, e a Arca foi tomada, e mortos os dois filhos de Heli, Ofni e Phinéas. Foi na epocha de todos estes desastres que appareceu Samuel, exhortando o povo, e livrando a Israel das mãos dos Philisteos; as cidades que estes tinham tomado, desde Accaron até Geth, foram restituídas com todas as suas terras. E Samuel não cessou de julgar a Israel, durante todo o mais resto da sua vida. Tendo Samuel chegado aos annos da velhice, constituiu por Juizes de Israel a seus filhos; mas elles não andaram pelos caminhos do pai, antes pelo contrario se deixaram corromper da avareza, e perverteram os Juizos. Tendo-se pois ajuntado todos os anciãos de Israel, vieram ter com Samuel, e lhe pediram um Rei, que os julgasse na paz e os dirigisse na guerra, assim como praticavam todos os povos visinhos; persuadidos de que a victoria, que alcançavam, era devida a que um só chefe os conduzia (\*).

Em vão lutou Samuel contra este olvido das antigas leis de Moysés, segundo as quaes Jehovah unicamente era o Deus e o Rei invisivel dos Judeos. Instado novamente pelo povo, foi obrigado a ceder, e escolheu a Saul para Rei. Filho de um dos pastores da mais pequena tribu de Israel, Saul devia lembrar-se todos os momentos da baixeza da sua origem, para não suppôr-se

---

(\*) Reis, L. 1.º, cap. 1 a 8.

verdadeiro Rei, quando pelas instituições de Moysés Jehovah era o unico soberano, em nome do qual governava o summo Sacerdote. Saul era um bello mancebo, de agradavel presença, que soube grangear a benevolencia do povo por uma serie de accões heroicas, e pela corajosa resistencia que oppoz aos inimigos; tanto assim que foi reconhecido Rei por aclamação. Porém Samuel, que em qualidade de propheta queria, como antes, governar em nome de Jehovah, foi o primeiro a pronunciar-se contra Saul, porque este queria ser Rei e recusava obedecer-lhe; e declarou que Deos o regeitava (\*).

Com effeito, ungiu Samuel em segredo a David, descendente da poderosa tribu de Judá, para vir a ser futuro Rei. Saul tornou-se desconfiado e melancolico, principalmente pelos elogios que David começou a merecer depois de haver morto com um tiro de sua funda o Philisteo Goliath. Vendo Saul que o amor do povo ia-se todo para David, começou a ter-lhe odio. Debalde procurava David aquietar suas suspeitas, infundindo-lhe a maior confiança pelo seu respeito e devoção, porque quanto mais se esforçava em mitigar os accessos da colera de Saul, tanto mais se acendiam os zelos, que lhe roiam o coração. Finalmente Saul determinou desfazer-se do seu rival, e para melhor occultar as suas intenções, collocou-o muitas vezes á frente das suas tropas, julgando que assim

---

(\*) Reis, L. 1.º, cap. 9 a 15.

promptamente acharia a morte onde buscava a gloria. Porém David, preservado pela bondade de Deos, escapou de todos os perigos, de maneira que Saul resolveu definitivamente mata-lo a todo custo.

Jonathas, filho de Saul, se tinha ligado em amizade com David; e fallando-lhe seu pai para que matasse a David, veiu avisa-lo do que se passava, e pedir-lhe que se escondesse por algum tempo; entretanto que buscava por todos os meios reconcilia-los. Porém uma nova victoria de David sobre os Philisteos veiu reanimar os zelos de Saul. David se retira para o deserto, onde o persegue Saul; e finalmente estando David escondido na cova de Engaddi, entrou Saul n'ella só, e adormeceu; David, que o tinha em suas mãos, pôde mata-lo; mas absteve-se d'esta acção, cortando apenas a ponta do vestido de Saul, com a qual saiu da cova logo que o Rei se levantou, e gritando lhe disse: « porque dás ouvidos aos que te dizem: David intenta fazer-te mal? » Saul então conhece a innocencia de David.

Todavia David avaliando o character desconfiado de seu sogro (porque era casado com uma filha de Saul), retirou-se para as fronteiras da Judéa. E não foi sem razão que assim obrou, porque Saul sem causa conhecida armou outro exercito, cujo mando confiou a Abner, e marchou contra David: porém este entra de noite na tenda do Rei, e lhe leva a sua lança e o seu copo. Saul reconhece de novo a innocencia de David; o

qual sempre reccioso abandonou então as fronteiras da Judéa. — Saul retirou-se cheio de confusão e de arrependimento, e quando os Philisteos vieram contra elle, saiu-lhes ao encontro com todo o pesar dos sinistros presagios de uma Pythonissa, a quem tinha consultado. Saul combateu sem coragem; o seu exercito foi destruido, Jonathas e seus dois irmãos morreram na batalha, e Saul deixou-se cair sobre uma espada, dando assim cabo da vida (\*).

A tribu de Judá, a que pertencia David, o proclamou Rei; porém as outras onze tribus reconheceram e proclamaram Isboseth, filho de Saul, que foi sustentado por Abner, antigo e famoso general de seu pai; varias pelejas se travaram entre os exercitos de David e de Isboseth, até que por fim, morto este, foi David ungido Rei sobre todo o Israel. A primeira empreza d'este grande Rei foi sujeitar os Jebuseos, povo independente, que habitava no centro da Palestina. Tomou depois Jerusalem; e na fortaleza de Sião estabeleceu a sua residencia. Por guerras felizes foi estendendo as suas conquistas sobre os Philisteos até as fronteiras do Egypto; e pela submissão da Idumea até o golfo Arabico. Ao oriente chegou até o Euphrates, e ao norte penetrou no centro da Syria, tornando-se assim poderoso e rico por muitos povos reunidos e pelos despojos dos vencidos. David deu tambem mais esplendor e solemnidade ao culto divino;

---

(\*) Reis, L. 1.º, cap. 16 a 31.

instituinto os canticos publicos no templo de Sião, para o que compoz elle mesmo os mais bellos hymnos (\*).

David não foi isento de peccados; teve muitos defeitos e commetteu crueldades, que lhe trouxeram muitos desgostos e pesares, e de que fez longas e dolorosas penitencias. Tambem soffreu muitos desgostos por causa de sua propria familia. Absalom seu filho, fez matar a seu irmão Amnon; David lhe perdoou, porém tendo escolhido a Salomão para succeder-lhe no throno, Absalom resentido sublevou o povo e obrigou o Rei a fugir de Jerusalem. Joab, general de David, combate a Absalom, e derrota as suas tropas no bosque de Efraim. Absalom fugindo fica pendurado pelos cabellos de uma arvore, onde o encontrou Joab e atravessou com tres lanças. David chorou amargamente a morte de seu filho (\*\*).

Ainda em sua vida fez David ungir a Salomão Rei de Israel; e estando proximo da morte deu elle ao novo Rei os seus ultimos conselhos. Salomão, sabio, justo e pacifico no principio do seu reinado, foi julgado digno de edificar o Templo de Deos. Foi pouco mais ou menos pelos annos 3000 do mundo, 488 depois da saida do Egypto; e para accomodar os tempos da historia sagrada com os da profana, 180 annos depois do incendio de Troia, 250 antes

---

(\*) Reis, L. 2.º, cap. 1 a 10.

(\*\*) Reis, L. 2.º, cap. 11 a 19.

da fundação de Roma, e 1000 antes de J. C., que Salomão acabou aquelle sumptuoso edificio. Celebrou a dedicação d'elle com uma piedade, e uma magnificencia extraordinaria. Esta acção tão celebre é acompanhada com outras maravilhas do seu reinado, fortificando Jerusalem, emprehendendo a navegação do golfo Persico, enriquecendo o paiz com o ouro de Ophir, e com outras cousas preciosas, com que se fizeram os Israelitas summamente ricos e poderosos (\*).

Porém Salomão acabou no meio das mais vergonhosas fraquezas; feiamente entregue ao amor de mulheres, o seu espirito perde a sua energia, o seu coração todo o seu vigor, e a sua piedade degenera na idolatria. Deos justamente escandalizado o tem poupado em obsequio a David seu servo; mas sem deixar inteiramente impune a sua ingratição, reparte o seu reino depois da sua morte, e no tempo de seu filho Roboão. O orgulho brutal d'este Principe na flôr dos annos lhe fez perder dez tribus, que Jeroboão separou do seu Deos e do seu Rei. Receiando que ellas não tornassem para os Reis de Judá, prohibiu que fossem sacrificar ao templo de Jerusalem, e levantou bezerros de ouro, a quem deu o nome do Deos de Israel, para que não estranhassem tanto a mudança. Pela mesma rasão conservou a lei de Moysés, que interpretou a seu gosto; a excepção de tudo o

---

(\*) Reis I. 3.º, cap. 1 a 10.

que era policia, tanto civil como religiosa, porque a este respeito era exactissimo; de sorte que o Pentateuco ficou sempre na maior veneração entre as dez tribus separadas. (\*).

Assim é que se levantou o reino de Israel contra o reino de Judá. No de Israel triumpharam a impiedade e a idolatria. A religião, muitas vezes escurecida no de Judá, nem por isso deixou de se conservar n'elle. N'este tempo os Reis do Egypto eram poderosos. Os quatro reinos tinham sido reunidos debaixo do de Thebas. Assenta-se no dia de hoje que Sesostris, aquelle famoso conquistador dos Egypcios, é o Sesac, Rei do Egypto, de quem Deos se serviu para castigar a impiedade de Roboão, despojando o Templo de Jerusalem. No reinado de Abião, filho de Roboão, vemos a famosa victoria, que a piedade d'este Principe lhe alcançou contra as tribus, que se tinham separado. Seu filho Asa, cuja piedade é engrandecida na sagrada Escrip-tura, alli mesmo é notado como um homem, que nas suas doenças se fiava mais no soccorro da medicina, que na bondade de Deos. No seu tempo Amri, Rei de Israel, edificou Samaria, onde estabeleceu a sua Côrte (\*\*).

Segue-se o reinado admiravel de Josafat, em que florecem a piedade, a justiça, a navegação e a arte militar. Emquanto mostrava no reino de Judá outro David, Acab e sua mulher Jesabel,

---

(\*) Reis, L. 3.º, cap. 11 a 13.

(\*\*) Reis, L. 3.º, cap. 14 e 15.

que reinavam em Israel, ajuntavam á idolatria de Jeroboão todas as impiedades dos Gentios. Ambos morreram desastadamente. Deos, que tinha supportado suas idolatrias, resolveu desafrentar sobre elles o sangue de Naboth, que tinham feito morrer, só porque elle, seguindo a lei de Moysés, não quiz alienar para sempre a herança de seus pais. O propheta Elias lhes foi intimar a sentença da parte de Deos pela sua mesma bocca. Acab foi morto algum tempo depois, apesar de todas as cautellas para vêr se escapava (\*).

Finalmente foram tantas e tão grandes as abominações d'estes dois povos, que muitas vezes se reuniam os Israelitas com os estrangeiros para attacar os de Judá, e estes por seu turno faziam outro tanto. As guerras e as divisões intestinas duraram d'esta sorte muitos seculos, até que Israel, setecentos e vinte annos antes de J. C., passou pelo jugo de Salmanasar, poderoso Rei da Assiria. As dez tribus, em que se tinha apagado o culto de Deos, foram transportadas para Ninive; e dispersas entre os Gentios, se vieram a sumir de tal sorte que nem vestigios d'ellas se poderam descobrir. É verdade que restaram alguns, que se misturaram com os Judeos, e que fizeram uma pequena parte do reino de Judá (\*\*).

Este exemplo não foi bastante para conter a

---

(\*) Reis, L. 3.º, cap. 16 a 22.

(\*\*) Reis, L. 4.º, cap. 1 a 17.

impiedade dos Judeos. O santo Rei Josias pela sua humildade profunda suspendeu por algum tempo o castigo que o seu povo merecia ; mas o mal foi a peor no reinado de seus filhos. Nabuchodonosor II, mais terrivel que seu pai Nabopolassar, lhe succedeu no throno : este Principe educado no orgulho e arrogancia, sempre exercitado na guerra, fez conquistas prodigiosas no oriente e occidente, e Babylonia na sua elevação parecia querer engolir o mundo todo : ameaçava, e suas ameaças tiveram logo o seu effeito a respeito do povo de Judá. Jerusalem foi abandonada nas mãos d'este soberbo vencedor, que por tres vezes se assenhoreou d'ella, e a teve debaixo do seu jugo : a primeira no principio do seu reinado, e no quarto anno do reinado de Joakim, onde começam os setenta annos do cativo de Babylonia assignados pelo propheta Jeremias (\*); a segunda debaixo de Jachonias ou Joachin, filho de Joakim ; e a terceira e ultima debaixo de Sedecias, em que a cidade foi, não só arrasada, mas arrancada de seus fundamentos, seiscentos annos antes de J. C., o Templo reduzido a cinzas, e o Rei levado cativo a Babylonia com Saraia, soberano Pontifice, e a melhor parte do povo (\*\*).

Foi no anno 530 antes de J. C., depois dos setenta annos do cativo de Babylonia, que

---

(\*) Jeremias, cap. 25., v. 11 e 12. Cap. 29., v. 10.

(\*\*) Reis, L. 4.º, cap. 22 a 25. — Paralipomenos, L. 2.º, cap. 36.

Cyro, fundador do imperio dos Persas, permitiu aos Judeos voltarem para sua patria, e decretou o restabelecimento do Templo. Logo depois da publicação d'este decreto, Zorobabel levando consigo Jesus, filho de Josedec, soberano Pontifice, conduziu os cativos, que reedificaram o altar, e lançaram os fundamentos do segundo Templo, onde Esdras e Nehemias restauraram as leis de Moysés e o culto divino. Os Samaritanos, ciosos da sua gloria, quizeram ter parte n'esta grande obra, mas os filhos de Judá, que detestavam a mistura do seu culto os não quizeram admittir. Os Samaritanos, escandalizados por esta negativa, separaram-se de uma vez, e foram edificar um novo templo sobre o monte de Garisim, perto de Samaria (\*). Desde esse tempo um odio implacavel se estabeleceu entre os Judeos e os Samaritanos, cuja seita ainda se conserva com todos os preconceitos da sua raça (\*\*).

A Palestina foi de novo conquistada por Alexandre Magno no anno 333 antes de J. C., e depois da sua morte passou a ser provincia do

---

(\*) Esdras, L. 1.º, cap. 1 a 5.

(\*\*) Já dissemos, que ainda existem em duas pequenas villas da Palestina restos d'esses austeros crentes Samaritanos; serão pouco mais de dusentas almas repartidas em trinta familias. Como estão em completa separação de todos os outros povos, e mesmo dos seus antigos co-religionarios, vivendo sob o peso de uma cruel oppressão, é provavel que não passem muitas gerações sem que esta raça desapareça inteiramente.

Egypto ; porém cruelmente tratada pelos Egypcios entregou-se aos Syrios, que então formavam um poderoso imperio. Por estes tempos a Religião e a nação judaica principia a fazer-se conhecida entre os Gregos ; e como era bem tratada pelos Reis da Syria, vivia em descanso á sombra de suas leis. Dois seculos antes de J. C., reinando Antioco, o Illustre, principiaram as perseguições dos Judeos ; ameaçados de verem arruinar o Templo, e destruir as leis de Moysés, começou a apparecer a resistencia, e finalmente libertaram-se do dominio dos Syrios, constituindo-se independentes debaixo do governo dos seus proprios Principes os Machabeos, cento e sessenta e oito annos antes de J. C. Pouco tempo durou esta prova da clemencia de Deos em favor do seu povo ; novos crimes, novas impiedades trouxeram o povo dividido em sedições e guerras civis, até que um seculo depois, pouco mais ou menos, ou no anno 60 antes de J. C., Pompeo sujeitou a Judéa e a reduziu a provincia romana.

Deixaremos para outro logar a epocha do nascimento de J. C. — Setenta annos depois, debaixo do reinado de Vespasiano, foi Jerusalem saqueada e queimada, e os Judeos levados ao ultimo aperto, dispersos por toda a parte, perseguidos como inimigos de Deos e dos homens, e considerados como uma raça maldita, cujo sangue não era bastante para applacar a ira do Ceu. Ainda hoje os seus descendentes, errantes pelas quatro partes do mundo, são o objecto

de todos os preconceitos populares, quando não de atrozes perseguições, como ultimamente em Damasco (\*). Felizmente nos paizes civilizados da Europa e da America esses preconceitos tem

---

(\*) A historia do genero humano contém muitas loucuras e desvarios, ou verdadeiramente é um tecido de atrocidades e de crimes, que faria pouca honra aos tigres e aos leões, se vissem em sociedade. É quasi impossivel conceber como o coração do homem chegue a impedernir-se de tal modo, que se faça um dever de perseguir aos seus semelhantes. Sem embargo tal é a nossa condição miseravel depois da maldição que pesou sobre toda a nossa raça. — Nenhum povo foi mais intolerante que o de Israel; assim como nenhum tambem foi mais perseguido d'esde os primeiros tempos até os nossos dias. Depois de todas as perseguições que soffreu dos Egyptios, dos Assyrios, e dos Romanos; ainda depois do christianismo, o tem sido com mais furor por todos os povos modernos. — Basta lêr as cartas do Bispo Ozorio a El-Rei D. Manoel para vêr até que ponto foram os Judeus perseguidos em Portugal; os nomes de Torquemada e de Cisneros recordam todo o horror das fogueiras, que consumiram milhares d'esses infelizes na Hespanha; depois de mil atrocidades, de horrores inauditos, de assassinatos em massa, foram expulsos de Inglaterra no reinado de Eduardo I; em Vienna, no tempo do Imperador Frederico, foram queimados tresentos de uma só vez, accusados falsamente de um supposto assassinato. Finalmente todos os povos pareciam conspirados contra esta raça infeliz, que por toda a parte levava consigo o sello da reprobção. O seculo xviii com a sua tolerancia tinha feito adormecer grande parte d'este exaltamento, e ninguem pensaria hoje em reproduzir semelhantes scenas na Europa Occidental. Todavia para mais opprobrio da nossa especie um novo facto vem

ido a menos, e talvez se percam de todo, quando

---

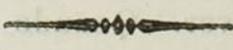
alongar esta cadeia de perseguições, que parece interminavel; ei-lo :

Damasco é uma das mais ricas cidades da Syria, onde os Judeus possuem grandes riquezas e uma população de 30 mil almas. Desappareceu de repente do convento, que os Capuchos tem n'aquella cidade, o guardião, chamado Frei Thomaz, e um criado que o servia. Feitas as indagações necessarias sobre a causa d'este desapparecimento, constou que tanto o guardião como o criado haviam sido assassinados, e attribuiu-se o crime aos Judeus. É facil de comprehender o horror, que uma tal descoberta devia excitar no animo d'aquelles que por interesse, assim como por dever de religião, aborreciam os Israelitas desde o berço. Á imputação de um crime succederam-se mil. Cada um se lembrou de varias pessoas, que tinham desapparecido em diferentes annos pela occasião da Pascoa dos Judeus; e todos estavam inclinados a crer que todas ellas haviam sido victimas da superstição d'aquelle povo fanatico, ao qual se attribuia o horrivel costume de sacrificar todos os annos alguns christãos, por precisarem do sangue d'estes para a celebração dos seus detestaveis mysterios. Foram presos portanto sete dos mais ricos Israelitas, que mettidos a tormento confessaram a realidade do crime; só dois Rabinos, dos quaes se pretendeu extorquir pelo mesmo meio a mesma confissão, se conservaram firmes, e nenhuma revelação fizeram. Pedia-se em altos gritos a exterminação de todo o povo Judaico. Os desgraçados não tinham uma unica voz, que ousasse erguer-se em seu favor. Quando as cousas estavam n'esta figura, uma revelação importante veio lançar um raio de luz n'este mysterio de sangue. A cousa é em si mesma tão horrorosa, e o character do Vice-Rei do Egypto apparece n'ella debaixo de côres tão negras,

a liberdade de consciencia fôr considerada inteiramente como o primeiro attributo do homem.

---

que se não pôde dar fé implicita ao que os jornalistas tem publicado a este respeito. Pretende-se que se descobriram os verdadeiros assassinos de Fr. Thomaz, e que estes declararam que o crime fôra commettido por ordem de Mehemet-Ali; que este Principe vendo o seu thesouro exaurido, e achando-se a braços com uma guerra, que consome grandes recursos, não achou outro meio para sair do apuro, em que se via, senão apoderando-se das grandes riquezas dos Judeus de Damasco; mas que tendo necessidade para este fim de um pretexto que os tornasse odiosos, se lembrára do assassinio de Fr. Thomaz, como do meio mais natural de conseguir o seu horrivel designio. Esta imputação parece tão calumniosa como a de que são victimas os Judeus. — Como degradar o homem a este ponto!! Seria possível que o heróe do Oriente, que o grande homem, que o reformador, chegasse a esse estado de baixesa e de infamia, para commetter o mais horrivel de todos os crimes na pessoa de tantos innocentes? Não é possível acredita-lo. — Entretanto tem-se erguido uma voz geral em toda a Europa a favor d'aquelles infelizes, cujo echo deve chegar á Syria para provar ao mundo, que a civilisação e a tolerancia são os unicos meios de discriminar os homens dos brutos!



---

---

**CAPITULO XIV.****A Navegação.**

O genio do homem não podia crear cousa mais interessante, nem a arte produzir machina tão estupenda e complicada como uma embarcação de guerra ou mercante de alto bordo. A admiração nos surprehende quando examinamos as diversas partes, de que se compõe um todo tão maravilhoso, pela arte com que estão combinadas; ainda mais nos devem assombrar os meios de que o homem se serviu para conduzir com habilidade e precisão estas machinas sobre um elemento tão instavel como a agua. Para chegar ao estado, em que a navegação se encontra hoje, era mister uma serie de invenções, de trabalhos, de modificações e de experiencias, que só o tempo poderia produzir. De todas as artes que nasceram com as sociedades humanas, aperfeiçoadas por uma pratica não interrompida,

é talvez a navegação aquella cujos progressos tem sido mais lentos. Passaram-se cincoenta e tres seculos antes da invenção da bussola, que abriu o caminho dos grandes mares, e cincoenta e oito antes que o emprego do vapôr viesse emancipar a marcha dos navios da dominação dos ventos.

Com effeito para construir uma d'essas machinas é necessario deitar abaixo grandes arvores (\*),

---

(\*) Para saber-se quanto custa conservar uma grande marinha é mister recorrer aos pormenores do seu fabrico. São necessarias, para construir uma náu de 74 peças, duas mil arvores de primeira grandesa, tendo cada uma de peso uma tonelada maritima. Ora trinta e cinco d'essas arvores occupam a superficie de um *acre* inglez, ou pouco mais ou menos oitenta e sete arvores em cada *hectare* (medida franceza de cem metros quadrados, sendo o metro a decima millionesima parte do meridiano terrestre). Portanto, para uma só náu, é necessario o córte de madeira escolhida, que comprehenda um terreno de 23 *hectares*, para cujo crescimento e perfeito estado de córte é preciso um seculo. Ora, em 1810, os Inglezes possuíam uma esquadra de 266 náus de linha; haviam logo 532:000 arvores transformadas em náus, ou 6:115 *hectares* de matas destinadas unicamente para este fim. Além d'estas náus tinham os Inglezes n'aquella epocha 293 fragatas e outras embarcações de guerra de menor porte, que por este calculo necessitaram para a sua construcção de 41:531 *hectares* ou 21 leguas quadradas de matas. E como os navios de guerra duram apenas vinte annos, para ter uma similhante esquadra em estado permanente seriam precisas 105 leguas quadradas de bosques em madeiras de construcção para regular o córte no fim de um seculo

de madeira forte, a que chamamos de lei; serras ou corta-las em dimensões proporcionadas; ligar depois estas pranchas e vigas por meio de pregos, gatos de ferro ou de bronze, e cavilhas; calcular o peso especifico do material para conhecer a capacidade interior, e determinar a carga que possa levar; alcatroar, abetumar as costuras do costado para impedir a infiltração d'agua; dividir o espaço interior para accommodação da carga, ou das munições de guerra e de bocca, do armamento e da tripulação. É mister tambem collocar os mastros, as vergas, o cordame, as vélas, de modo que tudo isto se mova, á excepção dos mastros, e que no meio de uma tempestade mudem de direcção, se encurtem ou se estendam com a precisão conveniente. São indispensaveis os remos para as embarcações pequenas, ou para as lanchas das maiores; é mister um leme para imprimir a direcção a este mecanismo tão pesado; são necessarias grossas ancoras com as suas unhas enormes, que se prendem na vasa, para fixar a machina sobre a superficie das aguas; e finalmente era mister a bussola e o chronometro para separar-se das costas, affrontar o alto mar, andar noite e dia, apesar das tempes-

---

para cada lote. — *N. B.* Este calculo foi extrahido da excellente statistica de Grãa-Bretanha pelo Sr. Moreau de Jonnés, Official superior do Estado Maior em França, e chefe dos trabalhos da statistica geral de França, publicada em 1838 em Pariz. —

tades, das chuvas, dos nevoeiros e do abismo do oceano.

A invenção da bussola e do relógio marinho de pouca utilidade seriam sem os conhecimentos dos corpos celestes, seus movimentos no espaço, suas distancias reciprocas, a divisão do nosso globo, sua fôrma espherica, porém achatada nos pólos e elevada no equador, e tudo o mais que constitue hoje a sciencia do navegante. Estas noções superficiaes das mais importantes partes de um navio, e o enunciado dos conhecimentos indispensaveis para guia-lo atravez de longos e dilatados mares, devem fazer-nos comprehender, que a navegação, no estado em que ella hoje se acha, não é descuberta muito antiga; e que a arte de construir embarcações com a perfeição, que hoje tem, foi melhorada de quatro seculos a esta parte (\*). Porém o que sobre

---

(\*) O começo da marinha Inglesa, cujo poder devia alcançar mais tarde a todos os mares conhecidos, foi bem mesquinho e circumscripto. Os registos do Parlamento de 1443 dão a conhecer o estado da marinha em tempo de Henrique VI. A frota se compunha então de

8 grandes navios com uma só ponte, levando cada um 150 homens de equipagem. . . . .	1:200 h.
8 Barcas, levando 80. . . . .	640 »
8 Balandres, levando 40. . . . .	320 »
4 Pinaças, levando 25. . . . .	100 »

---

28 Navios, levando todos juntos de equipagem 2:260 »

O capitão de cada um d'estes navios era cavalheiro. — A despeza para a provisão de cada homem por dia era calculada á rasão de 32 reis, e a paga ou soldo por mez

tudo deve maravilhar-nos é, como chegaram os homens a este estado de tão estupenda grandeza partindo de um principio tão fragil e tão precario como foi o primeiro tronco que vogou sobre as aguas, ou a primeira jangada.

Á proporção que a especie humana se foi multiplicando, os homens se dispersaram em todas as direcções; chegaram, como é natural, a algum grande rio, que não puderam atravessar a váu; então uns seguiram para cima e outros para baixo até a embocadura; a arte da pesca deve ser consequencia d'este trajecto ao longo dos rios. Acostumados a manterem-se de pescado, buscaram meios de apanha-lo em abundancia; um tronco de arvore que passou fluctuando sobre as aguas, mostrou-lhes o meio de irem assim ao meio do rio, ou de se affastarem das ribeiras; sobre um tronco começaram a pescar, depois atravessaram n'elle os rios; e como fosse incommodo manter-se sobre uma superficie convexa, uniram dois ou mais troncos por meio de liames naturaes e formaram assim a primeira balsa ou jangada. Chegando á embocadura dos rios, a curiosidade levou-os a alguma ilha visinha, e em falta de troncos arrancados pelas correntes, cortaram arvores, ou fizeram-nas cair por meio do fogo; e eis-ahi o primeiro ensaio feito sobre o mar.

---

em 400 reis ( de moeda forte ). — Os mestres de equipagem tinham além disso uma gratificação de 640 reis per mez. Os navios deviam conservar-se no mar entre Chandeleur e Saint-Martin. — *Rol. Parlem.* 5, p. 59, 60. —

Se é fundado o que suppomos, e se os primeiros homens errantes tomaram a direcção do Hoangho, do Ganges e do Indo, e que d'este ultimo passassem depois ao Tigre e ao Euphrates, é tambem de crer que os primeiros ensaios para navegar ou para construir jangadas, se fizessem em differentes paizes e em epochas diversas assim na costa oriental da China, como na meridional do Indo, e sobre o golfo Persico. — D'est'arte, sem conhecer-se o perigo, se fizeram as primeiras incursões sobre o mar. Uma tradição muito antiga refere que o Rei Erythras, ligando muitos páus em fórma de balsas, sobre o golfo Persico, deixou a costa e foi ter a uma ilha visinha.

Duas grandes difficuldades deveram experimentar os primeiros que ousaram lançar-se sobre as aguas: a primeira era dar impulso ao madeiro ou á balsa, sem ser pelo movimento natural das correntes; e a segunda dar-lhe direcção conveniente. Bem difficil será assignar a cada uma sua origem; porém a rasão natural indica como modelos as barbatanas e os rabos dos peixes. O homem observou que o peixe nadava rapidamente, e tomava diversas posições movendo as barbatanas e o rabo, e por uma analogia bem simples adaptou á sua jangada, como especies de barbatanas e de rabo, o que nós hoje chamamos remos e leme; e por meio dos primeiros imprimiu o movimento á sua machina, e pelo segundo deu-lhe a direcção, que quiz. Se recordarmos as fórmas das primeiras embar-

cações dos antigos, veremos que todas ellas tinham a similitude do golfinho, pequeno cetaceo que nada com grande rapidez. Hendrich, um dos mais habéis engenheiros da Hollanda, construiu um navio segundo as proporções da sarda (*scombro*) especie de cavalla pequena de um a dois pés de comprido; este navio era não só mui veleiro como manobrava perfeitamente. Comtudo as jangadas com remos não poderiam servir senão para as aguas mortas.

Bem se vê, que esta maneira de navegar era muito imperfeita e incommoda, porque a agua cubria sem cessar os navegantes, que se achavam expostos sobre uma superficie rasa sem abrigo de nenhum dos lados. — Para obviar este inconveniente lembraram-se de collocar de um e outro lado da jangada outros troncos ou taboas, e de cubri-los com pelles para evitar que a agua penetrasse pelas juntas. O acaso pôde tambem mostrar outro meio mais commodo, e foi o de um tronco ôco de alguma arvore, como ha tantos, que caindo sobre a corrente, fosse levado à vista dos homens; então aproveitaram d'este beneficio da natureza, que acharam commodo, e buscaram outros troncos já cavados, ou cavaram-nos por meio do fogo, como ainda se praticava na America no tempo da conquista (\*).

---

(\*) Uma antiquissima tradição refere que Usus, habitante de Tyro, foi o primeiro que cavou por meio do fogo um grande tronco, e com esta canôa grosseira lançou-se no mar. Tendo sido feliz n'esta temeraria

Porém como nem sempre fosse possível achar troncos de arvores bastante volumosos para formar por si só uma canôa, recorreram então ao expediente de unir varias peças de madeira, dando ao todo a fórma de um grande tronco, e forrando-o com pelles ou com outras materias adherentes, proprias para impedir a introduccão da agua. Esta foi naturalmente a origem da construcção do primeiro barco que existiu.

Attribue-se esta invenção aos Phenicios, povo muito industrioso, que habitava as cidades de Tyro e de Sydonia, na visinhança da Palestina, sobre as costas do Mediterraneo. A necessidade que tinham de viverem nas cidades maritimas, por causa dos differentes povos que habitavam no interior, fez com que os Phenicios procurassem estender suas relações além do estreito circulo em que viviam, na costa limitada do golfo Persico; não é portanto de admirar que fossem elles os primeiros que construissem navios, e que navegassem além d'aquellas praias. Sem embargo, a arte de construir navios não era tão desconhecida, que já na Escriptura se não tivesse feito menção; pois que Noé construiu uma barca, de tal grandeza, que pôde conter toda a sua familia e muitas especies de animaes,

---

empresa, offereceu sacrificios ao fogo e aos ventos; e erigiu-lhes duas columnas em prova de gratidão. Muito tempo depois da extincção da raça d'este primeiro navegante, ainda se faziam sacrificios em honra das duas columnas para memoria de tão importante descoberta.

para salva-los do diluvio. Mas tambem d'esta mesma tradição se pôde concluir, que a arte de construir navios era venerada como cousa extraordinaria, e que não era conhecida, visto que foi Deos quem mandou a Noé fazer a Arca e deu-lhe todas as dimensões que devia ter, e as regras para torna-la habitavel e segura (\*). Se esse pensamento fosse commum, se essa especie de construcção fosse ordinaria, muitos outros homens teriam fabricado barcas com que tambem se teriam salvado.

Depois dos remos e do leme, devia seguir-se a invenção das velas; talvez fossem os mesmos Phenicios os primeiros que se serviram d'ellas, porque foram tambem os primeiros que se separaram das costas; porém, como isto aconteceu, é bem difficil de saber-se; a menos que algum objecto elevado sobre a embarcação, recebendo o impulso do vento, não a fizesse andar mais depressa, e que este acaso servisse de estímulo para usar de velas, que no principio deveriam ser de pelles ou de esteiras, e depois, de qual-

---

(\*) Vendo pois Deus que toda a terra estava corrompida. . . . . disse a Noé. . . . . Faze para ti uma arca de madeira alisada. Farás n'ella uns pequenos repartimentos, e betuma-la-has por dentro e por fóra. *E eis-aqui como a has-de fazer.* Ella terá 300 covados de comprimento, 50 de largo, e 30 de alto. Farás na arca uma janella: e o tecto que a ha-de cubrir, será de um covado. Porás tambem n'ella uma porta a um lado; e disporás um andar embaixo, um no meio, e outro terceiro andar. (Gen., cap. 6.º v. 12-16.)

quer tecido mui grosseiro. Ainda hoje quem tiver viajado pela costa do Orinoco, golfo de Paria ou de Darien, se lembrará de ter visto as canôas dos Indios com sua vela de esteira, ou de um tecido grosseiro de embira.

Os antigos tinham duas classes de navios: uns eram muito mais compridos e esguios, e serviam para a guerra por causa da celeridade da sua marcha; os outros eram mais curtos e redondos, e eram empregados no commercio, por conterem mais espaço para a carga. Estas embarcações não tinham cuberta nem camara, mas estavam providas interiormente de uma bancada ao redor, que servia para os remeiros, ordinariamente cincoenta para cada transporte ou navio de carga; e mais tarde levaram tambem mastros e velas (\*). Á proporção que o

---

(\*) As frotas dos povos antigos, que conquistaram o imperio do Mediterraneo, eram movidas pela força dos remos como as nossas lanchas ou botes; porém tinham mais de uma ordem de remos, ainda que não verticalmente, como se suppõe, senão obliquamente. As Galeras Romanas e Carthaginezas tinham 7 ou 8; as de Alexandre tinham até 12; as de Ptolomeo Soter 15 a 16; e diz-se que Ptolomeo Philopater tinha uma galera de 40 ordens de remos. As Liburnianas de Augusto, que decidiram da victoria de Accio, tinham uma só ordem de remos. Examinando a relação d'esta batalha naval, achamos que cada galera não levava mais de 55 combatentes; porém Herodoto referindo a expedição dos Persas contra a Grecia, diz que cada galera de Xerxes levava 230 combatentes. Nas guerras da Sicilia os Romanos empregavam navios, que levavam 120 sol-

commercio crescia, ou que a guerra foi estendendo seus tropheos pelos mares, tambem os navios foram crescendo em numero e em tamanho; e a uma só ordem de remos ajuntou-se segunda; e depois terceira, quarta, e successivamente até o ponto de haver embarcação, que levava trezentos remeiros. Em logar de ancoras como hoje possuimos, usavam de pedras atadas com cabos, que serviam para o mesmo effeito; ainda hoje em muitas partes das Indias se servem d'essas pedras ou de grossos madeiros em fórma de uma cruz ou de um X. As ancoras de ferro não foram desconhecidas dos antigos; os Carthaginezes e os Romanos as usavam com uma ou duas unhas como as modernas.

Os Phenicios foram tambem os primeiros que navegaram de noite seguindo o rumo das estrellas; elles observaram a Ursa Maior, constellação boreal, que se conservava quasi sempre durante o verão ou o inverno sobre suas cabeças; depois observaram outra constellação mais ao norte, a Ursa Menor, e a tomaram por guia, ainda que as estrellas que a compõe sejam menos brilhantes. Entretanto se o Ceu se cubria de nuvens, já

---

dados e 300 remeiros, e os Carthaginezes tinham galeras com 428 homens de equipagem. Por esta exposição vê-se bem que as frotas dos antigos não se parecem de maneira alguma com as esquadras modernas, compostas de náus de 120 boccas de fogo e 1,800 homens de equipagem. (A náu Pensilvania dos Estados-Unidos da America leva 140 peças de grosso calibre e 2,000 homens de guarnição). (*Moreau de Jonnés.*)

não era possível guiarem-se por esses luminares e navegavam ao acaso, porque não conheciam a bussola. Assim é que os antigos se afoutavam pouco a separar-se das costas, e faziam as suas viagens sempre á vista de terra (\*). Sabemos que o primeiro conhecimento da bussola é devido aos Chinas e aos Arabes, e que os Europeos a receberam d'estes ultimos no seculo XIII. Munidos com este instrumento os modernos se lançaram atravez dos mares, e conquistaram regiões até então desconhecidas. A necessidade obrigou depois a construir embarcações maiores e mais seguras, e a emulação entre as nações fez com que se excedessem mutuamente em grandeza e em perfeição (\*\*).

---

(\*) O itinerario de Antonino fazendo a enumeração dos portos, em que tocavam os navios que saiam da Achaia para a Africa, dá bem a conhecer quanta era a inexperiencia dos navegantes d'aquelle tempo e a sua timidez. Para não perder a terra de vista, seguiam as costas da Grecia, do Epiro, da Italia e da Sicilia, até a ponta occidental d'esta Ilha; de cuja paragem depois de uma volta tão consideravel, elles approavam para a costa da Africa, certos de acharem a terra ao cabo de algumas horas. (*Moreau de Jonnés.*)

(\*\*) As frotas dos antigos eram mui numerosas. O Egypto, em tempo de Sesostri, 1,640 annos antes da era vulgar, segundo refere Diodoro, tinha 400 navios armados no mar Arabico. A Grecia apparellhou 1,200 navios para a expedição de Troia. Homero traz a lista de 1,186; Athenas deu 50, Argos 160, Esparta 60, e assim por diante. Alguns d'estes navios tinham 120 homens de tripulação, outros sómente 50; o meio termo

Os Venezianos foram os primeiros que nos tempos mais modernos melhoraram a arte de construir navios, e tiraram d'elles o maior proveito; seguiram em data os Portuguezes e Hespanhoes no principio do seculo xv; os Hollandezes no principio do seculo xvii; e os Francezes a

---

era 85, portanto estes navios podiam conduzir um exercito de 100:810 homens. (*Homero*, Ill. liv. 2.º, v. 16. *Thucid.*, liv. 1.º sec. 10). Os Athenienses tinham uma esquadra de 300 galeras de tres ordens, e chegaram a ter 400 bem montadas. O arsenal do Pireo custava á Republica, segundo Thucidides, 864 contos (moeda forte) de despeza annual. Appiano refere que o Rei do Egypto, Ptolomeo Lago, tinha 500 galeras e 2,000 navios mais pequenos. Toda essa potencia maritima desapareceu; acabou com a civilisação grega e romana; e a navegação voltou ao que tinha sido nos primeiros tempos. As frotas dos Saxões, quando appareceram sobre as costas da França e da Inglaterra, eram compostas de pequenas barcas, cujos cascos eram de vimes, cubertos ou forrados com coiros de boi cosidos uns nos outros. Os *Carachs* dos Irlandezes eram do mesmo feitio. Doze remeiros bastavam para cada uma d'estas *piraguas*, que eram mui inferiores ás dos Ilhéos do oceano pacifico; o numero porém suppria a pequenez; e algumas vezes se reuniam 700, como foi a frota de Harold, Rei de Dinamarca. Nos seculos xi e xii os povos do norte, animados por tantos successos felizes, começaram a dar maior força aos seus navios e a construi-los de outra forma, de sorte que tinham alguns de 100 homens de tripulação, e até 120, como os dos selvagens da Nova Zelandia. As *Chronicas Scandinavias* fallam com emphase do longo navio, o *Dragão*, o mais bello e o maior que viu a Noruega, porque tinha 34 ordens de remeiros, isto é, 68 remos. (*Moreau de Jonnés.*)

meiado do mesmo seculo; porém nenhum povo levou tão adiante o melhoramento e a perfeição, nem deu tanto lustre á navegação como os Inglezes (\*). A applicação das machinas de vapôr para mover as embarcações, tem chegado a um ponto tal no espaço de pouco mais de trinta annos, que não é possível calcular os seus resultados. Basta dizer-se, que sendo os barcos de vapôr destinados no principio da invenção para navegar nos rios e nas costas, hoje atravessam o Oceano e crusam os mares em todas as direcções. O seu augmento tem sido tão rapido, que nos Estados-Unidos mais de mil d'estas embarcações navegam por todos os seus rios, lagos e costas, e que na Inglaterra, no espaço de cinco annos, os movimentos d'essa especie de navegação quadruplicaram (\*\*). No Brasil,

---

(\*) A potencia maritima, assim como o commercio maritimo da Inglaterra, são os mais extensos do mundo, segundo a opinião de *Moreau de Jonnés* na sua *Statistica do Reino Unido*. Em 1837 a Inglaterra possuia 245 náus de linha e fragatas, além de corvetas e outras embarcações de guerra em numero de 283. O commercio maritimo inglez occupa 25:511 navios com 2,783:761 toneladas, e 171:020 homens de tripulação. Em 1810 a marinha de guerra ingleza chegou ao ponto mais elevado de sua força, porque só náus de linha contava 266, e no todo possuia 1,114 embarcações armadas.

(\*\*) Um relatorio feito á Camara dos Communs em 1829 diz que o numero de barcos de vapôr na Grãa-Bretanha se elevava então a 310, sem contar com os do Governo, e que 16 mais se achavam construindo. — Só o porto de Londres tinha 20 barcos destinados para viagens em

que apenas conta cinco annos d'esta vantagem, vemos desenvolver-se a navegação por vapôr de

---

1830, e em 1835 já tinha 43, tendo-se feito com os 20 paquetes de vapôr 2,344 viagens, e com os 43, em 1835, 8,843 viagens; o que demonstra que o numero dos paquetes dobrou em cinco annos, porém as viagens quadruplicaram no mesmo espaço de tempo.

O Ministro da Marinha, nos Estados-Unidos, no seu relatorio de 1839 publica um quadro estatistico interessante sobre o numero e tonelagem dos vapôres em Inglaterra e na União; e diz que em 1836 tinha a Inglaterra 600 vapôres, e os Estados-Unidos 800. D'este numero 600 navegavam nos mares occidentaes, e só a New-York pertenciam 140. O *Sun* acrescenta que em 1837 tinha a Inglaterra 696 vapôres, não incluindo os das colonias, nem os que navegam pelos rios. O *Navy List*, de Julho de 1840, dá 82 vapôres de guerra á Grãa-Bretanha, cujos nomes menciona. Se se compararam estes dados com os vapôres construidos desde 1837, achar-se-ha que os Estados-Unidos e a Inglaterra estão na mesma altura a respeito da navegação por vapôr. A França, porém, não tinha mais de 200 vapôres.

Observaremos tambem que n'este anno acham-se em construcção, tanto na França como na Inglaterra, um grande numero de barcos de vapôr de extraordinaria força, que em 1841 devem atravessar o oceano, e serão por todos 41, a saber: 6 de Inglaterra para os Estados-Unidos: 4 da linha de Halifax: 2 de Glasgow para Boston: 14 de Inglaterra para o Mexico, Antilhas, Brasil, e Havana: 5 de Inglaterra para a India: 4 do Havre para New-York: 6 de Brest para o Brasil, e de Bordeaux para Vera Cruz. Todos estes vapôres são da força de 350 a 500 cavallos. Quando em 1832 o illustrado Junius Smith, natural do Estado de Connecticut, propoz a navegação do Atlantico por meio

uma maneira, que promette o mais lisongeiro futuro.

---

do vapôr, todos mofaram de tal proposta, e muitos lhe disseram que tratasse primeiro de construir um caminho de ferro para a Lua. Entretanto seis annos depois estava realisado o seu projecto, e o *Grande Occidente* entrando em New-York, após uma prospera viagem, decidia a questão, e fazia calar os incredulos. Se á lista dos 41 paquetes de vapôr, que devem entrar em actividade em 1841, accrescentarmos os que já navegam de Inglaterra para Portugal, Hespanha e Mediterraneo, para Hamburgo, Hollanda, Belgica, e para a França, veremos que no anno de 1842 não haverá um só porto do mundo commercial, que não gose dos beneficios da navegação por vapôr.

---

**CAPITULO XV.****Commercio e Moedas.**

A navegação foi o mais poderoso auxiliar do commercio. Quando os homens começaram a reunir-se, uns se deram á agricultura, outros continuaram na occupação da caça; uns e outros trocavam o excedente de suas necessidades; isto é, uns tinham de mais fructos de seus campos, e aos outros sobravam pelles e até mesmo as carnes dos animaes, e por este meio estabeleceu-se a primeira troca entre objectos de pura necessidade. Eis-ahi a origem do negocio, e as relações que mais tarde serviram de fundamento a toda especie de commercio. Ainda hoje as tribus errantes da Asia e da Africa não negociam de outro modo.

Esta maneira de cambio não tinha outra base senão a abundancia de uns productos e a escasez de outros. As mercancias não tinham valores

taxados, e por isso o seu merito ou valor dependia da necessidade do momento. Porém, logo que as reuniões se tornaram maiores, e que o amor das commodidades fez apreciar a propriedade, foi mister fixar um valor para os seus productos. Começou-se por uma medida, e tomaram-se como typò as partes do corpo humano; como, por exemplo, o pé, o covado (desde as pontas dos dedos até o cotovelo), e depois a braça (de um a outro extremo dos dedos com os braços estendidos). Tambem se estabeleceram medidas para os grãos, e outros fructos, que se dividiam em partes miudas, e foram o selamim, a maquia, o alqueire, a fanga e o moio. Outros productos foram estimados pelo peso, porém só aproximadamente; e calculava-se segundo a força necessaria para levanta-los, ou sustenta-los na mão. Todavia já no tempo de Abrahão se conhecia a balança, não tão perfeita como nos nossos dias, mas tão sómente uma vara ou uma taboa apoiada pelo centro de gravidade, em cujas extremidades se collocava ou amarrava o peso, e o genero que se queria pesar.

Ainda assim não é de toda a evidencia, que os homens tivessem conhecimento da balança antes de começarem a trabalhar os metaes; foi pois a necessidade que os estimulou a esta invenção, sem embargo de que desde o principio conhecessem, mas sem saberem a rasão, que uma viga conserva-se horisontal, apoiada tão sómente sobre um ponto no seu centro.

Os homens não tiveram outros meios de trans-

porte, senão as proprias costas, antes de domarem alguns animaes de carga; foi então que fizeram o primeiro carro, instigados por alguma observação, sem conhecerem comtudo nenhuma das leis geraes da natureza. É provavel que não fosse, como os carros de que usamos, e que a primeira machina fosse um trenó, ou carro de arrastão, e que só depois viesse alguem a imaginar o carro sobre rodas até chegar á perfeição, que hoje tem.

No commercio de permutação devia acontecer no principio. que o comprador, por exemplo, não tivesse o genero de que o vendedor precisava; e assim longe de poder verificar-se a troca, era mister substituir outro valor á mercancia vendida, para com elle procurar o vendedor o genero que precisava. Para isto era mister que este valor subsidiario fosse geralmente estimado, e tivesse um preço fixo; e pouco a pouco chegou-se a calcular por uma regra de proporção o valor de todas as cousas, comparadas com aquella que servia de typo geral dos preços. Em alguns paizes empregaram-se como representativos de valores certas conchinhas (\*), ou fructos esco-

---

(\*) Sobre a costa de Guiné, onde os Europeos iam buscar o ouro que empregavam nas suas moedas, os naturaes serviam-se de umas conchas maritimas, chamadas *cauris*, especie de pequena porcelana, para representar os seus valores. No Mexico, d'onde se tem extraido a maior parte do numerario que circula pelo mundo, serviam-se os naturaes das sementes de cacáo, como de moeda corrente. —

lhidos, ou pedaços de madeira preciosa. Ha oito seculos que na ilha de Rugen, no Baltico, sobre as costas da Pomerania succa (actualmente dinamarqueza) a téla era o unico meio de geral permutação, como o sal ainda hoje na Abyssinia, e o pescado na Groenlandia. Estes objectos fazem alli as vezes de dinheiro (\*).

Logo porém, que os homens começaram a conhecer os metaes e a trabalha-los, virão que entre todas as materias que a natureza lhes offercia, eram a mais estimavel, a mais util, e a mais rara.

Sendo facil dividir os metaes em pequenas porções, podem por isso mesmo conduzir-se facilmente sem se deteriorarem nem destruir-se; cujas propriedades foram sem duvida apreciadas para fazer d'este genero o verdadeiro typo de valores para todas as outras materias sujeitas á troca; eis-ahi portanto a origem das moedas. No principio pesavam-se os metaes, e o seu valor dependia do peso. O *siclo* (moeda hebraica) correspondia a um quarto de onça de prata pouco mais ou menos, e tinha o valor aproximado de 400 réis. Os antigos Gregos e Romanos contavam por libras e por talentos, correspon-

---

(\*) Na Nova Granada serviam-se os naturaes de novelos de fios de lã ou de algodão como de moeda. Em Minas, provincia do Brasil, não ha muitos annos serviam-se tambem do panno chamado de algodão, ou de certas porções de ouro em pó, envoltas em um pedacinho de papel, que tinham curso legal, e suppriam a moeda cunhada até nos mais pequenos trocos. —

dendo o talento a sessenta libras de peso (\*). — Começou-se por pesar a prata em bruto, isto é, a separar pedaços com tal ou qual peso; depois marcaram-se estes pedaços de modo que fizessem conhecer o seu peso e valor.

Como um dos principaes objectos de commercio era o gado, a primeira relação de valores foi estabelecida entre o boi e os metaes; e a primeira estampa, que tiveram as moedas, foi a effigie de um boi. Os Gregos, mil annos antes de J. C., estimavam todas as cousas segundo o valor do boi. Em consequencia d'isto, ao dinheiro chamaram os Latinos *pecunia*, que vem de *pecus*, gado. — A mais antiga moeda dos Gregos era marcada com a effigie de um boi, e tinha o mesmo nome. — A primeira moeda de ouro em França tinha a figura de um cordeiro, e assim se chamava (*monnaie à l'agneau de grande et de petite espèce*). É provavel que as primeiras moedas fossem de cobre, o primeiro dos metaes conhecido e trabalhado; depois foram de prata, por isso mesmo que sendo mais rara, tornou-se objecto mais precioso e de maior valor; e eisahi a rasão por que os Hebreos, os Latinos e Francezes deram ao dinheiro o nome generico *prata*.

Não se creia que as moedas da antiguidade

---

(\*) Ainda hoje na China os negociantes levam comsigo certas tiras de prata, das quaes vão cortando com umas tesouras as porções que necessitam, segundo o valor dos generos que compram.

tivessem um cunho tão perfeito como as dos nossos tempos. Eram pela maior parte pedaços de metal em bruto, de todas as fôrmas e tamanhos, como saiam do córte, e sobre os quaes estava gravado a martello ou a buril o valor de cada um (\*). Os Phenicios foram os primeiros que cunharam moeda regularmente; os Gregos adoptaram este uso sómente seis seculos antes de J. C.; porém afinal o fizeram com tal arte, que das especies, que existem hoje em alguns gabinetes da Europa, vê-se o cunho delicadamente executado. Foram os Persas os primeiros que se lembraram de estampar nas moedas a effigie de seus soberanos; cinco seculos antes de J. C. fez Dario cunhar moeda com o seu busto; d'onde veio chamar-se *daricke* a moeda da Persia. Os Allemães não conheciam o uso do dinheiro, ha dois mil annos; elles o receberam dos Romanos pouco antes do nascimento de J. C. Os Francos, de quem o resto da Alemanha recebeu noções sobre a moeda, conta-

---

(\*) Existe no Mexico, e corre por toda a costa firme, uma especie de moeda de prata chamada *macuquina*, com o peso de uma, duas, quatro e oito oitavas, e com fôrmas tão diversas, que a não ser pelo cunho tosco, que as distingue, niuguem as teria por dinheiro corrente. São pedaços de prata fina de onze dinheiros com fôrma irregular, tendo por cunho umas cruces salientes com o numero das oitavas, tambem em relevo. Esta moeda era provincial e não saia do Mexico, senão como mercancia; porém ultimamente corria por toda a costa firme e até no Perú. —

vam por libras, chelins, dinheiros, e mais tarde por marcos; tudo pois era por peso (\*). —

Pelo anno de 1200 da éra vulgar, começou-se na Allemanha a cunhar moeda com o signal da cruz, e por isso deu-se-lhe a denominação de *Kreutzer*; entretanto não era isto mui commum; e só no seculo xv se cunhou grande quantidade em *Hall*, cidade da Suabia, d'onde lhe veiu o nome de *haller* ou *heller*. — A circulação de dinheiro cunhado não foi geralmente admittida na Allemanha senão no seculo x. — O *ducado* é de origem italiana, e assim se chamou porque foram os Duques da Italia os primeiros que mandaram cunhar esta especie de moeda. —

---

(\*) É bem difficil assignalar a origem do cunho das moedas com a precisão historica, que desejavamos, porque ha n'isso muitas opiniões diversas. Sem dar muito credito a Bredow n'esta parte, referiremos tambem o que diz Chantal, no seu *Manual das Datas*, a este respeito: Attribue-se aos Lydios o primeiro cunho de moeda de ouro e de prata, 1495 annos antes de J. C. Na Europa cunharam-se pela primeira vez em 1320 da mesma éra. As moedas dos Reis de França começaram a correr no Imperio Romano no anno 537. — O uso das moedas introduzido por Canuto, Rei de Dinamarca, começou entre o fim do seculo x e principio do xi; e foram alteradas em França no anno de 1312, e depois no reinado do Rei João em 1355. Durante a revolução as leis de 24 de Agosto de 1790, 7 de Outubro de 1793 e 15 de Agosto de 1795, substituíram o systema decimal ao systema incompleto dos governos anteriores; sem embargo, as moedas antigas tiveram curso até a lei de 30 de Março de 1834.

Os luizes d'ouro tiveram este nome porque foi Luiz XIII que os mandou cunhar com a sua effigie em 1640. A libra esterlina não é moeda real (\*), porém conta-se por ella em Inglaterra como em Allemanha por *gulden*, e em Portugal por crusados, ainda que já não existão estas moedas. O *guineo* é a moeda commum de ouro em Inglaterra, e tem mais um chelim que a libra esterlina. A onça hespanhola é a moeda de ouro das Hespanhas e das Indias Occidentaes com as subdivisões de metade, um quarto e um oitavo de onça, e tira o nome do seu peso. — O *duro*, ou peso forte é a moeda de prata mais conhecida, principalmente a que traz estampadas em uma de suas faces duas columnas, fazendo allusão ás de Hercules. — Os que não tem este cunho dizem-se de Sevilha ou pesos sevillhanos. —

A mais antiga moeda de ouro portugueza é o *maravedi* de D. Sancho I, e a de prata é a libra do tempo do Conde D. Henrique; ou porque sendo Francez trouxesse comsigo esta especie de moeda, ou porque já a achasse correndo nos reinos christãos da Hespanha, o Conde D. Henrique introduziu logo o uso d'ella nos seus novos estados. Estas moedas com as suas subdivisões foram as do reino de Portugal até D. Affonso III

---

(\*) Hoje tem os Inglezes o *soberano*, moeda de ouro que vale 20 chelins, ou uma libra esterlina, e cada chelim 12 pennys. — O valor da libra esterlina ao par regula 3 $\frac{1}{2}$ 600 réis com pouca differença.

— em que por uma carta regia alterou a moeda, dizendo que todos os que levassem a cunhar um marco de prata, receberiam quatorze libras da nova moeda. — A primeira moeda de prata de origem portugueza foi cunhada em tempo d'El-Rei D. Diniz, chamada *forte*, e tambem *meio-forte*. Em tempo de D. Affonso IV houve outra alteração e cunharam-se moedas novas de prata e de cobre. Quanto ao ouro no reinado de D. Diniz continuavam os *maravedis*, iguaes aos dos reinados anteriores em peso e em valor, mas differentes em nome, porque tomaram o de *dobras-crusadas*.

No reinado de D. Pedro I se mandaram lavrar as *dobras*, que do seu nome se chamaram *dobras de D. Pedro*. Tambem fez cunhar este Monarcha novas moedas de prata: eram estas o *tornez* e o *meio-tornez*. Vinha tal denominação dos *tornezes* ou *turonenses* francezes, moeda que, segundo muitos pertendem, se chamava assim por ser cunhada na cidade de Tours. Eis-ahi o que ha de mais averiguado no inextricavel labyrintho das moedas portuguezas até o principio do reinado de D. Fernando I. — A moeda correu sem alteração sabida até D. Affonso IV, que alterou a moeda de prata e de cobre; seu filho D. Pedro I a de ouro e de prata. — D. João I augmentou a desordem no systema monetario, que ainda hoje é o mais irregular e inexacto que se conhece (\*). Desde D. João V o numerario

---

(\*) Vid. Panorama, 2.º v.º (1838), artigos 1.º e 2.º — *Moedas Portuguezas.* —

commum dos Portuguezes foi, para o ouro, a *peça* (de 6:400 réis), a *dobra*, a *moeda* com as suas subdivisões; e de prata a *pataca*, como unidade, com as suas subdivisões; porém, como fosse mais facil para o computo uma divisão decimal, tomou-se a moeda imaginaria do *crusado* para a unidade das grandes quantias — e contou-se por crusados em vez de contar-se por patacas. —

Para o Brasil antes da independencia tinhamos com pouca differença o mesmo dinheiro; em logar da *moeda de ouro* (de 4\$800 réis) tinhamos a de 4 mil réis com as suas subdivisões; em logar do *crusado novo*, tinhamos a pataca com as suas subdivisões; até que D. João VI fez cunhar a nova moeda de prata de tres patacas, que eram os pesos hespanhóes com o novo cunho, e tão mal feito, que a falsificação foi a sua immediata consequencia. — O papel-moeda alterou inteiramente o nosso systema monetario reduzindo a moeda de prata e d'ouro a pura mercancia. Uma lei do Congresso Brasileiro alterou em 1833 o padrão monetario e seus valores; porém isto não serviu senão para faltar a mania de legislar; porque continuando o systema do papel, como meio circulante ordinario, o novo padrão não podia mudar a essencia das cousas, e a moeda continuou mercancia como d'antes.

Dissemos no principio que quando os homens começaram a reunir-se, uns se davão á agricultura e outros á caça, e que uns e outros, depois de satisfazerem as suas necessidades, trocavam

o excedente dos seus productos por outros de que careciam. Ora esta troca não podia ser feita pelos mesmos productores senão nos logares da producção, porque de outro modo furtariam o tempo necessario do trabalho para dá-lo á occupação de mercadejar. Houve portanto alguém que se encarregasse de recolher o sobran-te dos productos de uma tribu para o ir trocar por outros a logares mais remotos; de cujo trato resultou o officio ou occupação de commerciante.

— O que fôra no começo uma necessidade, tornou-se depois especulação pelo amor do ganho; os commerciantes foram pouco a pouco buscando novos mercados para as suas mercancias; trocavam, ou vendiam e compravam onde tiravam maior proveito, e de paiz em paiz chegaram a logares remotos, dos quaes voltavam a seus domicilios carregados com os productos da industria estrangeira. Esta novidade era um estímulo para excitar em seus compatriotas o desejo de possuir as raridades de outros paizes; e d'esta sorte se multiplicaram as viagens, e o commercio tornou-se uma fonte de communição entre diferentes povos da terra.

O instincto, que induz o homem a procurar a sociedade, e a falta de segurança obrigaram os mercadores a reunirem-se em caravanas para percorrer o mundo. Este costume não foi só dos tempos mais remotos, porque ainda hoje em toda a Africa, e no interior da Asia, numerosas caravanas partem de uns para outros logares carregadas com as preciosidades de diferentes

paizes, principalmente da China até a parte do noroeste da Russia. Esta maneira de viajar produziu os melhores resultados: os povos se fizeram conhecidos, abriram-se novos caminhos, fizeram-se pontes, estabeleceram-se pousadas, criaram-se e domesticaram-se muitos animaes de carga, e inventaram-se outros meios de transporte. Comtudo não foi só a este genero de commercio que os homens deveram as maiores vantagens, porém ao commercio maritimo, cujo desenvolvimento tem excedido a quanto se podia imaginar no seu começo.

O primeiro beneficio do commercio maritimo foram as relações que os homens de diversos paizes e diferentes climas travaram entre si, fazendo com que todas as partes da terra fossem conhecidas e exploradas. Hoje conhecemos a China, apesar da restricção das suas leis, e usamos dos seus productos como se fossem do nosso proprio paiz; conhecemos igualmente pela relação dos viajantes, a maneira de viver dos povos errantes do centro da Asia: sabemos qual é a simplicidade infantil ou a rusticidade estúpida dos povos que habitam os paizes novamente descobertos: conhecemos e possuimos a arvore do pão, transplantada das ilhas do Oceano Pacifico, entre a Asia e a America: não ignoramos a vida grosseira e immunda dos naturaes da Groenlandia, que se nutrem quasi exclusivamente da carne da baleia. A curiosidade e o interesse entretêm os homens em uma continua actividade, e fazem com que os mais distantes

paizes se aproximem por suas mutuas relações e pelo contacto entre seus habitantes.

Os mares tormentosos tem-se tornado navegaveis açoutados pela quilha das embarcações; parece que a natureza n'essa parte tambem obedece ao imperio do homem. As frotas da Europa vellejam para a ponta meridional da Africa, e vão buscar ao cabo da Boa Esperança o vinho e o marfim; vão aos portos mais ao norte da Asia para pescar a baleia e a lixa, ou para buscar as pelles preciosas. — Dirigem-se ao grande grupo das ilhas orientaes para procurar as especiarias de que tanto abundam. Outras seguem para as ilhas occidentaes em busca do café, do anil e do assucar, ou vão ao continente americano pela cochonilha de Guatemala, pela prata do Mexico ou pelo ouro do Brasil. Outras vão fundear nas ilhas austraes do grande Oceano, na Nova Hollanda, para levar colonias, cultivar o solo deserto, e povoa-lo com os criminosos, que repelle de si a sociedade europêa; alli se levantam villas e cidades com mais presteza do que no velho mundo; — eis-alli Botany-Bay e o porto Jackson para provar o que dissemos.

Outra grande vantagem é a carreira que o commercio maritimo, além de todos os outros beneficios, offerece aos homens de todas as condições, sem differença alguma, para usar livremente de todas as forças e de todos os talentos de que os dotou a natureza. Nem o poder, nem as distincções creadas pela phantasia do homem, alteram cousa alguma d'esta ordem eminente-

mente igual e livre, que se acha por toda a parte apoiada na industria e no amor do ganho. A ambição, o zelo e o interesse, estimulam todas as capacidades, de sorte que o ser rico, o ser venturoso e respeitado só depende do homem que se entrega ao commercio, e da sua industria. Pelo commercio florecem todas as artes; as profissões se grupam em fabricas, em que se trabalham os metaes, se preparam os tecidos; em grandes officinas que produzem obras de marceneria, se trabalha o marfim, os ossos, as pontas e a tartaruga. Cada um procura aperfeiçoar-se; todos se occupam de novas descobertas, e o homem é apreciado pelo que vale, e pelo que produz, e não pelo que consome. Tempo virá em que a gloria de Fulton e de Watt eclipse a de Alexandre e de Cesar, e que a industria seja o unico meio de apreciar a força e o poder moral de todos os povos. —

Sem embargo, nada existe na natureza, nada na ordem moral, de que não abuse o homem. O commercio, fonte de tanta força e prosperidade, tambem está acompanhado de todas as paixões, que nodoam a especie humana. Em vão o espirito do homem se eleva com tanto vigor até onde alcançam os sentimentos mais generosos e mais puros; a ambição vem logo suffocar este germe precioso para substituir-lhe a cubiça e a sordida avidez. — A avareza nada respeita de sagrado, todos os meios lhe são indifferentes quando se trata de obter o que se deseja; emprega a astucia, a baixeza e a cruel-

dade como meios ordinarios por que adquirir, e chegar a ser opulento, é no que consiste a infatigavel actividade do homem avaro. Ser rico, nadar sobre thesouros, eis-ahi o seu triumpho, ainda quando cada moeda esteja borrifada de sangue humano. Para saciar a sêde das riquezas, os homens imaginaram todos os meios de amontoar pilhas de ouro; em seus delirios chegaram a conceber a horrivel ideia de fazer escravos os seus semelhantes, e de vende-los como o gado. —

A escravidão é de bem remota antiguidade; parece que data pouco depois do diluvio pela maldição de Noé contra Cão (\*). Todos os povos da antiguidade, desde os Assyrios até os Romanos, tiveram escravos; costume barbaro conservado pelos povos guerreiros da meia idade, e transmittido ás nações modernas como um legado da torpeza e grosseria d'aquelles tempos. Na Europa, á excepção da Russia, já não existe escravidão; e isto mesmo não é como nós imaginamos na America, porque alli os homens são *servos adstrictos á gleba*, isto é, annexos a um predio, que não podem largar sem licença do senhor, vassallo feudal; porém não tem a condição dos infelizes Africanos. — Presentemente se discute qual foi a primeira nação que commerciou em escravos na costa d'Africa, e todas repellem de si semelhante opprobrio. — Alguns dizem que fôra uma companhia allemã, que em tempo de Carlos V se viera estabelecer na

---

(\*) Gen., cap. 9.º, v. 24 a 26.

costa firme, e que o fizera por conselho do celebre Las-Casas, Bispo de Chiapa, como um meio de arredar a escravidão dos Indios; outros pretendem que os Portuguezes foram os primeiros, a meiado do seculo xv, que fizeram o trafico; e outros, que foram os Inglezes, começando pelos Indios Caribes da ilha de S. Vicente.

Seja como fôr, o certo é que se tem feito e está fazendo este abominavel commercio, e que ainda hoje vão os Europeos á costa occidental d'Africa, onde sem alguma compaixão arrancam os maridos dos braços das espozas, os filhos dos de suas mãis, as espozas dos de seus maridos, quando não é toda a familia; animando desta arte o inhumano costume d'aquelles barbaros de se venderem mutuamente em paz e em guerra, por espirito de vingança ou de especulação. Embarcados para a America são decimados pelo máu trato e pelas molestias proprias dos seus elimas, e quando chegam é para viverem debaixo da mais dura escravidão. Nem a civilisação, nem as luzes do presente seculo tem podido desarraigá-lo semelhante abuso, apesar dos esforços de quasi todas as nações da Europa e do Chefe da Igreja Catholica Apostolica Romana (\*). — Fo-

---

(\*) *Bulla do S. P. Gregorio XVI contra o trafico da escravatura.*

Encarregados do supremo apostolado, e fazendo, posto que sem merecimento da nossa parte, as vezes de Jesus Christo, filho de Deos, que á força de amor para conosco se fez homem e se dignou morrer para salvar o mundo, julgamos da nossa obrigação apostolica admoestar,

ram sem duvida os Inglezes os primeiros que cuidaram de abolir tão odioso trafico, justiça lhes seja feita.

---

como admoestamos, os fieis para que se abstenham do deshumano trafico dos negros, ou de quaesquer outros homens que sejam.

Logo que a luz da Boa Nova começou a espalhar-se entre os homens, começaram tambem aquelles infelizes que n'aquelles tempos, mórmente pelas vicissitudes da guerra, caiam em grande numero na mais dura escravidão, a sentir pela maior parte allivio na sua sorte, se pertenciam a senhores Christãos; porquanto, cheios, como estavam, do Espirito Santo, os apóstolos não só admoestavam os escravos a se conformarem com a vontade de Deos, obedecendo a seus senhores corporaes, como ao mesmo Christo, mas admoestavam igualmente os senhores para que tratassem bem os seus escravos, concedendo-lhes o que fosse de direito e de equidade, e sobretudo para que se abstivessem de maltrata-los, devendo lembrar-se de que o verdadeiro senhor não só dos escravos, mas dos mesmos senhores, é aquelle que está no Ceu, diante de quem não ha distincção de pessoas. E como o puro amor do proximo era um dos pontos mais apertadamente recommendados no Evangelho, e além d'isto Jesus Christo mesmo havia declarado que tomaria como feita ou recusada a elle mesmo qualquer obra de beneficencia ou de misericordia que fosse feita ou recusada aos pequenos e mesquinhos, facilmente resultou que não só os Christãos começaram a tratar os seus escravos como irmãos, mórmente se tinham a mesma fé de seus senhores, mas que começaram a mostrar-se mais inclinados a dar-lhes a liberdade, se o mereciam, o que sobretudo costumava ter logar pelas festas da Pascoa, como nos consta pelo testemunho de Gregorio de Nicea. Não faltaram mesmo pessoas, segundo

Consta que os primeiros ajuntamentos, que se fizeram em Inglaterra, para se decidir sobre esta questão, occorreram em 1761, e foram

---

assevera o varão apostolico e nosso predecessor de santissima memoria, Clemente I, que as conheceu, as quaes, ardendo em fogo de caridade, até tomaram sobre si cadêas alheias, por não terem outro meio de resgatar seus irmãos. A consequencia d'isto foi que quando, pelo andar dos tempos, as trevas da superstição se foram fazendo menos cerradas, e os costumes dos povos, ainda os mais fraguciros, começaram a adoçar-se pelo beneficio da fé que obra por meio da caridade, chegaram as cousas a ponto, que já, desde muitos seculos, não havia vestigio de escravidão na maior parte dos povos christãos. Todavia (e com bem magoa o dizemos!) não foi tão geral esta regra, que mesmo entre os fieis não houvesse pessoas que, movidas do torpe amor do ganho, ou não tiveram escrupulo de ir a paizes remotos reduzir á escravidão os Indios, os negros e outros desgraçados ou promoveram tão indesculpavel indignidade, dando toda a extensão que puderam ao commercio e trafico d'aquelles que outros já tinham reduzido á escravidão.

Muitos Bispos de Roma, nossos predecessores, de gloriosa memoria, não tardaram, como cumpria ao seu dever apostolico, a censurar fortemente commercio tão odioso, não só como altamente indigno do nome christão, e opposto á salvação das almas de quem o fazia, mas como tendente a fazer cada vez mais forte o odio contra a verdadeira religião entre os povos infieis que eram victimas de semelhante attentado. A isto se refere effectivamente o Breve Apostolico de Paulo III, dirigido a 29 de Maio de 1537 ao Cardeal Arcebispo de Toledo, e outros mais extensos dirigidos por Urbano VIII ao Collector da Camara Apostolica em Portugal, em 22 de Abril de 1639; em todos os quaes são asperamente

praticados pelos membros da sociedade chamada dos Amigos ou *Quakers*, e n'elles se declarou que todos os membros da sociedade, que fizes-

---

ameaçados especialmente aquelles que ousassem reduzir á escravidão os Indios occidentaes ou meridionaes, vendendo-os, comprando-os, trocando-os, ou dando-os, separando-os de suas mulheres e filhos, roubando-lhes as suas propriedades e effeitos, transportando-os, ou mandando-os para outros logares, ou privando-os da liberdade e conservando-os em escravidão por qualquer maneira que fosse — ameaças que igualmente abrangiam os que para tal fim dessem conselho, ajuda, favor, ou auxilio, sob qualquer pretexto ou côr que isso se fizesse, ou que sustentassem que tal trafico era permittido e tomassem parte n'elle de qualquer maneira que fosse.

Estas determinações dos Papas acima mencionados confirmou e renovou posteriormente Bento XIV por meio de um Breve Apostolico, que em 20 de Dezembro de 1741 dirigiu aos Bispos do Brasil e de outras partes, afim de chamar a sua attenção sobre este objecto; e já antes d'esta epocha outro nosso predecessor, Pio II, quando Guiné, paiz habitado por negros, tinha caído no dominio dos Portuguezes, havia dirigido em 7 de Outubro de 1442 um Breve ao Bispo de Rovigo, que estava para fazer viagem para aquelles paizes, no qual não sómente lhe dava todas as faculdades necessarias para o effectivo exercicio do sagrado ministerio, mas asperamente reprehendia os Christãos que reduziam os novos convertidos á escravidão. Mesmo nos nossos dias, Pio VII, animado do mesmo espirito de religião e caridade que seus predecessores, empregou toda a sua influencia para com os differentes soberanos, afim de que o commercio da escravatura fosse inteiramente abolido entre os Christãos. Todavia, se estas determinações e trabalhos de nossos predecessores, com o

sem o trafico da escravatura, fossem d'ella excluidos. Na America do Norte aconteceu outro tanto, e na Virginia, então colonia ingleza,

---

auxilio de Deos, não tem concorrido pouco para proteger os Indios e mais povos acima mencionados contra a crueldade dos conquistadores, ou contra a avidez dos mercadores christãos, nem por isso o effeito tem sido tal que a Santa Sé se possa lisongear de ter obtido o fim das suas fadigas; porque ainda que o commercio de escravos se ache de facto até certo ponto diminuido, não é menos verdade que differentes Christãos continuam a exercita-lo.

Em consequencia do que, desejando que similhante infamia seja por uma vez abolida em todos os paizes da christandade — depois de termos ouvido o conselho de alguns Cardeaes, nossos veneraveis irmãos, e de ter considerado maduramente a cousa — caminhando pelas passadas de nossos predecessores, admoestamos e conjuramos por Jesus Christo todos os fieis de qualquer estado e condição que sejam, para que d'aqui em diante não continuem a opprimir tão injustamente os Indios, negros, ou outros quaesquer homens, privando-os dos seus bens, ou fazendo-os escravos, nem mesmo se atrevam a dar auxilio ou favor áquelles que tal trafico exercitam, por meio do qual os negros, como se fossem animaes bravios, e não homens, são reduzidos á escravidão de qualquer maneira que seja, e sem respeito para as leis da justiça e da humanidade, comprados, vendidos, e condemnados aos mais duros trabalhos, além do inconveniente de eternisar as guerras e as discordias nos paizes em que se faz o commercio da escravatura, em rasão da esperanza do ganho com que se animam os que se occupam na apprehensão dos negros. Tudo isto, portanto, nós reprovamos como altamente indigno do nome de Christão, em virtude

successivamente passou a legislatura muitos actos para a suppressão do trafico; porém todos foram regeitados pelo governo da metropole. Pelo mesmo tempo publicou-se em Portugal um alvará d'El-Rei D. José abolindo a escravidão dos pretos, que ainda existiam no reino, especialmente na provincia do Alentejo, e dos que existiam nas ilhas dos Açores e da Madeira. Poucos annos depois dois membros da camara dos Communs da Grã-Bretanha, *Clarkson* e *Wilberforce*, cujos nomes respeitaveis são bem conhecidos, começaram os seus esforços para a abolição do trafico. Nos annos de 1789 e de 1790 a mesma camara dos Communs constituida em commissão geral, examinou todos os factos que se apresentaram relativos ao trafico, com o fim de entrar no verdadeiro conhecimento da ma-

---

da autoridade apostolica que nos compete, e com essa mesma autoridade prohibimos que qualquer ecclesiastico ou leigo, sob qualquer pretexto que seja, se atreva a favorecer ou proteger o trafico da escravatura, ou a pregar e ensinar em publico ou particular, de qualquer maneira que seja, cousa alguma contra o que n'estas nossas lettras apostolicas, se acha determinado. Dada em Roma sob o annel do pescador, aos 3 de Dezembro de 1839 (\*).

LUIZ, *Cardeal Lambruschini.*

(\*) Advertimos ao leitor que esta traducção é feita do allemão, segundo o texto da *Gazeta de Estado* de Prussia, copiado pela *Boersen Halle* de Hamburgo; e como a traducção allemã já é feita da traducção italiana do original latino, é muito natural que as expressões do Summo Pontifice, passando por tantas linguas differentes, tenham soffrido tal ou qual alteração, a qual, todavia, esperamos que não tenha ido até torcer o sentido da phrase original.

teria; e em resultado manifestou-se a unanime opinião de que semelhante trafico não devia ser tolerado. Comtudo só em 1807 foi que um acto do parlamento aboliu para sempre o trafico da escravatura.

Continuaram portanto os esforços da Inglaterra para com as outras Nações. No Tratado de 1810 com Portugal lançaram-se as primeiras bases da extincção parcial do trafico, e na acta do congresso de Vienna de 1815 estabeleceu-se a extincção total. — A França o aboliu pela lei de 5 de Abril de 1818. — Depois da independencia do Brasil foi igualmente o trafico abolido pelo Tratado de 1826; e finalmente a lei de 7 de Novembro de 1831 extinguiu este abominavel commercio, declarando livres os Africanos introduzidos depois da sua promulgação, e impondo graves penas aos contraventores. Portugal pelo Decreto de 10 de Dezembro de 1836 tambem extinguiu o trafico; porém até hoje não teve effeito esta salutar medida por falta de meios coercitivos, ou porque tivesse de lutar contra graves preconceitos nacionaes. Finalmente a Inglaterra, depois de abolir o trafico, extinguiu inteiramente a escravidão nas suas colonias, dando de um só jacto a liberdade a oitocentos mil escravos, e pagando ao mesmo tempo em compensação aos seus donos não menos do que a enorme somma de vinte milhões de libras esterlinas.

A gravidade d'esta materia fez-nos exceder um pouco os limites que nos tinhamos prescripto,

porque a questão do trafico é a mais interessante de quantas se tem agitado desde o principio do mundo. Tinhamos dito antes que o commercio maritimo tinha produzido grandes beneficios para o genero humano; porém em compensação tambem offerecia grandes meios de abusos, — e os homens não os desprezaram. — Um dos resultados do commercio é que os homens chegando a um gráu de riqueza, que excede a todas as suas necessidades, adquirem logo o habito da magnificencia; não os satisfaz já uma simples casa, querem um palacio, jardins, estatuas, ornamentos de toda a especie, vasos, candelabros, lustres, pinturas, alfaias; e finalmente pagam o gosto a todo o preço, recompensando as artes que mais deslumbram ou mais agradam; porém o amor do luxo e do prazer, que não é dirigido por uma certa medida de utilidade, é uma verdadeira dissipação, é um amor degenerado que effemina os homens, que os adormece, que os enerva, que os reduz á sujeição, á oppressão, todas as vezes que houver quem lhes imponha o jugo.

Outro mal que resulta do commercio é que este não enriquece a todos os homens, e que alguns chegam a accumular grandes fortunas; acontece então que nas sociedades, onde a riqueza é reputada como o mais alto gráu de felicidade, estes homens ricos são considerados como os primeiros do paiz. Estas fortunas e estas considerações, passando de pais a filhos, formam com o tempo uma aristocracia muito

oppressiva, porque reina pela nobreza do dinheiro e pela opulencia. Nos tempos antigos, a Phenicia foi uma aristocracia: Carthago, sobre a costa septentrional da Africa, e que fôra antes colonia dos Phenicios, tinha uma constituição aristocratica com todos os vicios inherentes, a saber: o espirito de partido, o ciume, a inveja e a oppressão dos pobres. Corintho, o paiz mais mercantil de toda a Grecia, situado sobre uma estreita lingua de terra, foi quasi sempre governado pelos mais ricos cidadãos. Emfim os tres mais importantes Estados mercantis do mundo moderno, Veneza, Genova e a Hollanda, eram aristocracias. A antiga Veneza nos offerece o exemplo funesto do quanto é capaz o dinheiro de fazer mingoar o valor do homem; e por consequencia o pobre torna-se indigno de toda a consideração. Os nobres, isto é, os ricos acreditavam que tudo lhes era permittido, até cuspir do alto dos seus camarotes sobre a cabeça do povo, que se achava de pé na platéa. A oppressão conseguiu tão perfeitamente aviltar o homem, que o povo de Veneza soffria tudo isto!!

---

---

---

**CAPITULO XVI.****Commercio, navegação, colonias e descobertas dos Phenicios.**

Os Phenicios, como fica dito, eram o povo mais mercantil e o mais afamado da antiguidade. A origem do seu commercio perde-se na noite dos tempos, e precede a todos os dados que possuímos. Nos mais antigos livros, que nos foram conservados, nos de Moysés, diz-se que Sydonia, capital dos Phenicios, era a filha primogenita de Canaan. Os Judeos chamavam Canaan a toda a costa do Mediterraneo, que corre desde a Asia Menor até o Egypto; e esta palavra hebraica significa paiz de negociantes. Assim pois, quando os Hebreos chegaram a conhecer a Phenicia, era já um paiz commerciante. N'este paiz achava-se Sydonia, antiga e a primeira cidade d'este povo. Israel, de quem falla a Historia, despedindo-se de seus filhos, a qualifica de cidade sobre a borda do mar, rica e abundante

de navios. Ella devia por consequencia ter sido fundada de quinze a vinte seculos, e talvez mais, antes do nascimento de J. C.

A costa em que Sydonia se achava edificada, e onde mais tarde se elevou Tyro, a segunda capital d'este povo emprehendedor, não era fertil. Os seus habitantes deviam ter-se dado á pesca desde a sua origem para viverem; e este exercicio fê-los conhecer o mar e arrostar todos os seus perigos; eis-ahi pois como começaram, e aperfeiçoaram a navegação. Foi sem duvida a ilha de Chypre o primeiro ponto fóra da costa, a que se dirigiram, porque era o mais immediato; porém esta ilha era habitada, e como estrangeiros não lhes permittiram desembarcar temendo-os como inimigos; usaram portanto da astucia ou da força para obter o desembarque, e, uma vez em terra, apoderaram-se de muitas cousas que lhes faltavam, e voltaram para o seu paiz. Uma excursão no mar, e o lucro que d'ella resultou, despertaram a coragem d'esses homens, e os tornaram astuciosos e ousados. Os Phenicios repetiram sua expedição, e observando que sem violencia, mas por meio de brilhantes bagatellas podiam conseguir tudo quanto desejavam d'estes insulares ignorantes e simples, levaram consigo muitos objectos de côres variadas, com que estabeleceram um commercio de permutação; sem que por isto renunciassem a pilhagem, quando se offerecia occasião.

Os Phenicios não se contentaram só com isto,

trouxeram comsigo alguns d'estes insulares, e os venderam como escravos, porque n'aquella epocha, como ainda hoje, não se reconhecia o sagrado da propriedade, nem dos direitos do homem. A grande sagacidade dos Phenicios soube tirar partido da força d'estes homens, fazendo-os trabalhar em seu proveito a troco de ninharias, com que se proviam de todos os productos da ilha, e os iam levar a outros paizes. Eis-ahi pois como insensivelmente, e sem que isto fosse notado, se fizeram senhores da ilha de Chypre. Pelo decurso do tempo a população da Phenicia foi crescendo prodigiosamente com a sua industria, e quando observavam que havia algum excedente, faziam partir certo numero de seus concidadãos para os ir estabelecer em outras costas mais distantes; repetindo esta mesma operação em epochas diversas e para diferentes regiões. — Um estabelecimento d'este genero, fundado sobre um territorio estrangeiro, chamava-se colonia.

Por meio da sua navegação passaram de uns para outros portos; do norte da ilha de Chypre vieram ter ás costas da Asia Menor, e d'esta sorte fundaram colonias em muitos paizes, que lhes asseguravam o commercio de todos elles, e lhes facilitavam os meios de alcançarem muito mais longe. Estes intrepididos navegantes visitaram assim toda a Asia Menor até o estreito dos Dardanellos, que separa a Asia da Europa, chamado antigamente Helesponto. Passaram além do estreito e foram explorar as costas do mar Negro,

onde fizeram muito negocio ; porém todas estas correrias foram limitadas pelos Gregos, que habitando as costas occidentaes da Asia Menor, chegaram a ser tambem grandes navegadores. É de suppôr que os Gregos aprendessem das colonias phenicias a arte de navegar, e que estimulados pelas vantagens, que obtinham seus mestres, se tornassem superiores em tudo, e quizessem disputar-lhes o imperio dos mares, e o exclusivo do commercio maritimo.

Sem embargo, os Phenicios buscaram outros paizes e singraram para o Archipelago, e de lá para a Grecia da Europa, a Turquia actual ; onde cultivaram muitos logares, e propagaram os seus conhecimentos e as suas artes, infundindo o gosto por suas mercadorias ; porém outros povos, os Natolios e os Corinthios tambem com elles rivalisaram n'estas paragens, e chegaram a supplanta-los. Entretanto a Grecia não pôde nunca libertar-se da influencia dos Phenicios no seu commercio, porque só d'elles recebia certos generos de moda, de luxo, e particularmente objectos para uso dos sacrificios, como os aromas, os fructos, as resinas e os mineraes. O commercio, que os Phenicios faziam ao longo da costa septentrional da Africa, foi mais duradouro e pacifico. Foi alli que elles fundaram, sobre uma ponta de terra defronte da Sicilia, a sua famosa colonia de Carthago, que mais tarde veiu a ser um Estado poderoso. Todo o paiz adjacente foi guarnecido de villas e cidades coloniaes dos Phenicios, d'alli passaram á Sici-

lia, submeteram uma grande parte da ilha, onde tambem edificaram cidades, e da qual fizeram uma provincia, que ficou dependente dos Carthagezezes até o anno 200 antes do nascimento de J. C.

Não parou aqui esse espirito emprehendedor dos primeiros navegantes; elles passaram o estreito de Gibraltar e foram desafiar as columnas de Hercules, assim chamadas pelos antigos, porque symbolisavam os limites da terra pelo lado do occidente. Havendo desembarcado sobre as costas da Hespanha, elles acharam tanta prata, que se desfizeram dos seus utencilios e instrumentos de madeira, de pedra, de cobre e de ferro, para substitui-los por outros fabricados com aquelle metal; até ha tradição de que fundiram ancoras de prata. Fundaram logo uma colonia, celebre n'aquelles tempos, de que *Tarsis* ou *Tartesses* foi a Capital e ficou sendo o centro do seu commercio n'aquella região. Ainda assim não estava satisfeita a sua avidez; os mais audazes se embarcaram com intenção de transpôr os confins do mundo; foi então que elles arribaram a uma ilha (a Inglaterra), onde descobriram um novo metal, o estanho; — deram ao paiz o nome de *Ilha de Estanho*, e d'ahi em diante a navegação foi frequente e não interrompida.

Os Phenicios chegaram por fim, ainda que em tempos bem remotos, ao ultimo ponto das suas excursões maritimas, alcançando as costas septentrionaes da Allemanha, onde acharam o

*ambar* amarello, a que deram o nome de *electron*; elles o levaram para os paizes situados nas costas do Mediterraneo, principalmente para a Grecia, onde foi de tal modo admirado, que obteve logo maior preço do que o ouro, — e assim como ainda hoje adornamos os nossos anneis com pedras preciosas, foram então adereçados com *ambar*, como uma preciosidade. — D'este modo os Phenicios navegavam por todas as partes do mundo conhecido, levando a cada povo aquellas mercadorias, de que mais necessitava, ou estimava com preferencia. Para arredar a concorrência elles tiveram a lembrança de inventar fabulas e arteiros contos, com que occultavam o seu trafico, para reserva-lo para si sós; d'est'arte elles conservaram o exclusivo do commercio da Hespanha até seis seculos antes de J. C., como o da *Ilha de Estanho* e do logar d'onde tiravam o *ambar* (\*).

Uma das fabulas por elles inventadas, e espalhada com cuidado, era que, passadas as columnas de Hercules, o mar se tornava tão espesso como a geléa, e que com difficuldade se podia navegar n'esta vasa cheia de cannas cortantes, onde se viam monstros marinhos de medonho aspecto, e tambem rios de fogo. Se algum navio

---

(\*) *Ambar* ou *Alambre*, substancia bituminosa, odorifera, inflammavel e electrica: acha-se commummente nas praias, ou no mar do Baltico. A opinião hoje a mais seguida attribue a uma secção dos cetaceos, e particularmente das baleias, a producção do *ambar*.

estrangeiro ousava segui-los, apesar d'estes ter-  
riveis contos, elles procuravam attrahi-lo a pa-  
ragens, já d'antes conhecidas, com o fim de  
fazê-lo naufragar nos cachopos ou nos baixios,  
e muitas vezes eram os primeiros a encalharem  
para que o navio, que os seguia, tivesse a mes-  
ma sorte; porém antes tinham o cuidado de pôr  
a salvo todas as preciosidades, e só sacrificavam  
os navios cuja perda era reembolsada pelo fisco,  
quando voltavam ao seu paiz. Occultando d'esta  
arte suas viagens maritimas lograram por muito  
tempo que o ambar, hoje tão vulgar, fosse pouco  
abundante na Grecia, pois que sendo raro devia  
ser mais procurado.

Os Phenicios não se entregavam sómente ao  
commercio maritimo, tambem faziam o de terra  
por meio das caravanas, que enviavam para o  
norte, para o sul, e para o oriente. Elles tira-  
vam da Armenia, paiz limitrophe da Phenicia  
pelo norte, o ferro, o aço, os cavallos e esca-  
vos; traziam de Babylonia, e da Persia, que lhes  
ficava ao oriente, as télas preciosas e talvez a  
seda; dos paizes situados ao sul vinham-lhes os  
objectos mais estimados e de melhor gosto. O  
seu commercio se dilatava por toda a ribeira  
occidental do golfo Arabico, onde iam buscar  
os perfumes exquisitos, tão procurados pelos  
Gregos, pelos Romanos e pelos Judeos por causa  
dos sacrificios religiosos, em cujo serviço con-  
sumiam grande quantidade d'estes aromas. —  
Os Phenicios achavam de mais a mais n'esses  
paizes o ouro em abundancia e o marfim, ainda

que o elephante não habita a Arabia, nem esta terra produz especiarias nem ouro; — porém desde que se divulgou que os Phenicios vinham em busca d'estes objectos, os povos visinhos, e os de longinquas regiões se apressaram em trazer á Arabia os productos dos seus diversos climas. Os que habitavam para o oriente do golfo Persico, e os do outro lado, todos traziam aos Phenicios os fructos da India Oriental, sem que estes conhecessem o paiz d'onde lhes vinham; elles recebiam a canella, os pavões, os bugios e outros effeitos de Ceylão, e julgavam que tudo era da Arabia, principalmente a canella.

Como o commercio por caravanas é muito tardio, difficil, e cheio de perigos, os Phenicios tentaram abrir relações maritimas pelo golfo Arabico; um povo que habitava na costa septentrional d'este golfo, os Idumeos, e que já se occupava d'este commercio, oppoz-se fortemente á tentativa dos Phenicios; porém vencidos os Idumeos por David, logo que este Rei e seu filho Salomão, para edificar o Templo, pediram a Tyro architectos e obreiros, os Phenicios aproveitaram este favoravel ensejo para propôr a Salomão a construcção de uma frota na costa meridional do mar roxo; e para facilitar a empreza offereceram os seus melhores e mais praticos marinheiros. Por este meio saíram do golfo e foram aos mares das Indias, d'onde trouxeram directamente todas as raridades, que antes só obtinham pelas caravanas.

Este trafico directo foi porém de curta duração, porque os Idumeos havendo-se libertado novamente do jugo israelita, tornaram a fazê-lo por sua conta como d'antes; porém isto não impediu que os Phenicios continuassem a ser os almocreves (permitta-se-nos a expressão) de todo o mundo. A Inglaterra consumia a canella de Ceylão sem saber que existisse uma ilha com este nome, e Ceylão usava do estanho de Inglaterra ignorando a existencia do paiz d'onde lhe vinha. Os Phenicios fizeram tambem algumas descobertas, de que souberam aproveitar-se com muita habilidade, não só para augmentar o valor das mercadorias estrangeiras, que elles revendiam, como para dar incremento á sua propria industria. As mais notaveis descobertas foram sem duvida o *vidro* e a *purpura* (côr escarlata). — Tambem se lhes attribue a invenção dos tecidos de lã.

Refere-se que uns mercadores Phenicios, conduzindo salitre em uma embarcação, arribaram perto de Sydonia na embocadura do rio *Belus*; saltaram na praia, cuberta de uma areia mui fina e luzente, e alli acenderam fogo para preparar a sua comida; como não achassem pedras para formar uma trempe, trouxeram pedaços de salitre sobre os quaes collocaram a sua panella. — O salitre com o calor do fogo começou a inflammarse e a derreter-se; esta massa derretida se mesclou com as cinzas e com as areias; e quando esta fusão chegou a esfriar, depois da extincção do fogo, tornou-se solida, como

uma pedra transparente, — eis-aíhi pois a origem do vidro. — Durante muito tempo não souberam os Phenicios o uso que deviam dar a este achado; porém o espirito especulador d'aquelles homens logo lhes deparou um meio de aproveitá-lo fabricando enfeites e ornamentos; com os quaes obtinham por troca mercadorias de grande valor entre os povos mais ignorantes, que se fascinavam com o falso brilho d'esta massa luzidia.

Os antigos não usavam de vidros nas janellas; porém tinham cortinas e rotulas; os utensilios de que se serviam para os usos domesticos, e para beber sobretudo, eram de barro; tambem usavam de copos ou taças de metal. Seus espelhos eram fabricados com uma composição metallica; nem ha muito tempo que foram de vidro (\*). Em compensação ornavam as paredes das salas e dos quartos, e tambem o tecto, com laminas de vidro. A arte de fabricar o vidro passou depois para o Egypto, onde se lhe deram

---

(\*) Os primeiros espelhos foram de metal; Cicero attribue a invenção d'elles a Esculapio Deos da Medicina, e Moysés faz d'elles menção. Foi no tempo de Pompeo que fabricaram em Roma os primeiros espelhos de prata. Plinio falla de uma pedra brilhante, provavelmente o talco, susceptivel de dividir-se em laminas que, postas sobre um plano metallico, reflectem perfeitamente os objectos. Os primeiros espelhos de vidro appareceram na Europa no fim das Cruzadas; foram os Venezianos os que os fabricaram pelo anno de 1360 da nossa éra, muitos seculos depois que o vidro era empregado em muitos outros usos.

então diversas fórmãs, já soprando-o como se faz ordinariamente, ou trabalhando-o ao torno, ou talhando-o como hoje lapidamos o crystal. — Pela éra do nascimento de J. C., e durante os tempos que se seguiram, os Romanos tiravam do Egypto quasi todo o vidro, de que se serviam; — já então um artesão romano, no anno 15 da nossa éra, tinha descoberto o segredo da malleabilidade do vidro (\*).

---

(\*) A invenção do vidro attribue-se geralmente aos Phenicios; uns querem que fosse pelo anno de 1640, e outros 1450 antes do nascimento de J. C. D'alli passou aos Egypcios; mas foi um Romano quem descobriu a sua malleabilidade. S. Jeronimo, que viveu no seculo v, diz que em seu tempo se empregava o vidro nas janellas das casas. Gregorio de Tours falla dos vidros verdes, a meiado do seculo vi; e Fortunato tambem falla nas suas obras do mesmo assumpto a principio do seculo vii. — No anno de 674 o Prior do convento de Weymouth em Inglaterra tinha mandado vir da França alguns obreiros para guarnecer de vidro as janellas da sua igreja. A arte de polir, de gravar, de lapidar o crystal é attribuida a Gaspar Lehmann, a quem o Imperador Rodolfo II, morto em 1612, concedeu o titulo de gravador sobre vidro da sua casa. Em 1696 contavam-se noventa fabricas de vidro em Inglaterra. Vê-se ainda hoje em Leith, na Escossia, uma garrafa de vidro que foi fabricada em 1747, e póde conter 500 *litros* (decimetro cubico, que corresponde a 80/113 da canada portugueza). A maneira de fazer vidros de côres é de data muito antiga, porque já era conhecida no seculo vii. — As janellas da Abbadia de São Diniz, perto de Pariz, foram guarnecidas de vidraças de côres no seculo xii. A pintura sobre vidro começou em França no anno de 1410. (*Chantal, Manuel de Dates.*)

Um pastor phenicio apascentando o seu rebanho nos arredores de Tyro, sobre as bordas do mar, observou que o seu cão trazia o focinho tinto de um encarnado mui subido, que elle julgou ser sangue; e crendo que o cão estava ferido, quiz estancar o supposto sangue limpando-o com uma pouca de lã; porém qual não foi a sua admiração quando viu que a lã tomava a côr do mais bello escarlate, e que o cão não estava ferido!! Mostrando na cidade esta côr, agradou geralmente, tanto que o pastor começou a observar d'onde poderia ter nascido aquella feliz casualidade, — e chegou a descobrir que um *mollusco*, lançado pelo mar nas praias de Tyro, e que o seu cão tinha naturalmente esmagado com a bocca, continha um succo ou materia colorante, que dava tão bello matiz. — Em pouco tempo foi a purpura de Tyro tão afamada, que a antiguidade a considerou como uma das cousas mais preciosas, a tal ponto que só os Reis e alguns homens excessivamente ricos podiam usa-la. — Além da côr escarlate, havia outra especie, violete, que era igualmente muito estimada.

A purpura perdeu afinal toda a sua consideração pelo sexto ou setimo seculo da nossa éra; e a arte de prepara-la perdeu-se inteiramente a meiado do seculo xv, depois da tomada de Constantinopla, unico paiz onde ainda se fabricava. A concha ou marisco, de que os antigos tiravam esta bella côr, foi novamente descoberta alguns annos depois; porém inutilmente porque

já se não empregava como tinta, principalmente depois da descoberta da grãa, que produzem os insectos chamados *cochonilha* (\*). A materia colorante, que contém estes insectos da America (tambem os ha na Europa), resulta talvez da planta, de cujo succo se nutrem, e que soffre uma preparação chimica em seus corpos. Ignoramos como se opera este phenomeno, porém não é mais extraordinario, que o que se verifica

---

(\*) A cochonilha é um insecto que se cria, nutre e propaga, sempre pegado á folha da urumbeba (*opuncia*), que o vulgo ordinariamente denomina figueira do inferno, ou figueira da India. Tanto o insecto, como a planta que o nutre, é proprio do Mexico e de Guatemala, onde ainda hoje se colhe a preciosa grãa, que tanto realce deu em outros tempos ao seu commercio. — Os leitores que quizerem saber como se cultiva a planta, se propaga o insecto, e se prepara a tinta, consultem a *Corographia Brasilica*, tom. 1.º, pag. 150 e 151. — Já tivemos no Brasil a cochonilha, n'esta provincia do Rio de Janeiro, onde foi propagada em tempos do Marquez de Lavradio, Vice-Rei d'este Estado; segundo se vê no relatorio que o mesmo Marquez deixou ao seu successor Luiz de Vasconcellos em 1779. — (*Armitage, Historia do Brasil*, tom. 2.º, Appendice, documento n.º 1.) — Os Portuguezes tambem possuem o mesmo insecto ou outro da mesma especie, que se cria nas folhas de um arbusto, chamado *carrasco* (*quercus coccifera*), de que fazem a mesma tinta, a que dão o nome de *grãa de carrasco* ou *kermes*. Esta tinta foi celebre desde a mais remota antiguidade, porque os Carthaginezes, e depois os Romanos, a procuravam diligentemente na Lusitania, para tingir as *chlamydes* de seus Generaes, e os paludamentos dos seus Imperadores. — (*Panorama*, t. 1, p. 235.)

pela acção da ruiva dos tintureiros sobre os ossos dos animaes, que d'ella se nutrem (\*).

Homero, este antigo poeta grego, que viveu mil annos antes de J. C., deixou-nos uma descripção da maneira por que os Phenicios faziam habitualmente o seu commercio. Homens d'esta nação, diz o poeta, arribaram a uma pequena ilha da Sicilia; elles eram tão experimentados na arte de navegar como astuciosos e velhacos; as suas embarcações pintadas de preto estavam carregadas de adornos, e de luzentes enfeites. Uma Phenicia servia no palacio do Principe d'aquella ilha; esta rapariga era bella e muito

---

(\*) Antonio Mizaud, medico de Pariz, foi o primeiro que no meiado do seculo xvi fez reparo na acção singular que tem a ruiva dos tintureiros de dar uma côr vermelha aos ossos dos animaes, que d'ella se nutrem. Belchier, cirurgião de Londres, jantando um dia em casa de um tintureiro, reparou que os ossos de um pedaço de porco estavam vermelhos, e este animal havia sido alimentado com farelo ensopado em infusão da ruiva, que servia para a tintura das fazendas; fez depois muitas experiencias para certificar-se do facto, e ficou certo de que a ruiva tingia de côr vermelha os ossos dos animaes que d'ella se nutrem. Finalmente Duhamel, Haller, Detlef, Hunter e outros repetiram as experiencias, e ficaram convencidos da verdade. — M. Flourens submetteu ao mesmo tempo ás suas experiencias passaros e mamíferos, e compoz tres memórias ampliando os factos e explicando o phenomeno da maneira a mais completa, que é possível; — as quaes se acham na *Revue Scientifique* de Abril de 1840, debaixo do titulo — *Novas indagações acerca da acção da ruiva dos tintureiros sobre os ossos*, por M. Flourens.

entendida em obras de lavôr. — Quando os Phenicios o souberam, persuadiram-na que deixasse a casa de seu amo, e que os seguisse até Sydonia, onde as casas particulares resplandeciam e brilhavam com os adornos de bronze como em outras partes os palacios dos Principes. Convieram então em que, carregada a embarcação com os effeitos de retôrno, por um signal ajustado, a rapariga viria reunir-se-lhes, porém não com as mãos vasias.

Estes mercadores permaneceram na ilha durante um anno, emquanto vendiam, ou trocavam por outras mercancias, as suas bagatellas de brilhante apparencia; porém logo que o navio se achou carregado e prompto para suspender ancora, enviaram a palacio um homem ardiloso, que levou um colar de ouro adornado com ambar. Emquanto a Princeza e as outras mulheres do seu serviço estavam reunidas para admirar esta obra prima da arte, e discutiam sobre o preço, foi dado o signal á rapariga phenicia, que, levando tres copos do mais precioso metal, e conduzindo tambem um menino filho do Principe, foi ter á praia pela volta da noite. — Embarcaram-se todos, e durante seis dias com seis noites não cessaram de navegar; ao setimo dia morreu a rapariga, e seu corpo foi lançado ao mar. Emquanto ao menino, elles o venderam como escravo em uma das ilhas gregas visinhas. O mesmo Homero pinta frequentes vezes os Phenicios com este caracter proprio para as incursões maritimas, e cheios de astucia e

de fraude; e cita os Sydonios, como o povo que produziu as cousas mais admiraveis. —

Todavia, é nos Prophetas, principalmente Ezechiel e Isaias, onde achamos as mais minuciosas noções sobre a extensão do commercio dos Phenicios. Sentimos que os geographos modernos não estejam de acôrdo sobre muitos nomes dos logares mencionados, e por isso ignoramos os paizes que elles indicam; comtudo referiremos algumas passagens para prova do que avançamos: « O' Tyro, tu disseste: eu sou » de uma formosura perfeita, e situada no co- » ração do mar. De faia de sanir te fabricaram, » com todas as cubertas dos teus vasos do mar: » elles tomaram um cedro do Libano para te » fazer um mastro. Elles aplainaram os carvalhos » de Basan (provincia fronteira do lado da Sy- » ria) para os teus remos: e de marfim da » India fizeram os teus bancos, e de madeiras » das ilhas d'Italia as tuas camaras de popa. O » fino linho do Egipto (byssus) tecido em bor- » dadura te compoz a véla para se pôr no mas- » tro: o jacintho e a purpura das ilhas de Eliza » (talvez a Grecia) fizeram o teu pavilhão. Os » velhos de Gebal, e os mais habeis d'entre » elles, deram os seus marinheiros para te ser- » virem em toda a equipagem dos teus baixeis. » Os Persas, e os da Lydia, e os da Lybia eram » as tuas gentes de guerra no teu exercito.» » Os Carthaginezes que traficavam contigo, » trazendo-te toda a casta de riquezas, enche- » ram os teus mercados de prata, de ferro, de

» estanho, e de chumbo. A Grecia, Thubal, e  
» Mosoch (povos d'Asia Menor) tambem estes  
» sustentavam o teu commercio: trouxeram ao  
» teu povo escravos, e vasos de metal. Da casa  
» de Thogorma (na Armenia) trouxeram á tua  
» praça cavallos, e cavalleiros, e machos. Os  
» Syrios se metteram no teu trafico por causa  
» da multidão das tuas obras; expozeram á venda  
» nos teus mercados perolas e purpura, e es-  
» tofos bordados de pequenos escudos, linhos  
» finos e sedas, e toda a casta de mercadorias  
» preciosas. Os povos de Judá e da terra de  
» Israel foram os mesmos, que commerciarão  
» contigo no melhor trigo, elles pozeram de  
» venda nas tuas feiras o balsamo, e o mel, e  
» o azeite, e a resina. O de Damasco traficava  
» contigo pela abundante variedade dos teus  
» generos, pela multidão de varias riquezas, em  
» vinho generoso, em lãas da mais alva côr.  
» Os de Dedan traficavam contigo pelos teus  
» magnificos tapetes para assento. »

« A Arabia, e todos os Principes de Cedar,  
» estavam tambem mettidos na dependencia do  
» teu commercio: com cordeiros, e carneiros,  
» e cabritos vinham a ti para commerciar com-  
» tigo. Os vendedores de Sabá e de Reema com-  
» merciavam tambem contigo: com todos os  
» mais subidos aromas, e pedras preciosas, e  
» ouro, que expozeram á venda nos teus merca-  
» dos. Harau, e Chéne, e Eden estavam igual-  
» mente no teu negocio: Sabá, Assur, e Chel-  
» mad vinham vender-te as suas mercadorias.

» Os teus vasos faziam o teu commercio prin-  
» cipal, e tu foste cheia de bens, e elevada á  
» mais sublime gloria no coração do mar. Tu,  
» ó Tyro, que pela exportação das tuas mer-  
» cancias por mar encheste de bens a tantos  
» povos: pela multidão das tuas riquezas, e das  
» tuas nações enriqueceste os Reis da terra (\*). »  
Entretanto os dois prophetas, Ezechiel e Isaias,  
annunciaram que esta cidade, tão opulenta e  
cheia de magnificencia, estava proxima á sua  
ruina.

« As tuas riquezas, e os teus thesouros, e a  
» tua equipagem tão grande, os teus marinhei-  
» ros, e os teus pilotos que dispunham de tudo  
» o que servia á tua grandeza, e que governa-  
» vam a tua tripulação: tambem as tuas gentes  
» de guerra, que pelejavam por ti, com toda  
» a multidão do povo, que estava no meio de  
» ti: cairão todos juntos no fundo do mar no  
» dia da tua ruina (\*\*). Por ventura não é esta  
» aquella vossa cidade, que desde os primeiros  
» dias se gloriava na sua antiguidade? Leva-la-  
» hão os seus pés para longe andarem peregri-  
» nando. Quem formou este designio sobre Tyro  
» n'outro tempo coroada, cujos commerciantes  
» eram Principes, seus negociantes os inclytos  
» da terra? O Senhor dos exercitos formou este  
» designio, para derribar a soberba de toda a

---

(\*) Ezechiel, cap. 27.

(\*\*) Ezechiel, cap. 27, v. 27.

» gloria, e para reduzir á ignominia todos os  
» inclytos da terra (\*). »

Os Prophetas previam naturalmente esta desgraça, porque ao oriente de Tyro se levantavam poderosos Estados, e porque, como cidade mercantil muito rica, devia excitar a ambição dos conquistadores. Com effeito a sua ruina não tardou muito; Nabuchodonosor, este Rei guerreiro de Babylonia, marchou contra Sydonia e contra Tyro; apoderou-se facilmente da primeira, porém a segunda custou-lhe treze annos de um rigoroso assedio, porque os habitantes se defenderam com a maior bravura. — Quando lhes era já impossivel defenderem-se dentro dos seus muros, abandonaram a cidade, e foram refugiar-se em uma pequena ilha, que ficava defronte a muito pouca distancia. — Nabuchodonosor achou portanto a cidade quasi deserta; mandou-a destruir completamente, e matar os poucos habitantes que n'ella tinham ficado.

Os fugitivos porém edificaram sobre a ilha uma cidade mais opulenta que a primeira; e desde então substituiu, como emporio do commercio universal, a que tinha sido destruida. Conservou-se assim em toda a sua grandeza por espaço de quasi tres seculos, até que outro conquistador, Alexandre, Rei de Macedonia, cujo espirito ambicioso tinha concebido o projecto de submeter o mundo ás suas leis, veiu aniquilar o seu esplendor. Alexandre em seu

---

(\*) Isaias, cap. 23, v. 7-8-9.

transito não podia deixar intacta a rica e opulenta cidade de Tyro; os habitantes lhe offereceram viveres e dinheiro, mas não lhe franquearam as portas da cidade; este proceder irritou sobremaneira aquelle guerreiro, que logo decidiu apoderar-se d'ella de viva força. A cidade, edificada sobre uma ilha a meia legua distante da costa firme, estava cercada de muralhas mui elevadas; Alexandre ordenou então que se construísse um caminho de duzentos pés de largura com as ruínas da antiga cidade; e os Tyrios viram com espanto e admiração crescer esta calçada todos os dias, e chegar-se para a sua cidadela.

Achava-se esta estrada quasi acabada, quando uma violenta tempestade levou grande parte dos seus materiaes; Alexandre não desanimou por isso; mandou redobrar a actividade, e fez com que a frota viesse proteger os trabalhadores macedonios dos ataques dos Phenicios, e sobretudo dos seus busios (mergulhadores), que cavavam o cimento da obra impedindo a continuação. — Com estas providencias a calçada chegou até a ilha. O sitio começou então com tal furor, que em poucos dias as muralhas foram por terra; porém os Tyrios estavam prevenidos com outras ainda mais fortes pelo interior; sem embargo, o mesmo succedeu ás segundas, e os Macedonios entraram na cidade, onde os habitantes disputaram palmo a palmo todas as ruas e praças com tal arte, que os sitiantes tiveram que retirar-se sem outra alguma vantagem. Os Tyrios

então repararam as suas brechas, e quando começou novo ataque, elles envolveram em redes os sitiante abrasando-os com areia escandecida. — Alexandre quiz então retirar-se; mas por ultimo esforço, fez cercar a ilha pela sua frota e ordenou um ataque geral por todos os flancos.

Ainda assim não teria sido a cidade tomada, se uma louca superstição, um sonho desgraçado, não viesse desanimar a coragem dos Tyrios; persuadidos que um dos seus deoses queria abandoná-los, entregaram-se quasi á discrição do vencedor, sete mezes depois de um sitio rigoroso. — Alexandre, irritado pela demora que tinha soffrido em seus projectos da conquista do mundo, mandou queimar a cidade, crucificar dois mil prisioneiros e vender trinta mil como escravos. — Algum tempo depois mandou restabelecer de novo a cidade; porém nunca mais alcançou o seu antigo esplendor, apesar das novas fabricas e outras manufacturas que alli se estabeleceram.

Alexandre tendo marchado para o Egypto fundou, para o lado da embocadura occidental do Nilo, entre o lago Maréotis e o Mediterraneo, uma cidade a que deu o seu nome. Alexandria, protegida por tão poderoso patrono, tornou-se bem depressa o emporio do commercio do mundo, e servia de porto franco para todas as mercadorias, que vinham das costas meridionaes da Asia para a Europa, e das que iam da Europa para a Asia. Estas mercadorias eram trazidas da India, da Persia e da Arabia pelo golfo Arabico, d'onde passavam para o Mediterraneo pelos ca-

naes do Nilo. Como muitas vezes estes canaes se achavam seccos, por falta d'agua que os alimentasse, os navios tocando na costa desalijavam em um ponto que fosse mais perto do Nilo, e o carregamento passava, no espaço de algumas milhas, por terra para o rio. Foi por esta via que durante dezoitos seculos os Europeos receberam as especiarias da India, as sedas da Persia e os aromas da Arabia.

O commercio do Egypto foi feito durante muitos annos pelos Genovezes e Venezianos; as mercadorias, que vinham da India, tomavam algumas vezes outra direcção: ao sair do golfo Persico entravam pelo Euphrates até o logar em que este rio se dirige para o occidente; d'alli tomavam o caminho de terra pela Syria até ás costas do Mediterraneo, onde embarcavam de novo para a Europa. Soube-se finalmente que a Africa tinha limites pelo sul, e que havia um meio de passar á India directamente sem o inconveniente de descarregar os navios para transportar por terra as mercadorias. Desde que os Portuguezes dobraram o cabo da Boa Esperança, em 1497, o commercio, que faziam os Italianos pelo Egypto, foi completamente aniquilado.

---

---

---

# INDICE

## DO PRIMEIRO VOLUME.

---

PREFACIO . . . . .	pag.	V
CAPITULO I.		
Discurso sobre a historia. . . . .		1
CAPITULO II.		
Formação da nossa terra firme. . . . .		14
CAPITULO III.		
Creação das plantas, dos animaes e do homem. .		30
CAPITULO IV.		
Maneira de viver dos primeiros homens. Primeiras descobertas . . . . .		41
CAPITULO V.		
Descoberta da Agricultura. . . . .		50
CAPITULO VI.		
Descoberta da arte de cozer o pão, dos moinhos e das bebidas artificiaes. . . . .		60
CAPITULO VII.		
Primeiro expediente para haver fogo; para cozinhar; para trabalhar os metaes; e para construir casas. . . . .		72

INDICE

CAPITULO VIII.

Formação das differentes linguas sobre a terra.  
Dispersão dos homens. . . . . pag. 85

CAPITULO IX.

Formação dos Estados. . . . . 96

CAPITULO X.

Duvidas sobre a historia antiga. O Egypto. Obeliscos.  
Pyramides. . . . . 110

CAPITULO XI.

Cartas Egypcias. O Sacerdocio depositario das sciencias.  
Modo de calcular o tempo. Culto dos animaes.  
Labyrintho. Psammetico. . . . . 132

CAPITULO XII.

Abrahão. José. Moysés. . . . . 150

CAPITULO XIII.

Samsão. Saul. David. Salomão. . . . . 163

CAPITULO XIV.

A navegação. . . . . 179

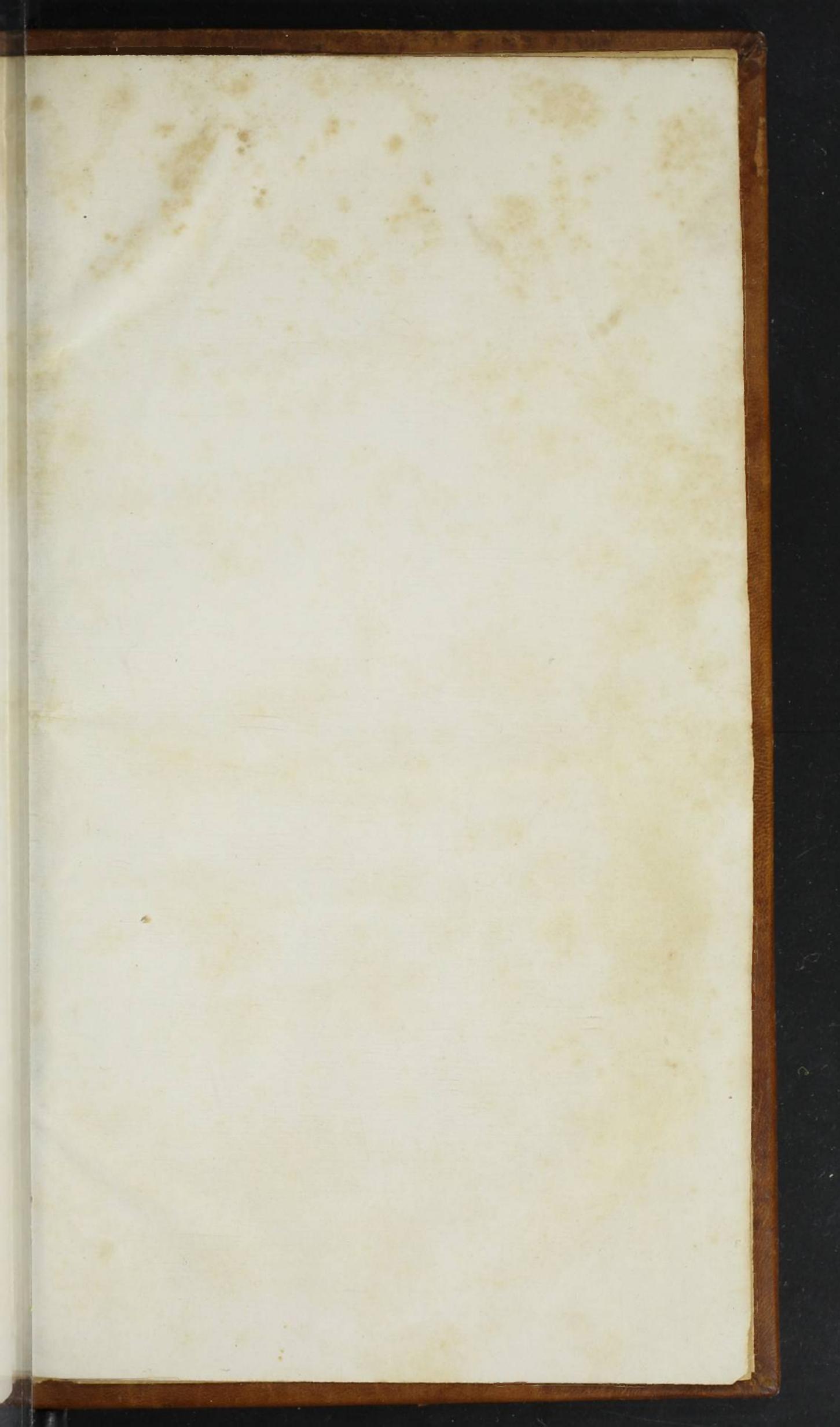
CAPITULO XV.

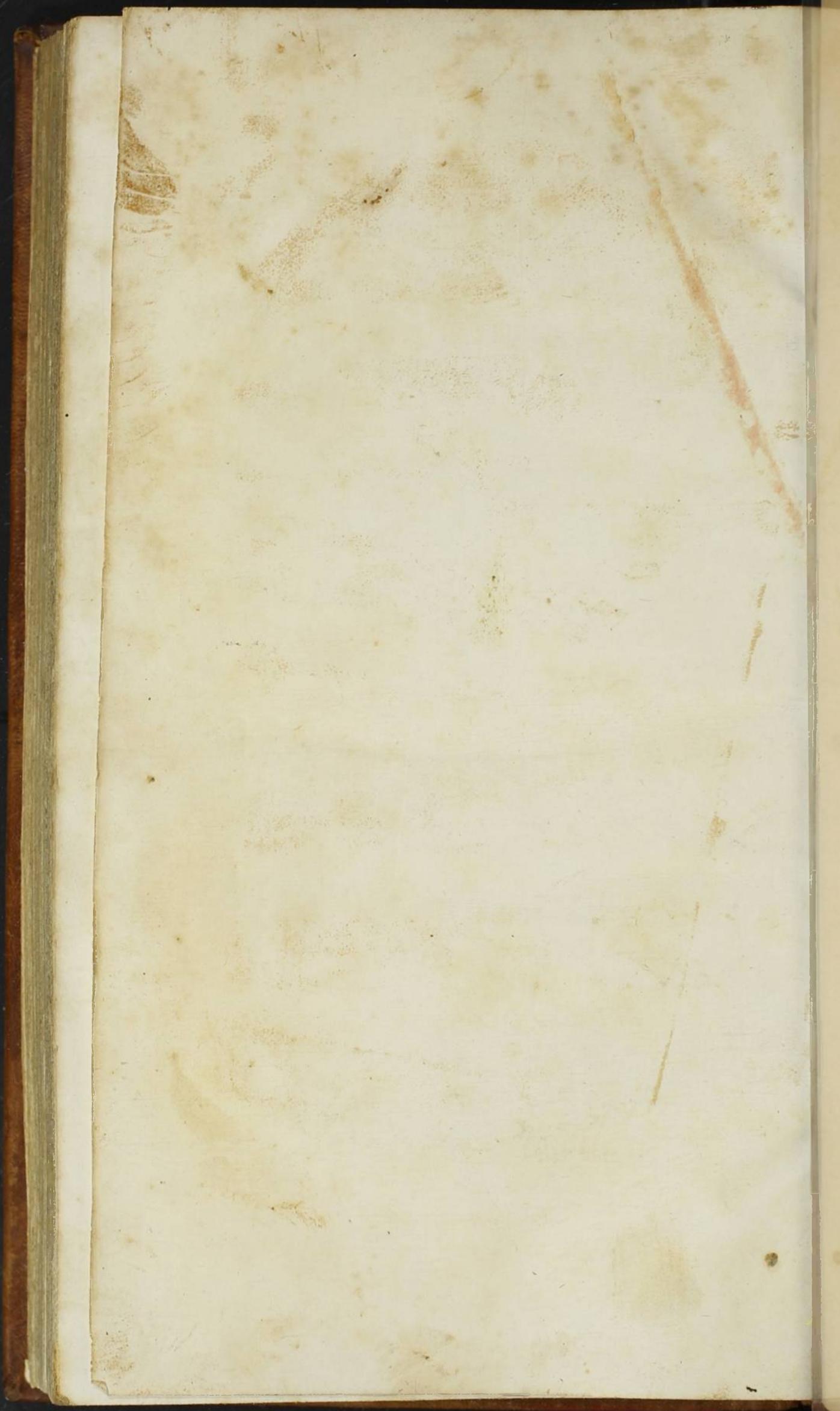
Commercio e moedas. . . . . 195

CAPITULO XVI.

Commercio, navegação, colonias e descobertas dos  
Phenicios . . . . . 219

FIM DO INDICE.







010362

